



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literaturas

LÍVIA MEDEIROS DE ALBUQUERQUE

EM DEFESA DOS MEGALOPOLITANOS E SOBRE A LIBERDADE DOS RÓDIOS,
DE DEMÓSTENES: TRADUÇÃO E ESTUDO SOBRE O *ETHOS* NOS PRIMEIROS
DISCURSOS DELIBERATIVOS DO ORADOR

Brasília

2017

LÍVIA MEDEIROS DE ALBUQUERQUE

EM DEFESA DOS MEGALOPOLITANOS E SOBRE A LIBERDADE DOS RÓDIOS,
DE DEMÓSTENES: TRADUÇÃO E ESTUDO SOBRE O *ETHOS* NOS PRIMEIROS
DISCURSOS DELIBERATIVOS DO ORADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos Literários Comparados/ Tradução e Comentário de Prosa Grega Antiga.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha

Brasília

2017

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Lucia Rodrigues da Rocha (Universidade de Brasília)

Membro Interno: Prof^a. Dr^a. Ana Rossi (Universidade de Brasília)

Membro Externo: Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes (Universidade de São Paulo)

Suplente: Prof^a. Dr^a. Germana Henriques de Sousa (Universidade de Brasília)

*Ao meu avô Clóvis Gomes de Albuquerque
(in memoriam),
que teria se aventurado
ao meu lado
nesse fascinante mundo de palavras.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Clóvis e Maria Helena, e irmãs, Camila e Mariana, pelo incentivo, cuidado e amor, com os quais me guiaram até aqui.

Ao meu companheiro Roney, pelo amor, pela paciência, e por tornar mais leves os momentos mais tensos dessa trajetória, com sua alegria sempre presente.

Às minhas gatas, Mary Jane, Lucy Aurora e Shirinbeka, por dividirem comigo a mesa de estudo e os meus próprios livros, pela presença constante em todas as horas de leitura e pesquisa.

À minha orientadora Sandra, por compartilhar comigo valiosos ensinamentos, por ter me orientado com paciência, e pela análise cuidadosa e atenta a cada detalhe.

Aos meus chefes, Mario Ronnie e Renato, e a meus colegas de trabalho, pela compreensão e pelo apoio, essenciais durante a fase mais intensa do desenvolvimento deste trabalho.

À minha amiga Dalva, por cuidar tão bem de mim e da minha família, com carinho e alegria.

À FAP-DF, pelo apoio financeiro ao projeto de pesquisa Retórica e Oratória na Grécia Clássica: (1) estudo e tradução de Demóstenes, no período de 2014 a 2017, que possibilitou o acesso à parte da bibliografia e à edição utilizada para as traduções.

Aos professores Ana Rossi, Daniel Rossi Nunes Lopes e Germana Henriques de Sousa, que aceitaram o convite para participar da banca de defesa dessa dissertação.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é oferecer tradução inédita em língua portuguesa dos discursos *Em defesa dos megalopolitanos* e *Sobre a liberdade dos ródios*, de Demóstenes, e analisar a forma como o orador projeta seu *ethos* no início de sua carreira como político, comparando-a com a projeção do *ethos* no discurso *Sobre a Paz*, da sua fase mais madura. O trabalho se divide duas partes. Na primeira, será feita a análise do *ethos* em Demóstenes, precedida de algumas considerações sobre essa categoria na *Retórica* de Aristóteles e nos tratados de retórica posteriores, de Demétrio, Apsines e Anônimo Segueriano. Na segunda, serão apresentadas algumas reflexões sobre tradução de oratória grega, bem como as traduções, acompanhadas de introdução e notas.

PALAVRAS-CHAVE: Demóstenes, retórica e oratória gregas, *ethos*, tradução.

ABSTRACT

This work aims to offer an unpublished translation into Portuguese of Demosthenes' speeches *For the Megalopolitans* and *On the freedom of the Rhodians* and a study about Demosthenes' projection of his *ethos*. I analyze how the orator projects his *ethos* at the beginning of his political career in comparison to the way he builds his *ethos* in the speech *On the Peace*, which was written in his mature period. The work is divided into two parts. In the first one, I offer an analysis of Demosthenes' *ethos*, preceded by some considerations about this category in Aristotle's *Rhetoric* and in later rhetoric treatises written by Demetrius, Apsines, and Anonymous Seguerianus. In the second one, I develop some reflections on the translation of Greek oratory in general, as well as I present the translations of the speeches, followed by introduction and notes.

KEYWORDS: Demosthenes, greek rhetoric and oratory, *ethos*, translation.

ÍNDICE

Introdução	8
Parte 1 - O <i>ethos</i> em Demóstenes: teoria e prática	
1.1. O <i>ethos</i> na teoria	15
1.2. O <i>ethos</i> na prática	20
1.3. Considerações finais	50
Parte 2 - Tradução	
2.1. Reflexões sobre a prática de tradução da oratória grega	60
2.2. Notas sobre as traduções	67
2.3. <i>Em defesa dos megalopolitanos</i>	
2.3.1. Introdução	68
2.3.2. Tradução	69
2.4. <i>Sobre a liberdade dos ródios</i>	
2.4.1. Introdução	77
2.4.2. Tradução	79
Referências Bibliográficas	89
Apêndice A: Mapas	
Mapa 1: Grécia, Mar Egeu.....	94
Mapa 2: Grécia, Mar Egeu e oeste da Ásia Menor.....	95
Mapa 3: Guerra do Peloponeso.....	96
Mapa 4: Segunda Liga Ateniense.....	97
Apêndice B: Links	
Links das traduções em português de oratória grega.....	98

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é oferecer tradução inédita em língua portuguesa dos discursos *Em defesa dos megalopolitanos* e *Sobre a liberdade dos ródios*, de Demóstenes, proferidos, respectivamente, em 353/2 e em 351/0 a.C, que, junto com o discurso *Sobre as Simorias*, de 354/3 a.C., compõem o grupo dos primeiros discursos deliberativos do orador de que se tem conhecimento. Pretende-se também realizar um estudo sobre o *ethos* nesses discursos, do início da carreira política de Demóstenes, em comparação com a projeção do *ethos* em sua fase mais madura, a partir da análise de trechos do discurso *Sobre a Paz*, de 346 a.C., proferido quando a sua reputação como político já estava consolidada.

Demóstenes nasceu de uma antiga família rica, no demo de Peânia, em 384 a.C.¹ Após a morte de seu pai, sua herança foi dilapidada sob o cuidado de seus tutores. Assim que atingiu a maioridade, Demóstenes escreveu uma série de acusações contra eles², as quais, apesar de não lhe terem permitido a recuperação total de seu patrimônio, renderam-lhe a reputação de habilidoso compositor de discursos judiciais. A partir de então, iniciou carreira como logógrafo, escrevendo discursos para casos judiciais de grande relevância política. A partir de 354 a.C., começou a participar da vida política de Atenas, proferindo discursos deliberativos na Assembleia³.

Entre os anos 346 e 324 a.C., Demóstenes exerceu grande influência na política ateniense, sendo reconhecido como defensor da democracia⁴, principalmente através de sua política antimacedônica, que visava preservar a independência de Atenas e manter Filipe II, rei da Macedônia, longe da Grécia Central⁵. Sua preocupação em relação a Filipe acabou se tornando realidade: depois de obter acesso à Grécia Central⁶, Filipe derrotou Atenas e seus aliados, na batalha de Queroneia, em 338 a.C., dominando a Grécia.

¹ Essa data é considerada a mais provável, embora não seja atestada (MACDOWELL, 2009, p. 18).

² *Contra Áfobo* (Dem. 27 e 28), *Contra Áfobo por Fano* (Dem. 29) e *Contra Onetor* (Dem. 30 e 31).

³ KENNEDY, 1963, p. 207.

⁴ Segundo Plutarco, o povo considerava Demóstenes um homem dedicado à pátria (*Dem.* 21.2).

⁵ Demóstenes escreveu uma série de discursos incitando os atenienses contra Filipe.

⁶ Em 346, após a celebração da paz de Filócrates com Atenas, Filipe conseguiu, de fato, estabelecer-se na Grécia Central: tomou o lugar dos focenses no Conselho dos Anfictiões e deteve o controle das passagens das Termópilas, que davam acesso à Grécia Central (ALBUQUERQUE e ROCHA, 2016, p. 69).

Ao fim de sua carreira, Demóstenes foi acusado de receber suborno de Hárpalos⁷, e condenado a pagar uma alta multa. Como não poderia pagar a pena que lhe foi atribuída, recorreu ao exílio. Pouco tempo depois de ter sido chamado de volta a Atenas, foi condenado à morte e cometeu suicídio.

Dos oradores áticos, é considerado o melhor, tanto pelo teor patriota e nacionalista de seus discursos⁸, como pela sua capacidade de misturar diferentes estilos retóricos.

Foi justamente essa particularidade do seu estilo que chamou a atenção dos oradores e críticos literários da antiguidade, que estudaram e imitaram sua forma de composição. Entre eles, podemos citar, como exemplo, Dionísio de Halicarnasso, que estudou o estilo do orador, em seu tratado *Sobre o Estilo de Demóstenes*; Demétrio, que o menciona em várias passagens do *Sobre o Estilo*; Hermógenes, que o cita diversas vezes em *Sobre as Formas de Estilo*, e que, como Dionísio de Halicarnasso, o considerava o melhor dos oradores; e Apsines e Anônimo Segueriano, que também o citam diversas vezes em seus tratados *Arte Retórica* e *Arte do Discurso Político*, respectivamente.

Dois de seus primeiros discursos deliberativos⁹ serão analisados na primeira parte deste trabalho, quanto à projeção do *ethos* do orador. A análise teórica será feita com base na *Retórica* de Aristóteles e nos tratados *Sobre o Estilo*, de Demétrio; *Arte Retórica*, de Apsines; e *Arte do Discurso Político*, de Anônimo Segueriano¹⁰.

Aristóteles compôs a *Retórica* durante século IV a.C.¹¹, quando Demóstenes desenvolvia suas atividades como orador. Seu tratado é resultado de suas investigações

⁷ Hárpalos, amigo de infância de Alexandre, e responsável pela guarda do tesouro real (*OCD*, s.v. *Harpalus*), buscou asilo em Atenas, e, supostamente, subornou Demóstenes para ficar ao seu lado, em favor da Macedônia.

⁸ Segundo Gagarin (2011, p. 1), esse caráter de seus discursos foi mais reconhecido em alguns períodos da história do que em outros.

⁹ *Em defesa dos megalopolitanos* (Dem. 16), de 353/2, foi o segundo discurso proferido por Demóstenes, e *Sobre a liberdade dos ródios* (Dem. 15), de 351/0, o terceiro. O primeiro foi o discurso *Sobre as simorias* (Dem. 14), de 354/3.

¹⁰ Adotei as siglas convencionais para a *Retórica* de Aristóteles (*Rh.*) e para o *Sobre o Estilo* de Demétrio (*Eloc.*). Com relação a Apsines, optei por fazer referência pela sigla convencional de seu nome (Aps.), para evitar ambiguidade em relação ao tratado de Aristóteles, cuja sigla é a mesma daquela da *Arte Retórica* de Apsines, ou seja, ambas as obras são convencionalmente abreviadas como *Rh.* As referências a Anônimo Segueriano serão feitas pela abreviação que adotei para seu nome (Anon. Seg.), visto que não há uma abreviação convencional para o autor ou seu tratado. Os demais autores gregos eventualmente citados também serão referenciados por esse mesmo sistema (*Helênicas* de Xenofonte = *Hell.*; *Vida de Demóstenes*, de Plutarco = *Dem.*; *Sobre a Invenção*, de Hermógenes = *Inv.*; *Descrição da Grécia*, de Pausânias = *Paus.*; e *Biblioteca Histórica* de Diodoro = *D.S.*).

¹¹ Acredita-se que a *Retórica* como a conhecemos hoje foi escrita em momentos diferentes e compilada posteriormente (RORTY, 1996, p. 1). Kennedy (2007, p. 5) afirma que grande parte do Livro I e, provavelmente, grande parte da discussão da segunda metade do Livro III é uma revisão do que

filosóficas e está fortemente relacionado à sua teoria ética e política¹², sendo considerado por Rorty o conselho de um homem prudente (φρόνιμος) e filosoficamente orientado dirigido aos oradores¹³. Em relação ao tratamento filosófico da retórica, nenhum outro tratado superou a *Retórica*, entretanto o mesmo não pode ser afirmado em relação às orientações para aplicação prática, nas quais é superado pela *Retórica a Alexandre* e outros manuais compilados por Aristóteles no *Συναγωγή Τεχνῶν*, que não chegou aos dias de hoje¹⁴.

Apesar de o foco principal da *Retórica* ser a oratória deliberativa, Aristóteles não fornece exemplos desse tipo de discurso¹⁵ em sua obra, mas, por outro lado, dedica uma grande parte do seu trabalho à psicologia humana, tratada a partir do caráter (*ethos*) e das emoções (*pathe*)¹⁶, que, ao lado do discurso (*logos*), constituem os três meios de persuasão artísticos – aqueles que são produzidos pelo orador através da arte da retórica (*Rh.* 1355b35-39 e 1356a1-4).

Os outros tratados são posteriores a Demóstenes (séc. I a III d.C.) e pertencem a uma época em que já havia uma forte tradição de ensino de retórica. Embora as

Aristóteles ensinava em seu curso de retórica. Uma das razões para acreditar nisso é a presença de algumas visões filosóficas que circulavam na Academia. Para Fortenbaugh (2006, p. 357), o Livro III tem muita influência da filosofia platônica, e, por essa razão, também acredita que o conteúdo dele seja do período acadêmico de Aristóteles. Fortenbaugh (2006, p. 383) afirma ainda que os Livros I e II formavam a *Arte Retórica*, enquanto o Livro III era um tratado separado sobre o estilo, provavelmente combinado aos dois primeiros por Andrônico, que editou o *Corpus Aristotelicum* na segunda metade do século I d.C.

¹² RORTY, 1996, p. 1.

¹³ “To sustain his reputation as a trustworthy guide on political matters, the exemplary rhetorician need not be a philosopher or a *phronimos*. He needs rather to be able to take advice from a philosophically oriented *phronimos*, who counsels him on standard issue fears and desires, on conditions for responsibility, on how to construct sound arguments. Call that person “Aristotle”. And call his advice, *The Rhetoric*.” (RORTY, 1996, p. 7).

¹⁴ ROBERTS, 1902, p. 14.

¹⁵ Segundo Trevett, Aristóteles apresenta apenas exemplos da oratória epidítica na *Retórica*, falhando em trazer exemplos de discursos deliberativos ou judiciais. Ele rejeita as explicações cronológica e política para essa ausência. A explicação cronológica de que Aristóteles não cita esses discursos porque foram proferidos em época posterior a que ele começou a escrever obra (em 360 a.C.) não merecem prosperar, uma vez que a *Retórica* possui diferentes seções que aparentam ter sido escritas em diferentes tempos, de forma que, embora ele possa ter começado a escrevê-la em 360, ainda estaria trabalhando nela em 330, o que se atesta pela presença de citações de oratória epidítica e anedotas dessa época (340-330). Nesse período, os discursos de Demóstenes, Lísias e Iseu já estavam disponíveis. Já a explicação política de que ele deliberadamente ignorou Demóstenes devido à sua política antimacedônica, não parece ser suficiente, já que ele também não cita oradores com visão política contrária ou neutra, como Ésquines e Lísias. Em sua opinião, Aristóteles selecionava exemplos familiares aos seus alunos, de forma que ou não selecionou esse tipo de discurso para leitura, ou eles não estavam disponíveis nesse formato – o que é mais provável, dado que há pouquíssimas evidências da leitura de discursos deliberativos no período, os quais não costumavam ser escritos, e nenhuma evidência de sua apreciação como objeto literário (TREVETT, 1996, p. 371, 376-7). Para Kennedy, essa falha em ilustrar e relacionar à retórica os tópicos éticos e políticos que discute, e a falta de exemplos de situações retóricas demonstra que Aristóteles provavelmente possuía um limitado conhecimento da oratória política (KENNEDY, 2007, p.22).

¹⁶ Os Livros I e II da *Retórica* são dedicados aos meios artísticos de persuasão, sendo a maior parte deles dedicada ao *ethos* e ao *pathos*.

condições democráticas que propiciaram o surgimento da retórica já não mais existissem, a retórica sobreviveu e se desenvolveu através do estudo, quando passou a fazer parte da educação formal¹⁷. Os maiores avanços na teoria retórica ocorreram, segundo Kennedy, no âmbito das escolas filosóficas, e não das de retórica: vários filósofos começaram a escrever tratados sobre aspectos específicos da retórica, iniciando um tratamento monográfico do tema, algo que acabou se tornando comum com o tempo¹⁸.

Apesar de pertencerem a momentos distintos, os três autores selecionados – Demétrio, Apsines e Anônimo Segueriano – pertencem à tradição aristotélica¹⁹, e tiveram acesso aos discursos de Demóstenes, considerando que o citam mais de uma vez como exemplo para suas disposições sobre o estilo, no caso de Demétrio; ou sobre a invenção²⁰, no caso de Apsines e Anônimo Segueriano.

O tratado *Sobre o Estilo*, atribuído a Demétrio, está cercado de dúvidas quanto a sua datação e autoria. Segundo Freitas²¹, “a datação varia entre o séc. III a.C. e o séc. II d..C., embora os estudos mais recentes tendam para um período entre o séc. I a.C. e I

¹⁷ KENNEDY, 1994, p. 82.

¹⁸ KENNEDY, 1994, p. 84.

¹⁹ Segundo Freitas, nota-se, em Demétrio, a influência do Livro III da *Retórica*, principalmente na introdução e nas considerações gerais sobre os tipos de estilo. À medida que os capítulos avançam, a influência diminui. Ele afirma, ainda, que quando Demétrio se alinha às concepções de Aristóteles, o faz de forma crítica, e que propõe alterações substanciais em relação ao conteúdo de algumas concepções (FREITAS, 2016, p. 34). A influência aristotélica em Anônimo Segueriano e Apsines, segundo Dilts e Kennedy, é observada pelo foco que os autores colocam na invenção; pelo uso dos conceitos de meios artísticos e não artísticos de persuasão e pela divisão dos meios artísticos em *ethos*, *pathos* e *logos*; a identificação do entimema e do paradigma como formas do argumento lógico, e considerações sobre os *topoi* (DILTS e KENNEDY, 1997, p. ix). É interessante registrar que Anônimo Segueriano, embora não trate da divisão dos meios de persuasão em artísticos ou não artísticos, reconhece o caráter persuasivo do *ethos* e do *pathos*, quando trata da narração (89 e 94). Já Apsines, por sua vez, aplica esse conceito às objeções (*ἀντιθέσεις*), com a mesma definição de Aristóteles, mas não menciona a divisão das objeções artísticas, como faz Aristóteles em relação aos meios de persuasão, apenas fornece exemplos das não artísticas – documentos escritos, evidências obtidas da tortura de escravos, menções sobre o que foi dito em relação à legalidade e testemunhos (4.1-2 e 9.21).

²⁰ Segundo Solmsen (1941, p.37-38), Aristóteles criticava o sistema precedente que organizava a teoria retórica a partir das partes do discurso (proêmio, narração, epílogo, etc.), pois o considerava superficial. Por essa razão, organizou a *Retórica* em três categorias que ele acreditava representar as qualidades essenciais dos discursos (*Rh.* 1403b6-8): provas (*πίστεις*), ou seja, o conteúdo dos discursos, que é a parte em que Aristóteles trata das teorias do argumento retórico, das emoções e do caráter do orador; estilo (*λέξις*); e disposição (*τάξις*). Solmsen (1941, p.47) acredita que desta divisão aristotélica derivou aquela que aborda o assunto em cinco partes: invenção (refere-se ao conteúdo do discurso e corresponde às provas de Aristóteles), disposição, estilo, pronúnciação e memória. A pronúnciação (*ὑπόκρισις*) foi considerada por Aristóteles como um suplemento necessário às três partes que ele discute (*Rh.* 1403b21-36); já a memória (*μνήμη*) não foi tratada por Aristóteles e não se sabe ao certo quem foi o primeiro retor a adicioná-la à teoria retórica (SOLMSEN, 1941, p. 47). Apsines e Anônimo Segueriano organizaram seus tratados a partir daquelas partes do discurso que Aristóteles criticava, e trataram, em cada uma delas, da invenção, ou seja, do conteúdo do discurso.

²¹ FREITAS, 2011, p. 15.

d.C.’²². De qualquer forma, todas as supostas datas situam o texto em um período posterior ao de Demóstenes, no qual seus discursos já estavam disponíveis para estudo. Em relação à autoria, o tratado foi convencionalmente atribuído a Demétrio, embora não seja certo que esse fosse o nome do autor, e, ainda se fosse, não seria possível especificá-lo, pois não há registros de qual Demétrio, dentre os 130 que aparecem nos maiores dicionários clássicos, possa tê-lo escrito²³.

Sobre o Estilo consiste de uma introdução, na qual Demétrio trata do período e suas partes, e na apresentação de 4 tipos de estilo: o estilo simples (ἰσχνός), o grandioso (μεγαλοπρεπής), o elegante (γλαφυρός) e o veemente (δεινός)²⁴, cada um deles abordado a partir de três aspectos: pensamento (διάνοια), composição (σύνθεσις) e vocabulário (λέξις)²⁵. Sua teoria apresenta uma inovação em relação à divisão tradicional corrente no século I a.C., que considerava apenas 3 tipos de estilo²⁶, sendo novidade o estilo veemente. A cada estilo segue-se a apreciação dos defeitos que se aproximam de cada um deles: a frieza (ψυχρός), para o grandioso; a afetação, (κακόζηλος) para o elegante; a secura (ξηρός), para o simples; e a falta de graça (ἄχαρις), para o elegante.

O *ethos* aparece de forma indireta na obra de Demétrio, como o caráter que orador pode aparentar ao usar determinada estrutura estilística, que, às vezes, pode se manifestar naqueles mesmos aspectos considerados para cada estilo, como por exemplo, no § 6, em que ele associa a utilização de um colo²⁷ longo (aspecto da composição) à impressão de frieza do orador; ou no § 95, em que afirma que o uso de onomatopéias demonstra sabedoria. Além desse tratamento, ele faz uma referência ao *ethos* e ao *pathos* no § 28, quando trata dos colos com igualdade fônica, informando que esse tipo de colo não é útil para expressar o caráter ou as emoções, pois ambos requerem simplicidade em seu tratamento.

²² Kennedy afirma que, se o tratado realmente pertenceu ao séc. I a.C., *Sobre o Estilo* seria o primeiro trabalho monográfico sobre o estilo de que se tem conhecimento (KENNEDY, 1994, p. 89).

²³ Segundo Roberts (1902, p. 62-3), vários ‘Demétrios’ foram sugeridos como prováveis autores: Demétrio de Falero; Demétrio, o sofista alexandrino; Demétrio de Pérgamo; e Demétrio *Syrus*. O tratado chegou também a ser atribuído a Dionísio de Halicarnasso.

²⁴ Os termos gregos serão incorporados ao texto em sua forma nominativa, no caso dos substantivos ou adjetivos; ou, no caso dos verbos, em sua forma dicionarizada.

²⁵ O termo λέξις pode ser usado tanto para designar estilo, de modo geral, ou a escolha das palavras. Aristóteles, no Livro III da *Retórica*, usa o termo λέξις para se referir ao estilo. Já Demétrio utiliza a palavra ἐρμηνεία para estilo (o título de seu tratado é Περί ἐρμηνείας), e λέξις para se referir ao vocabulário (FREITAS, 2011, p. 23, n. 62).

²⁶ FREITAS, 2011, p. 15.

²⁷ São “elementos típicos da prosa, com função análoga aos versos na poesia. Em outras palavras, delimitam o discurso, criando pausas necessárias tanto para quem o profere, quanto para aquilo que está sendo proferido” (FREITAS, 2011, p.21).

Os tratados *Arte do Discurso Político*, de Anônimo Segueriano, e *Arte Retórica*, de Apsines, pertencem ao mesmo período e fornecem, segundo Dilts e Kennedy, um bom exemplo de como a retórica era ensinada na Grécia nos séculos II e III d.C.²⁸.

O tratado *Arte do Discurso Político*, de autoria desconhecida, foi descoberto em 1838 por Séguier, Marquês de Bison, de quem deriva o nome Anônimo Segueriano. É provável que o autor fosse um estudante que resumiu os principais tópicos sobre invenção e disposição para seu próprio uso, considerando que ele não traz nenhuma opinião própria e apresenta, diversas vezes, as disposições de retores como Alexandre, filho de Numênio, Néocles, Harpocrácion e Zeno, além de mencionar os apolodoreanos²⁹. Com base nisso, estima-se uma data posterior a esses retores, num momento em que eles ainda são as melhores fontes sobre retórica: fim do séc. II, ou início do séc. III d.C.³⁰. Vários oradores áticos são citados em sua obra³¹, o que demonstra, se considerarmos que seu trabalho é de fato um resumo sobre as disposições sobre a invenção presentes em outros autores, que os discursos daqueles oradores serviram de base para as reflexões desses retores.

O tratado *Arte Retórica* é atribuído a Valério Apsines de Gadara, que ensinava retórica em Atenas no século III d.C. Seu tratado, segundo O'Rourke, tem uma significância modesta dentro da arte retórica, que repousa principalmente em suas disposições sobre as preparações para a prova, refutações e sobre a piedade³². Apesar disso, é um dos poucos textos completos sobre retórica do período.

Em sua obra, Apsines oferece orientações e técnicas para quem deseja escrever peças retóricas, que exemplifica com citações da literatura grega, incluindo discursos dos oradores áticos³³, e com temas de declamação de sua época³⁴, o que também

²⁸ DILTS e KENNEDY, 1997, p. iv.

²⁹ Kennedy acredita que seu trabalho não foi publicado, mas preservado acidentalmente (KENNEDY, 2003, p. 300).

³⁰ KENNEDY, 2003, p. x-xiii.

³¹ “The quotations from Greek literature and themes of declamation cited by anonymous Seguerians are taken from his sources and are not his own choice. Quotations often deviate somewhat from our standard texts, and have been copied from source to source or quoted from memory. Demosthenes is cited 28 times; Homer 5 times; Aeschines 4 times. Lysias, Isocrates, and Lycurgus twice; Sophocles, Thucydides, Plato, Hyperides, Menander, Demades and Demetrius of Phaleron one each” (DILTS e KENNEDY, 1997, p. xv).

³² O'ROURKE, p. 37.

³³ Demóstenes, o orador mais admirado por Apsines, é citado 86 vezes em seu tratado (DILTS e KENNEDY, 1997, p. xvii).

³⁴ Em Aps. 4.15, é possível observar esses dois tipos principais de exemplos que aparecem em seu tratado: “ἐνίοτε δὲ καὶ δύο ἀντιθέσεις κατὰ ταῦτὸ συνάπτοντες εἰσάγομεν, χωρὶς δ' ἑκατέραν λύομεν. ἔστι μὲν καὶ παρὰ τοῖς ἀρχαίοις παραδείγματα, ἔστι δὲ καὶ παρ' ἡμῖν” (“Sometimes also we introduce two objections. Joining them into one, but we refute each separately. There are examples among the ancient writers and there are also among us”. Tradução de Dilts e Kennedy).

demonstra que grande parte de suas orientações provém da leitura e do estudo dos discursos daqueles oradores.

Nenhum dos dois autores, embora pertençam à tradição aristotélica, dão à persuasão pelo *ethos* a mesma atenção que deu Aristóteles. O foco de seus tratados está na invenção. Anônimo Segueriano está mais interessado em questões teóricas³⁵ e Apsines, em informações sobre as visões dos retores que o antecedem, de forma que os tratados se complementam³⁶.

Ambos reconhecem o poder de persuasão do *ethos*³⁷, mas abordam essa categoria indiretamente. Anônimo Segueriano fornece uma definição do *ethos* em oposição ao *pathos*, que atribui a Néocles (Anon. Seg. 223): este é uma condição temporária da alma, enquanto aquele, um estado permanente. Em suas disposições sobre o proêmio e o epílogo, Anônimo Segueriano trata do *ethos* em termos de seus efeitos emocionais, como por exemplo, no § 14, em que afirma que uma das formas de o orador conseguir a atenção dos ouvintes é demonstrar sua credibilidade.

Apsines não faz nenhuma menção explícita ao *ethos*, que, em seu tratado, também aparece de forma indireta, como por exemplo, em 4.8, quando, tratando das objeções, afirma que o orador deve juntar a elas os argumentos em apoio, criando a impressão de credibilidade (ἀξιοπιστία): o *ethos*, aqui, é uma consequência de suas orientações para a elaboração das objeções.

Esses são, portanto, os autores e as categorias que serão utilizados como base para a análise que constitui a primeira parte da dissertação.

A segunda parte do trabalho será dedicada à tradução, acompanhada de introdução e notas, dos discursos *Em defesa dos megalopolitanos* e *Sobre a liberdade dos ródios*, de Demóstenes. Além disso, contará também com algumas reflexões sobre a proposta dessa tradução, resultado das inquietações suscitadas pela tarefa de traduzir uma língua antiga e pela tentativa de estabelecer uma relação mais concreta com o texto grego.

Este trabalho contém também alguns mapas da Grécia Antiga, para permitir a visualização e contribuir para a compreensão das relações entre as diferentes cidades gregas, ou entre a Grécia e os impérios que a cercavam.

³⁵ Segundo Kennedy (2003, p. 300), ao contrário da maioria dos retores gregos, Anônimo Segueriano cita suas fontes, o que confere a seu tratado um interesse especial.

³⁶ DILTS e KENNEDY, 1997, p. x.

³⁷ Anônimo Segueriano, ao tratar da narração, admite que o *ethos* tem efeito persuasivo (Anon. Seg. §94), e Apsines, também tratando da narração, afirma que as narrações podem ser éticas, quando se referem ao próprio caráter do orador (Aps. 3.29).

PARTE 1 - *ETHOS*: TEORIA E PRÁTICA

1.1. O *ethos* na teoria

No início da *Retórica* (*Rh.* 1354a11-21), Aristóteles critica aqueles que escreveram sobre a retórica por ocuparem-se apenas de uma parte dessa arte: a persuasão pelas emoções. E, dentre os teóricos abordados neste trabalho, ele é o único que trata também da persuasão através do caráter, oferecendo, para isso, uma extensa reflexão sobre a psicologia humana³⁸.

Aristóteles trata da persuasão pelo caráter em dois momentos, mas fala muito pouco sobre ela. No capítulo 2 do livro I da *Retórica* (*Rh.* 1355b35-39 e 1356a1-13), o filósofo atribui ao *ethos* a mesma importância dos outros dois meios artísticos de persuasão – a emoção despertada nos ouvintes e aquilo que o discurso demonstra ou parece demonstrar³⁹, afinal

[...] uma vez que a retórica tem por objetivo formar um juízo (porque também se julgam as deliberações e a acção judicial), é necessário não só procurar que o discurso seja demonstrativo e digno de crédito, mas também que o orador mostre possuir certas disposições e prepare favoravelmente o juiz⁴⁰. (*Rh.* 1377b21-24)⁴¹

A persuasão através do caráter ocorre quando o orador deixa em seus ouvintes a impressão de ser digno de confiança (ἀξιώπιστον)⁴², pois as pessoas tendem a acreditar mais naquelas que são honestas. Essa confiança deve ser resultado exclusivamente do discurso, e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador⁴³ (*Rh.* 1356a5-13)⁴⁴.

³⁸ Segundo Rorty (1993, p.8), essa psicologia é útil para os três meios de persuasão, pois, conhecendo a psicologia de sua audiência, o orador pode se apresentar como digno de confiança, pode tratar dos interesses da audiência de forma persuasiva, e, ainda, encontrar as premissas básicas para seus argumentos.

³⁹ Aristóteles distingue, na *Retórica*, dois tipos de provas: as provas técnicas (ἐντεχνοὶ πίσθεις), que são aquelas produzidas pelo método e pelo orador (ἦθος, πάθος e λόγος), e as provas não técnicas (ἄτεχνοὶ πίσθεις), que são aquelas que não são produzidas pelo orador – testemunhos, confissões sob tortura, documentos etc. (*Rh.* 1355b35-40).

⁴⁰ Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena (1998), que será utilizada para as citações da *Retórica*. Utilizei a tradução de Isis Borges da Fonseca em apenas uma ocasião, conforme n. 107.

⁴¹ *Rh.* 1377b21-24: “ἐπεὶ δ’ ἔνεκα κρίσεώς ἐστιν ἡ ῥητορικὴ (καὶ γὰρ τὰς συμβουλάς κρῖνουσι καὶ ἡ δίκη κρίσις ἐστίν), ἀνάγκη μὴ μόνον πρὸς τὸν λόγον ὄραν, ὅπως ἀποδεικτικὸς ἔσται καὶ πιστός, ἀλλὰ καὶ αὐτὸν ποιόν τινα καὶ τὸν κριτὴν κατασκευάζειν.”

⁴² Segundo Carey, possuir um caráter confiável era extremamente importante em Atenas no contexto de competição individual por influência (CAREY, 1994, p. 35).

⁴³ Embora considere impressionante a teoria do *ethos* de Aristóteles, Kennedy critica sua declaração de que o caráter resulta exclusivamente do discurso, deixando de reconhecer o papel da reputação prévia do orador. Para ele, os meios não técnicos de persuasão deveriam incluir também a aparência e a autoridade do orador (KENNEDY, 2007, p. 22).

Já no capítulo 1 do Livro II, Aristóteles relaciona a persuasão pelo caráter com a retórica deliberativa e apresenta três características que constituem o caráter persuasivo: prudência, virtude e benevolência (φρόνησις, ἀρετή e εὐνοία), afirmando que aquele que aparentar possuir as três qualidades inspirará confiança na audiência, e que a falta de uma delas pode levar os oradores a dizer inverdades. Ele afirma que os modos pelos quais é possível mostrar-se prudente e virtuoso podem ser deduzidos de suas considerações sobre as virtudes, enquanto falará sobre a benevolência e a amizade (φιλία) no capítulo dedicado às emoções (*Rh.* 1377b29-30 e 1378a7-20).

No capítulo 9 do Livro I, Aristóteles afirma que a virtude é o poder de produzir e preservar os bens, e de fazer o bem de muitas e grandes formas (*Rh.* 1366a36-38 e 1366b1-3)⁴⁵, e apresenta, em seguida, as partes (μέρη) da virtude: justiça (δικαιοσύνη), coragem (ἀνδρεία), temperança (σωφροσύνη), magnificência (μεγαλοπρέπεια), magnanimidade (μεγαλοψυχία), liberalidade (ἐλευθεριότης), amabilidade (πραότης), prudência (φρόνησις) e sabedoria (σοφία). Após definir cada uma dessas partes, ele define a prudência como “a virtude da inteligência mediante a qual se pode deliberar adequadamente sobre os bens e os males de que falamos em relação à felicidade” (*Rh.* 1366b21-23)⁴⁶.

Embora o filósofo defina a prudência como uma parte da virtude, ao apresentar as qualidades persuasivas do orador, ele as considera separadamente. Fortenbaugh explica isso partindo da análise de outras obras de Aristóteles: *Ética e Política*. Segundo o autor, a virtude completa abrange a prudência (φρόνησις) e a virtude moral (ἠτική ἀρετή), entretanto essas duas qualidades só estariam presentes em um indivíduo perfeito. Ele afirma que, na *Retórica*, Aristóteles deixa de lado a perfeição, por ser um ideal que não se encaixa na retórica deliberativa⁴⁷, e trata da prudência como um tipo de inteligência deliberativa que pode existir sem a virtude moral, da mesma forma que era possível na tradição que ele herdara⁴⁸, sobre a qual se falará em seguida.

⁴⁴ *Rh.* 1356^a8-10: “δεῖ δὲ καὶ τοῦτο συμβαίνει διὰ τοῦ λόγου, ἀλλὰ μὴ διὰ τὸ προδεδοξάσθαι ποιόν τινα εἶναι τὸν λέγοντα.”

⁴⁵ *Rh.* 1366a36-38 e 1366b1-3: “ἀρετὴ δ’ ἐστὶ μὲν δύναμις, ὡς δοκεῖ, ποριστικὴ ἀγαθῶν καὶ φυλακτικὴ, καὶ δύναμις εὐεργετικὴ πολλῶν καὶ μεγάλων, καὶ πάντων περὶ πάντα.”

⁴⁶ *Rh.* 1366b21-23: “φρόνησις δ’ ἐστὶν ἀρετὴ διανοίας, καθ’ ἣν εὖ βουλευέσθαι δύνανται περὶ ἀγαθῶν καὶ κακῶν τῶν εἰρημένων εἰς εὐδαιμονίαν”.

⁴⁷ Aristóteles relaciona a persuasão pelo *ethos* com a retórica deliberativa (*Rh.* 1377b29-30).

⁴⁸ FORTENBAUGH, 2006, p. 297-298: “Moving to the Ethics, we find in 6(5).12–13 an account of the fully virtuous individual. He is said to possess both wisdom (φρόνησις) and moral virtue (ἠτικὴ ἀρετή). Aristotle contrasts him with the man of natural virtue who has neither wisdom nor moral virtue in the strict sense. In the perfect individual, these two attributes are present together. To have the moral virtues is to have wisdom and vice versa. This notion of perfect goodness has attracted considerable attention

Em relação à benevolência, embora afirme que tratará dela no capítulo dedicado às emoções, Aristóteles, em nenhum momento fala, de fato, sobre ela, mas apenas da amizade, com a qual relaciona a benevolência⁴⁹.

Isso é quase tudo o que Aristóteles trata sobre a persuasão pelo caráter. Fortenbaugh⁵⁰ acredita que Aristóteles deixou de aprofundar sua discussão sobre o assunto, oferecendo em detalhes o modo como um orador pode demonstrar possuir as três características persuasivas, por ela já pertencer a uma tradição precedente⁵¹. Embora não se tenha tratado da persuasão pelo caráter antes de Aristóteles, ela já havia sido antecipada por Homero, Tucídides e Platão.

Em Homero, essa tríade é antecipada na figura de Nestor, quando discursa para Aquiles e Agamêmnon. Quando Nestor começa a falar, ele se caracteriza como mais velho que os outros dois, diz que já falou a homens melhores que nunca o desprezaram e lutou com bravos homens que seguiam seus conselhos. Ele demonstra sua superioridade em batalha e em aconselhamentos, ou seja, mostra-se corajoso e prudente⁵². Para Fortenbaugh, esses dois atributos, ao lado da benevolência de Nestor, que se infere do texto, antecipam as características que Aristóteles apresenta na *Retórica*⁵³.

Em Tucídides, elas aparecem em um discurso de Péricles, no Livro 2 das *Histórias*:

Pericles says that he is not inferior to anyone in regard to determining and expounding what needs to be done, that he is a friend of the city and superior

among scholars working on the Ethics. I shall not attempt an elucidation except to say that Aristotle hammers away at the idea of constant conjunction (“not without” 6.12 1144a30, 6.13 1144b17, 20, 31-32; “with” 6.13 1144b27, 30) without making clear what effect the presence of wisdom has on the several virtues. In Politics 3.4, Aristotle speaks of the virtues having another form (ἕτερον εἶδος 1277b17), but the idea is not developed. For our purposes the important point is that full or perfect virtue is an ideal that has little to do with rhetoric, or more cautiously, with a rhetoric that can be of service to the citizens of an actual city-state. Aristotle is fully aware of that, and in the Rhetoric he leaves aside perfect goodness. When he speaks of wisdom, he is thinking of the kind of deliberative capacity that can exist apart from moral virtue. If that were not so, he could omit not only a reference to goodwill but also one to virtue. But he is thinking within a long tradition, such that wisdom need not imply virtue and virtue may include more than strictly ethical dispositions.”

⁴⁹ Essa relação é visível quando Aristóteles afirma que tratará da benevolência junto com a amizade, no capítulo dedicado às emoções (*Rh.* 1378a16-20).

⁵⁰ FORTENBAUGH, 2006, p. 285-293.

⁵¹ Fortenbaugh afirma, após fornecer exemplos em Homero e em Tucídides, que, se essa ideia da persuasão pelo caráter não estivesse fortemente enraizada na tradição, Aristóteles teria fornecido maiores detalhes (FORTENBAUGH, 2006, p. 290).

⁵² Fortenbaugh usa aqui o termo *wisdom*. Utilizei o termo prudência porque ele afirma que essas duas características que Nestor demonstra estão presentes entre os atributos que constituem a teoria ética de persuasão de Aristóteles, o que indica que ele está traduzindo φρόνησις por *wisdom*. Como Aristóteles elenca a sabedoria (σοφία) entre as partes da virtude, preferi manter essa tradução para evitar conflito, sempre que a palavra *wisdom* for usada para φρόνησις.

⁵³ FORTENBAUGH, 2006, p. 285-286.

to money (2.60.5). Here we have a tripartite characterization that clearly anticipates the Aristotelian triad: determining and expounding what needs to be done are marks of wisdom; being a friend of the city is a matter of goodwill toward one's audience; and being superior to money is a form of virtue. The second and third of the Periclean attributes are, of course, narrower than their Aristotelian counterparts; but now—in contrast with the Homeric passages just discussed—goodwill is claimed within the speech in accordance with Aristotelian theory. In what follows, Pericles reinforces his self-characterization by describing the person of opposite attributes, that is, the person who is unable to explain what he has determined, is hostile to the city and is unable to resist money (2.60.6).⁵⁴

Fortenbaugh⁵⁵ estabelece, ainda, uma relação entre a teoria de Aristóteles e uma passagem da fala de Sócrates para Cálicles, do *Górgias* de Platão. Dirigindo-se a Cálicles, Sócrates diz:

Eu tenho me deparado com inúmeros homens que são incapazes de me verificar porque não são sábios como tu, ao passo que outros, embora sábios, não desejam me dizer a verdade porque não se preocupam comigo como tu te preocupas. Estes dois estrangeiros aqui presentes, Górgias e Polo, apesar de serem sábios e meus amigos, carecem de franqueza e são mais envergonhados que o devido.⁵⁶ (*Grg*, 487a3-b2)

Aqui, Platão lista as três características do orador persuasivo (sabedoria⁵⁷, benevolência e virtude) e ainda reconhece, assim como Aristóteles, que aquele que não possui uma dessas qualidades está apto a dizer inverdades. Essas similaridades levam Fortenbaugh a crer na existência de uma tradição comum⁵⁸.

Pela tradição, é possível obter também uma definição de cada qualidade necessária à persuasão: a prudência é a capacidade de determinar e expor o que é vantajoso; a virtude é a imunidade a todo tipo de tentação; e a benevolência é a preocupação em fazer o que é melhor para a cidade⁵⁹. Essa definição de benevolência é próxima da definição de amizade de Aristóteles: “querer para alguém aquilo que pensamos ser uma coisa boa, por causa desse alguém e não por causa de nós” (*Rh*.

⁵⁴ “Péricles diz que ele não é inferior a ninguém em estabelecer e expor o que deve ser feito, que ele é um amigo da cidade e superior em dinheiro. Aqui temos uma caracterização tripartida que claramente antecipa a tríade aristotélica: determinar e expor o que deve ser feito, assinala prudência; ser amigo da cidade é uma questão de benevolência com sua audiência; ser superior em dinheiro é uma forma de virtude. Os segundo e terceiro atributos de Péricles são, é claro, mais restritos que seus correspondentes na teoria de Aristóteles, mas, agora, em contraste com as passagens de Homero discutidas, a benevolência é afirmada pelo discurso, de acordo com a teoria aristotélica. Em seguida, Péricles reforça seu caráter descrevendo alguém com os atributos opostos, ou seja, alguém incapaz de explicar o que estabelece, hostil à cidade, e incapaz de resistir ao dinheiro” (FORTENBAUGH, 2006, p. 287-8, tradução minha).

⁵⁵ FORTENBAUGH, 2006, p. 291.

⁵⁶ Tradução de Daniel R. N. Lopes.

⁵⁷ O termo que Platão usa é σοφία.

⁵⁸ FORTENBAUGH, 2006, p. 291.

⁵⁹ FORTENBAUGH, 2006, p.295.

1380b34-36)⁶⁰, o que explica, segundo Fortenbaugh, porque o filósofo relacionou uma com a outra⁶¹.

Enquanto Aristóteles acredita que a projeção do caráter do orador tem um efeito persuasivo na audiência porque ela estabelece uma relação de confiança entre eles, Anônimo Segueriano acredita que os efeitos que ela produz são emocionais. Quando discute sobre o proêmio dos discursos (Anon. Seg. 9), ele afirma que seu propósito é criar receptividade (εὐμάθεια), atenção (προσοχή) e benevolência (εὐνοια)⁶² na audiência. O *ethos* consegue tanto despertar a atenção da audiência, quando o orador se mostra digno de confiança, experiente e prudente (ἀξιόπιστος, εἰδώς, ἔμπειρος - Anon. Seg. 14) quanto a benevolência, quando ele mostra que deseja o que é melhor para todos, ou parece ser um homem honrado (χρηστός - Anon. Seg. 16).

Para Carey, *ethos* e *pathos* estão fortemente conectados porque um dos efeitos do *ethos* é justamente despertar a benevolência do ouvinte. Além disso, referências a virtudes cívicas, além de estabelecer um bom caráter, também despertam o sentimento de gratidão⁶³.

Aristóteles também reconhece que o proêmio pode ser usado para se conseguir a benevolência e a atenção do ouvinte, assim como despertar sua calma ou ira (*Rh.* 1415a34-36)⁶⁴. Sobre os modos de despertar benevolência, ele afirma que já os abordou (*Rh.* 1415b25-26)⁶⁵; em relação à atenção, ela é obtida quando o orador fala de coisas importantes, do que diz respeito aos ouvintes e do que é admirável e prazeroso, e deve ser suscitada em todo o discurso, pois os ouvintes se dispersam mais em outras partes do que no início (*Rh.* 1415b9-12).

Ao contrário de Anônimo Segueriano, Aristóteles não relaciona a atenção do ouvinte diretamente com a projeção do *ethos* do orador, mas com a necessidade de preparar a audiência⁶⁶. Embora esses recursos possam sugerir um determinado caráter – Aristóteles reconhece esse aspecto –, sua concepção de persuasão pelo *ethos*, segundo

⁶⁰ *Rh.* 1380b35-36: “ἔστω δὴ τὸ φιλεῖν τὸ βούλεσθαι τινὶ ἃ οἶεται ἀγαθὰ, ἐκείνου ἔνεκα ἀλλὰ μὴ αὐτοῦ”.

⁶¹ FORTENBAUGH, 2006, p. 293.

⁶² A benevolência é uma categoria tanto do *ethos* quanto do *pathos*.

⁶³ CAREY, 1994, p. 35.

⁶⁴ *Rh.* 1415a34-36: “τὰ δὲ πρὸς τὸν ἀκροατὴν ἐκ τε τοῦ εὐνοῦν ποιῆσαι [καὶ ἐκ τοῦ ὀργίσει] καὶ ἐνίοτε [τὸ] προσεκτικὸν [ἢ τοῦναντίον]”.

⁶⁵ Aristóteles afirma, em *Rh.* 1378a19-20, que tratará da benevolência e da amizade no capítulo dedicado às emoções, mas, conforme aponta Fortenbaugh (2006, p. 284), não há nenhuma análise da benevolência, nem no capítulo dedicado às emoções nem em outra parte da *Retórica*.

⁶⁶ Para Aristóteles, esses recursos para suscitar a atenção são externos ao discurso, mas necessários, pois o ouvinte é de baixo nível (φῶλος) e dá demasiada atenção àquilo que é externo ao assunto (*Rh.* 1415b4-8).

Fortenbaugh, não visa criar um efeito emocional na audiência, mas fornecer ao ouvinte, de forma imparcial, uma boa razão para prestar atenção ao que o orador diz e acatar seus conselhos⁶⁷.

Em Apsines, não há um tratamento dedicado à projeção do *ethos*, e, poucas vezes, o retor descreve um determinado tipo de caráter. A categoria aparece indiretamente, como, por exemplo, quando o autor apresenta exemplos para seu teorema do fator adverso: a desconfiança dos ouvintes em relação às intenções do orador pode ser um fator adverso. Se suspeitarem que ele fala em interesse próprio, o orador deve remover, de toda forma possível essa suspeita, ou entrelaçar seu interesse com o interesse da cidade (Aps. 1.42)⁶⁸, neutralizando qualquer hostilidade, e, em consequência obtendo a benevolência do ouvinte. Apesar de sua orientação ser uma forma de projeção da benevolência do orador (demonstrar que fala em benefício comum), Apsines não emprega aqui nenhum termo que se refira ao caráter.

O mesmo ocorre em Demétrio, em que o *ethos* não é abordado diretamente, mas aparece como um efeito que determinado tipo de estilo pode produzir, demonstrando que essa categoria está presente no discurso não apenas no que se diz, mas também na forma como se diz.

1.2. O *ethos* na prática

Considerando o que foi exposto sobre o *ethos* na seção anterior, propõe-se analisar a forma como Demóstenes projeta o seu caráter nos seus primeiros discursos deliberativos⁶⁹, comparando-a com o tratamento dado a essa categoria no discurso *Sobre a Paz*, de 346, época em que Demóstenes já era um político influente em Atenas, conhecido pelo seu patriotismo e pela defesa da democracia. Essa comparação tem o objetivo de verificar se há uma mudança na apresentação do seu *ethos* na medida em

⁶⁷ FORTENBAUGH, 2006, 301.

⁶⁸ Apsines ilustra esse tipo de fator adverso com um trecho de Demóstenes, mas não mostra exemplos da solução que aponta.

⁶⁹ À época do pronunciamento do discurso *Em defesa dos Megalopolitanos*, que, dos discursos analisados neste trabalho, é o mais antigo, Demóstenes não era um orador jovem – já tinha mais de 30 anos de idade e, embora alguns sejam de autoria duvidosa, já havia proferido e escrito vários discursos judiciais: *Contra Calipo* (Dem. 52), *Contra Áfobo* (Dem. 27 e 28), *Contra Áfobo por Fano* (Dem. 29), *Contra Onetor* (Dem. 30 e 31), *Sobre a Coroa de Trierarca* (Dem. 51), *Contra Pólicles* (Dem. 50), *Contra Evergo e Mnesibulo* (Dem. 47), *Contra Andrócion* (Dem. 2) e *Contra Leptines* (Dem. 20). Além destes, já havia proferido seu primeiro discurso deliberativo, *Sobre as Simorias* (Dem. 14). Entretanto, embora esses discursos tivessem lhe garantido a reputação de talentoso escritor de discursos judiciais, levando-o a iniciar sua carreira de logógrafo (KENNEDY, 1963, p. 207), Demóstenes ainda precisava estabelecer sua reputação como político diante da assembleia.

que a reputação do orador vai se estabelecendo. A análise será feita na ordem cronológica dos discursos.

Em defesa dos megalopolitanos

O discurso *Em defesa dos megalopolitanos*, de 353/2 a.C., é o segundo discurso deliberativo proferido por Demóstenes. Nele, o orador discute sobre o pedido de ajuda de Megalópolis, cidade da Arcádia, no Peloponeso, e aliada de Tebas, contra os ataques da Lacedemônia, aliada dos atenienses. Enquanto Tebas estava envolvida na Guerra Sagrada contra os focenses⁷⁰, a Lacedemônia tentava recuperar sua hegemonia no Peloponeso⁷¹, destruindo Megalópolis e dispersando seus habitantes⁷². Em 353, Atenas recebeu embaixadas de ambas as cidades, ocasião em que Demóstenes escreveu o discurso. O orador manifesta-se favoravelmente ao envio de ajuda à cidade, desde que ela desfaça sua aliança com Tebas. Seu objetivo com esse conselho é evitar que a Lacedemônia se fortaleça, caso consiga controlar novamente o Peloponeso; e, ao mesmo tempo, enfraquecer Tebas, privando-a de um dos seus aliados. Para o orador não seria bom para a cidade que nem Tebas, nem a Lacedemônia se tornassem fortes. Entretanto, sua política ia contra a opinião dos atenienses, que estavam temerosos de que o envio de ajuda à cidade pudesse quebrar a aliança com a Lacedemônia, cujo apoio acreditavam ser fundamental na recuperação de Oropo⁷³.

Demóstenes inicia o discurso com uma crítica aos atenienses que tinham falado antes dele, por se posicionarem a favor de um dos lados, como se fossem, de fato, lacedemônios ou arcádios, e não atenienses, destacando uma postura negativa que cita nos três discursos aqui analisados, a *philoneikia*⁷⁴:

⁷⁰ A 3ª Guerra Sagrada (357-346) foi declarada por Tebas, por intermédio do Conselho Anfictiônico, contra os focenses, em virtude do não pagamento da pena pelo cultivo em terra sagrada (ALBUQUERQUE e ROCHA, 2016, p. 65).

⁷¹ Desde 404 a.C., quando venceu a Guerra do Peloponeso, a Lacedemônia dominava aquela região (OCD, s.v. *Peloponesian War*). Após a derrota na Batalha de Leuctras (371 a.C.) para Tebas, a Lacedemônia começou a perder seu domínio na região, e as cidades da Arcádia iniciaram um movimento democrático antilacedemônico, que contou com a ajuda de Tebas para se estabelecer (OCD, s.v. *Arcadian League*). Aproveitando o envolvimento de Tebas na 3ª Guerra Sagrada, os lacedemônios tentaram restabelecer sua hegemonia no Peloponeso.

⁷² Para melhor visualização das relações entre essas cidades, vide Mapa 1, no Apêndice A.

⁷³ Oropo localizava-se na Beócia, e era objeto de disputa entre Tebas e Atenas (BUCK, 1979, p. 19). Desde 366, quando Tebas obteve o controle da cidade, Atenas tentava recuperá-la (HORNBLOWER, 2011, p. 259).

⁷⁴ O termo *philoneikia* aparece nos três discursos aqui analisados: duas vezes em Dem. 5 (3 e 25), uma vez em Dem. 15 (17) e uma vez em Dem. 16 (1).

ἀμφοτέροί μοι δοκοῦσιν ἀμαρτάνειν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ οἱ τοῖς Ἀρκάσι καὶ οἱ τοῖς Λακεδαιμονίοις συνειρηκότες· ὥσπερ γὰρ ἀφ' ἑκατέρων ἦκοντες, οὐχ ὑμῶν ὄντες πολῖται, πρὸς οὓς ἀμφοτέροι πρεσβεύουσι, κατηγοροῦσι καὶ διαβάλλουσιν ἀλλήλους. ἦν δὲ τοῦτο μὲν τῶν ἀφιγμένων ἔργον, τὸ δὲ κοινῶς ὑπὲρ τῶν πραγμάτων λέγειν καὶ τὰ βέλτιστα ὑπὲρ ὑμῶν σκοπεῖν ἄνευ φιλονεικίας τῶν ἐνθάδε συμβουλευεῖν ἀξιούντων. [2] νῦν δ' ἔγωγε, εἴ τις αὐτῶν ἀφέλοι τὸ γινώσκεισθαι καὶ τὸ τῇ φωνῇ λέγειν Ἀττικιστῶς, πολλοὺς ἂν οἶμαι τοὺς μὲν Ἀρκάδας, τοὺς δὲ Λάκωνας αὐτῶν εἶναι νομίσει. (16.1-2)

Ambos os grupos me parecem estar errados, senhores atenienses, tanto aqueles que apoiam os arcádios, como os que apoiam os lacedemônios: pois, como se viessem de cada uma dessas cidades, e não como se fossem cidadãos da vossa, ambos atuam como embaixadores junto de vós e acusam e caluniam uns aos outros. E era isso tarefa dos que aqui chegam, enquanto falar publicamente sobre os acontecimentos e buscar as melhores soluções em benefício de vós, sem ambição de vencer os debates, é tarefa dos que se julgam dignos de aconselhar aqui. (2) E nessas condições, se deles tirassem o fato de serem conhecidos e de falarem em dialeto ático, eu ao menos penso que muitos considerariam que uns deles são arcádios e outros, lacedemônios.

Em sua crítica, Demóstenes destaca o modo como os outros oradores falaram: atacando e caluniando uns aos outros. Ele oferece aqui uma imagem clara de disputa entre eles, que é recuperada com o uso do termo *philoneikia*, no período seguinte, em que contrasta a tarefa dos embaixadores de outras cidades com a dos políticos atenienses.

A palavra *philoneikia* tem um sentido negativo dentro do contexto de debates da assembleia, pois ela descreve uma atitude que tem como objetivo a satisfação pessoal⁷⁵, e não o que é conveniente⁷⁶. O termo está exercendo aqui uma dupla função, pois, por um lado, reforça o caráter negativo daqueles oradores, e, por outro, deixa implícita a credibilidade de Demóstenes⁷⁷. Embora sua orientação seja no sentido de apoiar os megalopolitanos, ou seja, ele falará também em favor de um dos lados, ao criticar a prática da *philoneikia* por seus rivais, ele tenta mostrar seu caráter contrário: a sua benevolência, que se manifesta na preocupação em fazer o que é melhor para a cidade. Seu ouvinte deduzirá de suas palavras que, ao contrário dos outros oradores – que parecem representantes das embaixadas daquelas cidades e que falam imbuídos da ambição de vencer os debates –, ele não falará nem pelos lacedemônios, nem pelos arcádios, mas proporá, de forma imparcial, a linha de ação que julga ser a melhor para a cidade, mesmo que sua política possa favorecer um dos lados.

⁷⁵ *Philoneikia* significa gosto pelas querelas, amor pelas disputas (*Dicionário grego-português*, s.v. *φιλονεικία*). Optei por traduzir como ambição de vencer os debates, por ela estar sendo usada dentro do contexto deliberativo.

⁷⁶ O conveniente (τὸ συμφέρον), segundo Aristóteles, é o objetivo da deliberação (*Rh.* 1362a17-18).

⁷⁷ Kremmydas (2016, p. 48-49) considera o elogio e a crítica como técnicas de projeção do caráter do orador. Segundo ele, a caracterização negativa dos seus rivais é uma forma de o orador promover, implicitamente, sua credibilidade e integridade.

Ao mesmo tempo em que projeta seu caráter, Demóstenes trabalha a emoção da audiência: o orador desperta a atenção dos ouvintes tanto pela censura, como por deixar implícita a sua credibilidade. Mostrar-se digno de confiança (ἀξιόπιστος) e censurar (ἐπιτιμάω) os outros são, segundo Anônimo Segueriano, formas de despertar a atenção dos ouvintes (Anon. Seg. 14-15).

Nessa passagem, verifica-se que Demóstenes já utiliza algumas técnicas para despertar a atenção dos ouvintes, emoções que Anônimo Segueriano vai considerar, mais tarde, fundamentais para os proêmios (Anon. Seg. 9)⁷⁸.

Logo na sequência, o orador faz uma crítica ao modo de deliberar da assembleia:

ἐγὼ δ' ὁρῶ μὲν ὡς χαλεπὸν τὰ βέλτιστα λέγειν ἐστί· συνεξηπατημένων γὰρ ὑμῶν, καὶ τῶν μὲν ταυτί, τῶν δὲ ταυτί βουλομένων, ἂν τὰ μεταξὺ τις ἐγγχειρῆ λέγειν κἄθ' ὑμεῖς μὴ περιμένητε μαθεῖν, χαριεῖται μὲν οὐδέτεροις, διαβεβλήσεται δὲ πρὸς ἀμφοτέρους· (16.2)

E eu vejo como é difícil as melhores coisas vos falar, pois, por terdes sido enganados juntos, e querendo uns isto e outros aquilo, sempre que se tentar falar imparcialidades e, em seguida, vós não aguardardes para conhecê-las, não se agrada a nenhum dos dois lados e se será caluniado por ambos.

Agora, Demóstenes critica o modo de deliberar da própria assembleia, que não costuma dar atenção a propostas imparciais, que não sejam a favor ou contra um dos lados, utilizando um recurso que Demétrio chama de “modo figurado” (τὸ ἐσχηματισμένον). O uso do modo figurado deve ter em vista dois princípios: (1) a segurança, que significa não perder a audiência pelo modo de exposição; e (2) a decência do discurso, evitando falar de forma injuriosa. Essa forma de expressão é a indicada para se dirigir a pessoas que possuam o caráter do poder (τὸ ἦθος τὸ δυναστευτικόν), como reis, tiranos, ou líderes das grandes democracias, pois estes recebem críticas com desagrado, podendo não se interessar pelo conselho que será dado, sentir-se injuriados, ou até mesmo sentir antipatia por quem fala. Demétrio apresenta algumas estratégias para censurar ou aconselhar uma audiência com esse caráter: utilizar a ambivalência, deixando o ouvinte em dúvida se está sendo censurado ou não; usar um pronome dêitico com o objetivo de censurar sem parecer que o faz – ambas são formas de modalização do discurso em que a crítica é feita de modo sutil, sem aparentar sê-lo; apresentar os erros ou fazer críticas de forma indireta, reprovando outros que cometeram faltas semelhantes, ou elogiando aqueles que fizeram o oposto. O elogio permite que o ouvinte seja advertido, mas não se sinta injuriado. Pelo contrário, ele

⁷⁸ Anônimo Segueriano afirma que o objetivo do proêmio é despertar atenção, receptividade e benevolência nos ouvintes: “σκοπὸς δὲ τοῦ προομίου τὸ τοιόνδε παρασκευάσαι τὸν ἀκροατὴν· τέλος δὲ τὸ προσοχὴν καὶ εὐμάθειαν καὶ εὐνοίαν ἀπεργάσασθαι.” (Anon. Seg. 9).

emulará o outro e passará a aspirar ao elogio. Há também outra estratégia ligada ao elogio: elogiar aquele que está cometendo um erro não pela falta cometida, mas por aquelas que ele não cometeu. Dessa forma, a pessoa, prazerosamente, tomará a si própria como modelo e desejará receber ainda mais elogios por esse tipo de atitude (*Eloc.* 287-296). Além disso, o elogio também é uma forma de o orador obter a benevolência do ouvinte, pois, segundo Aristóteles, as pessoas são amigáveis (*φιλέω*) com aqueles que elogiam suas boas qualidades (*Rh.* 1381b36-38)⁷⁹.

No trecho citado, Demóstenes usa o modo figurado com uma construção hipotética, formada pelo uso do modo subjuntivo com a partícula *ἄν*: “*ἄν τὰ μεταξύ τις ἐγχειρῆ λέγειν κᾶθ’ ὑμεῖς μὴ περιμένητε μαθεῖν, χαριεῖται μὲν οὐδετέροις, διαβεβλήσεται δὲ πρὸς ἀμφοτέρους*” (sempre que se tentar falar imparcialidades e, em seguida, vós não aguardardes para conhecê-las, não se agrada a nenhum dos dois lados e se será desacreditado por ambos). Essa crítica indireta tem o objetivo de tornar a assembleia receptiva aos seus conselhos, que o orador afirma serem imparciais, sem desagradá-la, já que não está referindo-se diretamente a seus ouvintes. Caso o orador utilizasse uma construção no modo direto, com o modo indicativo, como no exemplo “quando alguém expõe soluções neutras, vós não esperais para conhecê-las, e ele não vai, então, agradar a nenhuma das partes”, sua afirmação, já no campo do real, soaria como uma acusação, podendo produzir um efeito negativo na audiência. Além disso, antes da crítica, Demóstenes antecipa uma justificativa para tal atitude, a partir de um fato que não depende da vontade da assembleia: é difícil aconselhar os atenienses sobre o melhor porque eles foram enganados, afinal, os que estão do lado dos lacedemônios querem uma coisa e os que estão do lado dos arcádios querem outra – nenhum dos dois lados falou realmente em benefício de Atenas. Dessa forma, o orador ameniza qualquer efeito de acusação que a crítica pudesse trazer. E essa justificativa completa sua crítica inicial aos outros oradores, pois Demóstenes quer demonstrar que, posicionando-se a favor de um lado ou de outro, aqueles oradores defendem uma ação que beneficia um lado ou o outro, enquanto ele, mantendo-se neutro, falará em favor do interesse de Atenas. E, ao contrário da crítica direcionada à assembleia – corpo político que representa a democracia –, esta foi feita de forma direta: o uso do indicativo aqui, modo usado para fatos reais, dá um tom de acusação contra esses outros oradores, uma acusação pessoal.

⁷⁹ Sobre a relação que Aristóteles estabelece entre benevolência e amizade, vide p. 17 e n. 49.

A modalização do discurso demonstra que Demóstenes tinha conhecimento do caráter de seu público, no caso, a assembleia, que representa a democracia, e que tratava disso com cuidado. Esse é um requisito importante ao bom orador, conforme destacou Aristóteles:

como as provas por persuasão não só procedem do discurso epidíctico mas também do ético (pois depositamos confiança no orador na medida em que ele exibe certas qualidades, isto é, se nos parece que é bom, bem disposto, ou ambas as coisas), será necessário que dominemos o caráter de cada forma de governo; pois o caráter de cada uma dessas formas é necessariamente o elemento mais persuasivo em cada uma delas. (*Rh.* 1366a8-14)⁸⁰.

Ao final do proêmio, Demóstenes reforça seu caráter benevolente e se mostra virtuoso:

οὐ μὴν ἀλλ' αἰρήσομαι μᾶλλον αὐτός, ἂν ἄρα τοῦτο πάθω, δοκεῖν φλυαρεῖν, ἢ παρ' ἃ βέλτιστα νομίζω τῇ πόλει, προέσθαι τισὶν ὑμᾶς ἐξαπατηῆσαι. (16.3)

Apesar disso, eu mesmo preferirei muito mais, se acaso experimentar isso, parecer dizer besteiras do que, contrariamente àquilo que eu creio ser o melhor para a cidade, permitir a alguns homens vos enganar.

O orador afirma preferir experimentar, em sua própria pele, uma situação negativa em relação ao seu caráter a permitir que a sua audiência seja enganada, resultando em prejuízo para a cidade.

Aqui, ele inicia o período com a partícula μὴν combinada com ἀλλά e οὐ⁸¹. Demétrio afirma que as partículas expletivas não devem ser usadas sem qualquer razão, mas sempre que contribuam para a grandeza (μέγεθος) do discurso; e associa o uso da partícula também a um efeito patético (*Eloc.* 55-56). Ele usa como exemplos as partículas δῆ, νυ e πρότερον. Entretanto, considerando a semelhança de μὴν com δῆ, destacada por Denniston⁸², pode-se tratar essa partícula como expletiva também. Assim, a passagem de Demóstenes citada acima pode ser um bom exemplo do que diz Demétrio.

A combinação οὐ μὴν ἀλλά (“apesar disso”), segundo Denniston, tem um significado adversativo bem claro: denota que o que está sendo dito não pode ser desmentido, por mais fortes que sejam os argumentos contrários, marcando a superação

⁸⁰ *Rh.* 1366a8-14: “ἐπεὶ δὲ οὐ μόνον αἱ πίσθεις γίνονται δι' ἀποδεικτικοῦ λόγου ἀλλὰ καὶ δι' ἠθικοῦ (τῶ γὰρ ποιόν τινα φαίνεσθαι τὸν λέγοντα πιστεύομεν, τοῦτο δ' ἐστὶν ἂν ἀγαθὸς φαίνεται ἢ εὖνους ἢ ἄμφω), δεῖ αὖ τὰ ἦθη τῶν πολιτειῶν ἐκάστης ἔχειν ἡμᾶς.”

⁸¹ Segundo Denniston (1954, p. 330), na oratória ática, essa partícula é restrita às combinações οὐ μὴν, οὐδὲ μὴν, οὐ μὴν οὐδέ, οὐ μὴν ἀλλά, ἀλλὰ μὴν, ἢ μὴν e καὶ μὴν. De fato, nos discursos analisados, ela ocorre sempre em combinação. Em Dem. 5, ocorre uma vez: οὐ μὴν ἀλλά (5.3), em Dem. 15, ocorre 5 vezes: οὐ μὴν οὐδέ (15.14 e 15), καὶ μὴν (15.23) e οὐ μὴν ἀλλά (15.28 e 32). Em Dem. 16 ocorre 4 vezes: οὐ μὴν ἀλλά (16.3), καὶ μὴν (16.9 e 13), e ἀλλὰ μὴν (16.19).

⁸² Denniston (1954, p. 330) afirma que é difícil captar a diferença exata entre elas em seu uso enfático.

deliberativa de um obstáculo considerável. Ele afirma que, em Demóstenes, ela é usada com grande variedade e flexibilidade, e, algumas vezes, introduz um argumento suplementar que tem tanta precedência sobre o argumento anterior que é representado em contraste com ele⁸³.

No trecho imediatamente anterior, Demóstenes apresenta uma situação desfavorável com a qual deve lidar como orador: o fato de desagradar os ouvintes caso apresente uma posição imparcial. Em seguida, reconhece a situação, mas afirma preferir passar por isso a permitir que um mal aconteça a seus ouvintes e à cidade. Ao usar a expressão οὐ μὴν ἀλλά (“apesar disso”), Demóstenes estabelece um contraste forte entre uma situação desfavorável ao orador, e que poderia desencorajá-lo de falar devido aos efeitos negativos que podem gerar em seu caráter, e sua postura contrária ao que se poderia esperar na situação: apesar de as circunstâncias lhe serem desfavoráveis, ele prefere enfrentar uma consequência negativa em virtude do bem maior. Com o contraste, ele destaca e imprime grandiosidade – uma das características que Demétrio, posteriormente, irá considerar importante para discursos – a seu caráter benevolente e virtuoso.

Ao iniciar a argumentação, Demóstenes trata do objetivo principal de seu discurso – enfraquecer os tebanos e os lacedemônios para que eles não consigam dominar Atenas – como algo do conhecimento comum. Ele diz:

οὐκοῦν οὐδ' ἂν εἷς ἀντίποι ὡς οὐ συμφέρει τῇ πόλει καὶ Λακεδαιμονίους ἀσθενεῖς εἶναι καὶ Θηβαίους τουτουσί. (16.4)

Seguramente, nem uma só pessoa poderia responder que não é conveniente à cidade que tanto os lacedemônios quanto estes tebanos aqui estejam enfraquecidos.

Nessa passagem, Demóstenes também promove seu *ethos* ao lado das emoções do ouvinte: ele não só se mostra prudente – pois demonstra saber o que é mais vantajoso para a cidade – como atribui esse conhecimento a todos: ninguém poderia responder que enfraquecer ambas as cidades não é vantajoso. E isso tem um efeito persuasivo sobre a audiência, pois aqueles que não sabem que essa é uma orientação política vantajosa poderão assumir que seja. Afinal todos sabem disso e ninguém desejaria manter-se numa posição de ignorância. Dessa forma, Demóstenes deixa o principal objetivo de todo o seu discurso internalizado em seus ouvintes, pois isso é o que eles devem ter em mente quando o orador expuser seu conselho: ajudar os megalopolitanos, correndo o

⁸³ DENNISTON, 1954, p. 28-29.

risco de romper a aliança com os lacedemônios, que é a preocupação maior dos atenienses, já que acreditam precisar da ajuda desses últimos para recuperar Oropo.

Durante a argumentação em favor dos megalopolitanos, Demóstenes usa várias vezes o argumento da justiça, projetando indiretamente a virtude de seu caráter, e, ao mesmo tempo, despertando nos ouvintes uma abertura para o que é justo. Em 16.9-10, ele discute o momento certo para intervir contra os lacedemônios: os atenienses têm a oportunidade de opor-se a eles agora, enquanto se preparam para atacar Megalópolis, ou terão, obrigatoriamente que fazer isso quando os lacedemônios, após dispersarem os megalopolitanos, se voltarem para Messena, a quem os atenienses estão obrigados, por juramento, a ajudar⁸⁴. No primeiro caso, eles ajudam os arcádios e se mostram seguros para tratar da paz pela qual batalharam no passado. No segundo, eles vão demonstrar que estão agindo por medo do avanço dos lacedemônios, e não por justiça. Demóstenes conclui dizendo:

δεῖ δὲ σκοπεῖν μὲν καὶ πράττειν αἰεὶ τὰ δίκαια, συμπαρατηρεῖν δ' ὅπως ἅμα καὶ συμφέροντα ἔσται ταῦτα. (16.10)

E é preciso realizar e ter em vista sempre o justo, e cuidar, ao mesmo tempo, para que isso também seja conveniente.

O orador coloca a justiça como uma virtude que a cidade deve ter em vista ao tomar decisões, ao lado daquilo que é conveniente. Esse período representa exatamente o objetivo da retórica deliberativa, segundo Aristóteles (*Rh.* 1362a15-21): o bom (ἀγαθόν) e o conveniente (συμφέρον). A justiça representa aqui o que é bom, pois é uma virtude da alma (*Rh.* 1362b12-14), e as virtudes são necessariamente um bem (*Rh.* 1362b6-7)⁸⁵. Aconselhando os atenienses a deliberar de acordo com o objetivo próprio dessa tarefa, Demóstenes deixa implícita sua própria virtude e benevolência: ele busca decidir com base no que é justo e no que é conveniente à cidade.

Em 16.14-15, ele destaca o caráter justo da cidade, realizando um apelo patético à sua audiência:

θαυμάζω τοίνυν καὶ τῶν λεγόντων τοῦτον τὸν λόγον, ὡς εἰ συμμάχους ποιησόμεθα Ἀρκάδας καὶ ταῦτα πράξομεν, μεταβάλλεσθαι δόξει καὶ οὐδὲν ἔχειν πιστὸν ἢ πόλις. ἐμοὶ μὲν γὰρ δοκεῖ τὸναντίον, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι. διὰ τί; ὅτι τῶν πάντων οὐδένα ἂν ἀντειπεῖν οἴομαι ὡς οὐ καὶ Λακεδαιμονίους καὶ πρότερον Θηβαίους καὶ τὸ τελευταῖον Εὐβοέας ἔσωσεν ἡ πόλις, καὶ μετὰ ταῦτα συμμάχους ἐποιήσατο, ἐν τῇ καὶ τὸ αὐτὸ αἰεὶ βουλομένη πράττειν. (15) ἔστι δὲ τοῦτο τί; τοὺς ἀδικουμένους σφάζειν. εἰ τοίνυν ταῦθ' οὕτως ἔχει,

⁸⁴ Os messênios solicitaram a ajuda de Atenas para investir contra os lacedemônios. Atenas se recusou a investir contra os lacedemônios, mas prometeu ajudar a cidade caso estes últimos a invadissem (Paus. IV 28, 1-2).

⁸⁵ *Rh.* 1362b6-7: “καὶ τὰς ἀρετὰς δὲ ἀνάγκη ἀγαθὸν εἶναι.”

οὐκέτ' ἂν ἡμεῖς εἶημεν οἱ μεταβαλλόμενοι, ἀλλ' οἱ μὴ θέλοντες τοῖς δικαίοις ἐμμένειν, καὶ φανήσεται τὰ πράγματα ἀεὶ διὰ τοὺς πλεονεκτεῖν βουλομένους μεταβαλλόμενα, οὐχ ἡ πόλις ἡμῶν. (16.14-15)

Pois bem, me admira também o discurso daqueles que falam que se fizermos dos arcádios nossos aliados, e realizarmos isso, a nossa cidade parecerá mudar de opinião e não ter nenhuma confiança. Pois a mim parece o contrário, senhores atenienses. Por quê? Porque de todos, ninguém poderia objetar, penso, que nossa cidade não salvou os lacedemônios, e antes os tebanos, e, por fim, os eubeus, e que, depois disso, fez deles aliados, querendo, a cada vez, realizar um único e mesmo objetivo. (15) E o que é este objetivo? Aqueles que são injustiçados salvar. Pois bem, se as coisas são assim, nós não mais seríamos aqueles que mudam de opinião, mas aqueles que, não desejando mudá-la, perseveram no que é justo. E ficará evidente que os acontecimentos, por causa daqueles que querem levar vantagem, é que estão sempre mudando, e não a nossa cidade.

Nesse trecho, Demóstenes faz uma crítica àqueles oradores que se posicionaram contrariamente aos megalopolitanos, atribuindo um caráter negativo à cidade caso os ajudasse. E, em seguida, desmente esse entendimento, demonstrando, justamente, o contrário. A cidade costuma fazer o que é justo, hábito que ele exemplifica relacionando as outras cidades que já foram salvas por Atenas quando injustiçadas. Logo, se eles ajudarem os megalopolitanos agora, estarão agindo coerentemente com o caráter da cidade, e, como resultado, é isso que demonstrarão: que eles continuam sendo justos.

Ao trazer os argumentos daqueles que falaram em sentido contrário, para, então, refutá-los, Demóstenes cria a impressão de ser digno de confiança. Apsines (Aps. 4.8), mais tarde, considerou essa técnica útil nas objeções (ἀντιθέσεις), dispondo, com um exemplo de outro discurso de Demóstenes, que sempre que o orador estiver confiante em suas refutações, ele deve juntar às objeções os argumentos que as sustentam, criando a impressão de credibilidade (ἀξιοπιστία)⁸⁶. O retor também afirma que é útil adicionar o resultado à objeção, pois dará mais força à refutação (Aps. 4.9)⁸⁷. No trecho acima, Demóstenes faz menção a um dos resultados, apontado pelos outros oradores, do envio de ajuda aos megalopolitanos – a cidade poderia parecer, aos outros helenos, indigna de confiança –, e apresenta outro resultado possível, contrário ao que ele refuta, e que está alinhado com o caráter justo que ele constrói para Atenas: a cidade manteria sua posição

⁸⁶ Apsines fornece como exemplo uma objeção presente na *II Filípica* de Demóstenes: “τότε δὲ δοκοῦμεν πάνυ θαρρεῖν τῇ λύσει, εἰ καὶ κατασκευάσαντες τὴν ἀντίθεσιν πολλὰς περέχομεν τὰς | λύσεις, τὰς κατασκευὰς δ' αὐτῆς διελόντες ὡς ἀντιθέσεις εἰσάγομεν, ἵνα πυκνὸς καὶ ἀγωνιστικὸς ὁ λόγος γένηται, ὡς ἐν τῷ δευτέρῳ τῶν Φιλιππικῶν” (Aps., 4.8.).

⁸⁷ Mais uma vez ele ilustra sua afirmação com um exemplo de Demóstenes, retirado do discurso *Contra Andrócion*. Até o parágrafo 13, todos os exemplos com os quais ilustra suas orientações são retirados de discursos de Demóstenes (*I Olintíaca*, em 4.10; *Sobre a Coroa*, em 4.11; *II Olintíaca*, em 4.12; e *Contra Leptines*, em 4.13).

de fazer aquilo que é justo, ou seja, ajudando os megalopolitanos, ela continuaria agindo de forma coerente com sua virtude.

Demóstenes, nessa passagem, está projetando a virtude de seu caráter e trabalhando com a emoção da audiência de duas formas. Primeiro, ele usa uma estratégia que consiste em colocar algum fato no campo do conhecimento comum, com a fórmula “todos sabem”, ou “ninguém pode negar”. Dessa forma, diante de algo sabido por todos, o ouvinte, mesmo que não tivesse conhecimento, passará a tomar isso por verdade, pois ninguém deseja se manter numa situação de ignorância. Além disso, aquilo que todos sabem dá a impressão de ser mais verossímil, tem mais autoridade do que aquilo que ninguém conhece. Com isso, ele deixa claro que o caráter justo da cidade é algo conhecido por todos, o que, além de ter um efeito emocional sobre a audiência, torna seus motivos para ajudar os megalopolitanos mais legítimos, pois estão fundamentados em uma virtude da cidade. A segunda forma de trabalhar a emoção funciona como elogio: agir da forma que ele aconselha permitirá à cidade perseverar na justiça, justiça que é característica da cidade e, por extensão, de seus habitantes. Ele tenta aqui despertar nos ouvintes a vontade de fazerem jus a tal virtude. Além disso, alinhando-se com o caráter da cidade, mostrando-se disposto à justiça, ele pode conseguir a benevolência da audiência.

Em 16.24, explicando como é possível, de forma justa, enfraquecer os tebanos sem fortalecer os lacedemônios, ele usa mais uma vez a estratégia do conhecimento comum, atribuindo mais autoridade ao que diz:

ἴσμεν ἅπαντες τοῦθ' ὅτι τὰ μὲν δίκαια πάντες, ἐὰν καὶ μὴ βούλωνται, μέχρι τοῦ γε αἰσχύνονται μὴ πράττειν, τοῖς δ' ἀδίκους ἐναντιοῦνται φανερώς, ἄλλως τε κἂν τινες βλάπτωνται: καὶ τοῦτο λυμαινόμενον πάνθ' εὐρήσομεν, καὶ ταύτην ἀρχὴν οὖσαν πάντων τῶν κακῶν, τὸ μὴ 'θέλειν τὰ δίκαια πράττειν ἅπλῶς. (16.24)

Todos nós sabemos isto: que o que é justo, todos os homens, mesmo que não queiram, até certo ponto, se envergonham de não fazer, enquanto, por outro lado, às injustiças opõem-se visivelmente, e, principalmente, quando alguns são prejudicados. E isto arruína tudo, descobriremos, e é o início de todos os males: o não desejar realizar simplesmente o que é justo.

Como a justificativa para seu posicionamento é pautada pela justiça, Demóstenes tenta deixar no ouvinte a vontade de agir justamente. Em primeiro lugar, ele associa o não fazer o que é justo com um sentimento negativo – a vergonha. Aristóteles define a vergonha como “um certo pesar ou perturbação de espírito relativamente a vícios, presentes, passados ou futuros, suscetíveis de comportar uma perda de reputação” (*Rh.*

1383b13-15)⁸⁸. E acrescenta que as pessoas experimentam a vergonha em relação às faltas que parecem vergonhosas para si mesmas ou para aqueles com quem se preocupam (*Rh.* 1383b17-19). Na passagem acima, o orador afirma que todos sabem que não fazer o que é justo é vergonhoso, de forma que, se optarem por um caminho oposto, os ouvintes estarão colocando sua reputação e a da cidade à prova. Em seguida, Demóstenes ainda faz uma crítica ao fato de as pessoas sentirem vergonha, mas se oporem às injustiças apenas quando são prejudicadas, não fazendo o que é justo por ser o correto. Parece que há, no século IV a.C., uma atenção especial ao tratamento da justiça e da vergonha como elementos importantes para a persuasão política: ambas são usadas no discurso de Demóstenes para produzir um efeito emocional na audiência; e ambas são tratadas por Aristóteles – a justiça está presente nas virtudes que compõem um caráter moral elevado, e a vergonha é uma das emoções que ele considerou ter efeito na audiência, em sua análise sobre o *pathos*.

Ao final do discurso, Demóstenes reafirma sua benevolência e tenta incitar piedade em seus ouvintes:

ἐγὼ μὲν οὖν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, μὰ τοὺς θεοὺς οὔτε φιλῶν οὐδέτερους οὔτε μισῶν ἰδίᾳ εἶρηκα, ἀλλ' ἃ νομίζω συμφέρειν ὑμῖν· καὶ παραινῶ μὴ προσέσθαι Μεγαλοπολίτας, μηδ' ἄλλον ἀπλῶς μηδένα τῶν ἐλαττόνων τῷ μείζονι. (16.32)

Então eu, senhores atenienses, pelos deuses!, nem sendo amigo nem odiando, em particular, a nenhum dos dois lados acabei de falar, mas aquilo que considero conveniente a vós: e eu os aconselho a não abandonar os megalopolitanos, nem, em outras palavras, nenhum dos mais fracos ao mais forte.

Segundo Anônimo Segueriano, o epílogo é o momento de expor uma síntese dos fatos, das emoções e dos caracteres (Anon. Seg. 198)⁸⁹. Para Apsines, o epílogo deve conter uma lembrança dos fatos, e suscitar compaixão e indignação⁹⁰ (Aps. 10.1)⁹¹. Ambas as definições recuperam aquela de Aristóteles, para quem o epílogo deve tornar o ouvinte favorável, recapitular o assunto, amplificar ou minimizar e dispor os ouvintes

⁸⁸ *Rh.* 1383b13-15: “ἔστω δὴ αἰσχύνῃ λύπη τις καὶ ταραχὴ περὶ τὰ εἰς ἀδοχίαν φαινόμενα φέρειν τῶν κακῶν, ἢ παρόντων ἢ γεγονότων ἢ μελλόντων”.

⁸⁹ Anon. Seg. 198: “ἐπίλογός ἐστιν, ὡς μὲν Νεοκλῆς, λόγος ἐπὶ προειρημέναις ἀποδείξεσιν ἐπιλεγόμενος, πραγμάτων ἀθροισμὸν καὶ ἠθῶν καὶ παθῶν περιέχων.”

⁹⁰ A piedade e a indignação estão entre as emoções que devem ser despertadas no ouvinte no epílogo, segundo Aristóteles (*Rh.* 1419b25-27).

⁹¹ Aps. 10.1: “ὁ ἐπίλογος τόπος τριμερής ἐστιν· ἔχει γὰρ καὶ ἀνάμνησιν τῶν εἰρημένων καὶ ἔλεον καὶ δείνωσιν”.

a um determinado estado emocional (*Rh.* 1419b10-13)⁹². Em todas as três concepções, está claro o fato de que o epílogo serve para lembrar o assunto e para tratar das emoções, dispondo os ouvintes favoravelmente ao orador, o que é um efeito do *ethos*. Apenas em Anônimo Segueriano verifica-se a indicação de um tratamento explícito do *ethos* nessa parte do discurso.

O epílogo do discurso *Em defesa dos megalopolitanos* abrange as seções 30, 31 e 32. Nas duas primeiras Demóstenes retoma seu conselho e o motivo principal de sua orientação em favor dos megalopolitanos. Na última, citada acima, Demóstenes retoma a benevolência com a qual iniciou o discurso, reafirmando que não falou em favor de nenhum dos dois lados, mas em benefício da cidade, e caracteriza os megalopolitanos como mais fracos. Depois de toda a discussão sobre a justiça e sobre a necessidade de ajudar os que sofrem injustiças, essa caracterização funciona como um apelo à compaixão dos ouvintes. Por conter resumo dos fatos e de sua orientação, referências ao caráter do orador e apelo emocional, esse epílogo de Demóstenes ilustra bem as disposições que Apsines e Anônimo Segueriano apresentaram mais tarde sobre essa parte do discurso.

Sobre a liberdade dos ródios

O discurso *Sobre a liberdade dos ródios*, de 351/0 a.C., o terceiro discurso deliberativo de Demóstenes, trata do pedido de ajuda dos ródios exilados para restaurar a democracia na cidade. Os ródios faziam parte da Segunda Liga Ateniense, mas se revoltaram contra Atenas, ao lado de Quios, Cós e Bizâncio, e iniciaram a Guerra Social, com o objetivo de prevenir os abusos que tornaram a cidade impopular entre os membros da Liga. Após a Guerra Social, Rodes se tornou independente e os oligarcas, com o apoio de Mausolo, sátrapa da Cária, tomaram o poder da ilha e exilaram os ródios que apoiavam a democracia⁹³. Os democratas solicitaram ajuda a Atenas para restaurar a democracia em Rodes, mas os atenienses, ressentidos com a traição dos ródios, que acabou por enfraquecer a cidade, não estavam no ânimo de enviar-lhes ajuda. Além disso, os atenienses temiam entrar em um conflito com Artemísia

⁹² *Rh.* 1419b10-13: “ὁ δ’ ἐπίλογος σύγκειται ἐκ τετάρων, ἐκ τε τοῦ πρὸς ἑαυτὸν κατασκευάσαι εὖ τὸν ἀκροατὴν καὶ τὸν ἐναντίον φαύλωσ, καὶ ἐκ τοῦ αὐξῆσαι καὶ ταπεινώσαι, καὶ ἐκ τοῦ εἰς τὰ πάθη τὸν ἀκροατὴν καταστῆναι, καὶ ἐξ ἀναμνήσεως.”

⁹³ Para melhor visualização das relações entre os envolvidos na Guerra Social, vide Mapa 2, no Apêndice A.

(sucessora de Mausolo) e, conseqüentemente, com o rei da Pérsia. Demóstenes se posiciona de forma contrária a todos quando profere o discurso *Sobre a liberdade dos ródios*, no qual aconselha a assembléia a enviar-lhes ajuda, não porque eles merecessem, mas porque a democracia, que tem a oligarquia como grande inimiga, precisava de apoio.

No proêmio do discurso, Demóstenes, assim como no discurso *Em defesa dos megalopolitanos*, faz uma crítica ao modo de deliberar da assembleia, mas agora essa crítica se dirige à falta de atitude após as deliberações:

οἶμαι δεῖν, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, περὶ τηλικούτων βουλευομένους διδόναι παρρησίαν ἐκάστῳ τῶν συμβουλευόντων. ἐγὼ δ' οὐδεπόποθ' ἠγησάμην χαλεπὸν τὸ διδάξει τὰ βέλτισθ' ὑμᾶς (ὡς γὰρ εἶπεῖν ἀπλῶς, ἅπαντες ὑπάρχειν ἐγνωκότες μοι δοκεῖτε), ἀλλὰ τὸ πείσαι πράττειν ταῦτα: ἐπειδὴν γάρ τι δόξη καὶ ψηφισθῆ, τότε ἴσον τοῦπραχθῆναι ἀπέχει ὅσονπερ πρὶν δόξει." (15.1)

Penso, senhores atenienses, que, ao decidirdes sobre tão importantes acontecimentos, deveis conceder liberdade de expressão a cada um dos que decidem junto de vós. Eu jamais considereei difícil aconselhar o melhor a vós (pois, para dizer francamente, vós todos me pareceis ser os primeiros a conhecê-lo), mas sim persuadir-vos a executá-lo. Pois cada vez que algo é decidido e votado, nesse momento, está igualmente longe de ser executado, tanto como estava antes de ser decidido.

Mais uma vez, ele usa o modo figurado para fazer, indiretamente, sua crítica, que ocorre em dois momentos: no primeiro, Demóstenes destaca essa inação da assembleia como uma dificuldade sua. É difícil para ele persuadir a assembleia a levar suas recomendações a termo, embora seja fácil aconselhá-los do melhor. Ao mesmo tempo em que critica, o orador insere, nesse período, um elogio aos ouvintes, ressaltando a sua prudência: todos eles já sabem o que é o melhor para a cidade. Ao destacar esse caráter da assembleia, Demóstenes, provavelmente, está tentando induzir nos ouvintes o sentimento de orgulho, a fim de deixá-los mais receptivos ao seu discurso. Ele inclusive evidencia esse caráter, colocando a forma verbal no perfeito (ἐγνωκότες). O perfeito demonstra aquilo que já aconteceu e cujos efeitos perduram, o que, nos termos de Demétrio (*Eloc.* 214), tem muito mais evidência do que aquilo que está ocorrendo ou que ainda ocorrerá: nesse caso, eles já possuem o conhecimento do que é melhor para cidade – já possuem o caráter da prudência (φρόνιμος).

O elogio, conforme afirma Apsines (Aps. 1.11), é um recurso útil para despertar a benevolência do ouvinte, podendo ser usado, entre outras ocasiões, sempre que ele tenha feito algo de bom, com o objetivo de prepará-lo para tomar uma decisão igualmente boa, diante do conselho que lhe será apresentado. Nesse caso, ao elogiar a prudência da assembleia em conhecer o melhor para a cidade, Demóstenes procura

induzi-la a aceitar o conselho que será dado em seguida sobre a questão, que ele deixa claro ser o melhor⁹⁴, e gerar nos ouvintes a vontade de continuarem sendo elogiados⁹⁵. Esse trecho de Demóstenes daria um bom exemplo do uso prático desse recurso para Apsines, que optou por ilustrar essa orientação com um tema de declamação retirado da história da Grécia.

No segundo momento, Demóstenes reforça o caráter de inação da assembleia ao se referir aos assuntos discutidos, os quais, depois de serem decididos, estão longe de serem executados. Essa característica de não executar as decisões, de não agir depois das deliberações, é destacada com a repetição do verbo “executar” (πράσσω). Segundo Demétrio, “dizer duas vezes a mesma coisa produz mais evidência do que dizê-la uma só” (*Eloc.* 211)⁹⁶. Mas, em nenhum momento, Demóstenes atribui diretamente essa inação à assembleia, demonstrando, mais uma vez, seu cuidado em se dirigir a ela, a fim de obter sua atenção e evitar qualquer antipatia que pudesse advir da crítica.

Em seguida, como Demóstenes vai propor uma orientação que se opõe ao sentimento dos atenienses – eles não estão dispostos a ajudar os ródios, pois foram traídos por eles; na verdade, estão alegres com o que está acontecendo –, ele começa a legitimar esse sentimento e a elogiá-los:

ἄξιον δ' ἡσθῆναι τῷ παρόντι καιρῷ: συμβήσεται γὰρ ὑμῖν, ἐὰν ἂν χρῆ βουλευέσθησθ' ὑπὲρ αὐτοῦ, τὰς παρὰ τῶν διαβαλλόντων τὴν πόλιν ἡμῶν βλασφημίας ἔργῳ μετὰ δόξης καλῆς ἀπολύσασθαι. (15.2)

É justo vos alegrardes com a presente oportunidade, pois, caso decidais aquilo que convém em relação a ela, ocorrerá para vós, com essa atitude somada à vossa boa reputação, a possibilidade de vos livrar das calúnias daqueles que blasfemam contra a nossa cidade.

Esse sentimento de hostilidade em relação aos ródios é um fator adverso para a proposta do orador. Segundo Apsines, os fatores adversos (τὰ ἀντιπίπτοντα) derivam, de objeções do oponente, que devem ser combatidas logo no início; ou do pensamento dos ouvintes, o que deve ser tratado com cuidado. Alguns provêm de uma pessoa, outros, de alguma coisa, ou ainda, de alguma falta (*Aps.* 1.35). O orador deve estar ciente desses fatores e já combatê-los logo no início. Por exemplo, se a audiência suspeita que o orador está falando em benefício próprio, ele deve remover essa suspeita, ou, relacioná-

⁹⁴ Além de afirmar, em 15.1, que ele aconselha o melhor, Demóstenes reforça o caráter correto dos seus conselhos em 15.7, ao afirmar que também diria as mesmas coisas ao Rei se fosse conselheiro dele.

⁹⁵ Conforme Demétrio (*Eloc.* 295).

⁹⁶ Tradução de Gustavo Araújo de Freitas, utilizada em todas as citações do *Sobre o Estilo* em português.

la com o interesse da cidade⁹⁷, o que é uma forma de obter a benevolência do ouvinte, embora Apsines não mencione esse efeito emocional.

Nesse caso, o pensamento da assembleia sobre a questão não é favorável aos ródios. Por isso, Demóstenes trata a emoção deles com cuidado: antes mesmo de trazer um argumento para a defesa dos ródios – que consiste em atribuir a culpa da revolta a Mausolo –, ele demonstra entender o sentimento dos atenienses com a situação, mas justifica esse sentimento com a possibilidade de uma consequência positiva para a cidade, ao invés de relacioná-lo com o verdadeiro motivo: eles estão alegres com os males que aconteceram aos ródios e com a possibilidade de vingança. Demóstenes sabe disso, e ele mesmo reconhece, durante a argumentação, estar alegre também com a situação⁹⁸. Mas, ao elogiar a boa reputação dos ouvintes e atribuir um benefício para a cidade, caso eles façam o que é conveniente, o orador busca a benevolência deles. Esse trecho exemplifica como o orador poderia usar o teorema do fator adverso de Apsines, que não foi ilustrado por nenhum exemplo concreto. O retor apenas ilustrou o que seria esse fator adverso, a partir de uma reação de Demóstenes: quando Filipe exigiu a rendição de Demóstenes após a batalha de Queroneia, ele resistiu, aparentando fazer isso em benefício próprio, e não em benefício da cidade (Aps. 1.42). Mas Apsines não apresentou nenhum trecho de discurso em que o orador relacionasse sua atitude ao bem da cidade, ou mencionasse o fator adverso.

Demóstenes apela também ao lado ético da cidade, colocando, por duas vezes, a única esperança de salvação dos ródios nas mãos dos atenienses:

ἔστι μὲν οὖν ἐν ᾧ ἐγὼ νομίζω χάριν ὑμᾶς τοῖς θεοῖς ὀφείλειν, τὸ τοὺς διὰ τὴν αὐτῶν ὕβριν ὑμῖν πολεμήσαντας οὐ πάλαι νῦν ἐν ὑμῖν μόνοις τῆς αὐτῶν σωτηρίας ἔχειν τὰς ἐλπίδας. (15.2)

Portanto, um dos motivos pelos quais eu acredito que vós deveis gratidão aos deuses é o fato de aqueles que, por insolência deles próprios, contra vós guerrearam há não muito tempo, agora, em vós apenas, terem a esperança da própria salvação.

φανήσεται δ' ὁ μὲν πρυτανεύσας ταῦτα καὶ πείσας Μαύσωλος, φίλος εἶναι φάσκων Ῥοδίων, τὴν ἐλευθερίαν αὐτῶν ἀφηρημένος, οἱ δ' ἀποδείξαντες ἑαυτοὺς συμμάχους Χίιοι καὶ Βυζάντιοι τοῖς ἀτυχήμασιν αὐτῶν οὐ βεβοηθηκότες, (4) ὑμεῖς δ', οὓς ἐφοβοῦντο, μόνοι τῶν πάντων τῆς σωτηρίας αὐτοῖς αἴτιοι. (15.3-4)

Tornar-se-á visível, por um lado, que, depois de propor essas medidas e os persuadir, Mausolo, afirmando ser amigo dos ródios, retirou a liberdade

⁹⁷ Apsines trata do fator adverso no capítulo I, § 35-42.

⁹⁸ Dem. 15.15: “Certamente, nem se ambas as situações ocorressem, se eu não considerasse ser mais vantajoso a vós, eu não diria isso, dado que, se é possível àquele que fala em favor da salvação dos ródios dizer isso, eu na realidade também me alegro com as coisas que estão acontecendo com eles.”

deles; e, por outro lado, que, mostrando-se aliados, os quietas e os bizantinos, nas adversidades deles não os ajudaram, (4) enquanto vós, os quais eles temiam, sois para eles, dentre todos, os únicos responsáveis pela sua salvação.

Além de destacar o caráter da cidade de defender os injustiçados⁹⁹, utilizando a estratégia de repetição, ele ainda critica Mausolo e os antigos aliados dos ródios, os quietas e os bizantinos, destacando o caráter oposto: embora tenham se declarado amigos ou aliados, nenhum deles agiu como tal. Mais uma vez, o elogio aparece como uma tentativa de orientar os ouvintes e instigar-lhes a vontade de manter essa qualidade. Mas, agora, com o destaque para o caráter oposto, Demóstenes faz a benevolência parecer uma qualidade ainda maior.

Ao iniciar sua argumentação, Demóstenes apresenta, como prova de sua capacidade de estabelecer a melhor orientação para a situação, o conselho que forneceu anteriormente, em 354/3, quando proferiu o discurso *Sobre as Simorias*:

οἶμαι δ' ὑμῶν μνημονεύειν ἐνίους, ὅτι ἠνίκ' ἐβουλεύεσθ' ὑπὲρ τῶν βασιλικῶν, παρελθὼν πρῶτος ἐγὼ παρήνεσα, οἶμαι δὲ καὶ μόνος ἢ δεύτερος εἶπειν, ὅτι μοι σωφρονεῖν ἂν δοκεῖτε, εἰ τὴν πρόφασιν τῆς παρασκευῆς μὴ τὴν πρὸς ἐκεῖνον ἔχθραν ποιήσθε, ἀλλὰ παρασκευάζοισθε μὲν πρὸς τοὺς ὑπάρχοντας ἐχθρούς, ἀμύνοισθε δὲ κἀκεῖνον, ἐὰν ὑμᾶς ἀδικεῖν ἐπιχειρή. καὶ οὐκ ἐγὼ μὲν εἶπον ταῦτα, ὑμῖν δ' οὐκ ἐδόκουν ὀρθῶς λέγειν, ἀλλὰ καὶ ὑμῖν ἤρεσκε ταῦτα. (15.6)

Eu penso que alguns de vós lembram que, quando deliberáreis sobre os assuntos concernentes ao rei, aproximando-me primeiro, eu vos recomendei, e penso também que fui o único ou o segundo a dizer, que a mim pareceríeis prudentes se não fizésseis da inimizade com aquele homem o pretexto para vos preparardes para a guerra, mas vos preparásseis para vossos inimigos já existentes, e também vos defendésseis daquele homem caso ele tentasse vos injustiçar. E eu não disse isso enquanto não vos parecia que eu falava corretamente, mas também a vós isso agradava.

Embora as reformas propostas por Demóstenes não tenham sido aceitas pelos atenienses, eles acataram sua sugestão de não entrar em guerra contra o rei da Pérsia¹⁰⁰. Como, segundo Rorty, a reputação de um orador é medida, em parte, pelas consequências de suas políticas¹⁰¹, expor o fato de seu conselho ter agradado aos

⁹⁹ A forma como Demóstenes constrói o caráter coletivo da cidade cria a impressão de que a Atenas possui a tradição de defender aqueles que sofrem uma injustiça. No discurso *Em defesa dos Megalopolitanos*, o orador afirma que Atenas salvou várias cidades com um único objetivo, o de salvar os injustiçados, e, em vários outros momentos, incita os atenienses a agirem de forma justa, de acordo com o caráter “justo” da cidade. No discurso *Sobre a liberdade dos ródios*, o orador destaca que a cidade é a única esperança de salvação dos ródios e tenta caracterizá-los como injustiçados, para que pareçam merecer a ajuda de Atenas.

¹⁰⁰ TREVETT, 2011, p. 224 e p.263, n. 18.

¹⁰¹ RORTY, 1993, p. 9.

ouvintes daquela ocasião, inspira credibilidade nos ouvintes de agora e demonstra a prudência de Demóstenes.

Logo na sequência, Demóstenes procura mostrar sua benevolência, ao afirmar que aconselharia as mesmas coisas ao rei, se estivesse ao lado dele:

ἐγὼ γάρ, εἰ βασιλεὺς παρ' αὐτὸν ὄντα με σύμβουλον ποιοῖτο, ταῦτ' ἂν αὐτῷ παραινέσαιμι ἄπερ ὑμῖν, ὑπὲρ μὲν τῶν αὐτοῦ πολεμεῖν, ἐάν τις ἐναντιῶται τῶν Ἑλλήνων, ὧν δὲ μηδὲν αὐτῷ προσήκει, τούτων μηδ' ἀντιποιεῖσθαι τὴν ἀρχήν. (15.7)

Pois eu, se o rei, junto dele próprio me fizesse conselheiro, a ele recomendaria o mesmo que a vós: em defesa dos seus próprios interesses guerrear, caso algum dos helenos se opusesse a ele, e, daquilo que não lhe diz respeito, nada disso reivindicar desde o início.

Essa é uma forma de demonstrar tanto o caráter correto de seus conselhos como o seu caráter benevolente. Segundo Fortenbaugh, o orador consegue demonstrar seu caráter benevolente indicando que os conselhos oferecidos são os mesmos que ele ofereceria a um amigo¹⁰². Embora o rei não seja seu amigo, ele oferece uma situação hipotética que pressupõe sua amizade com ele – se fosse conselheiro do rei, ele falaria em favor dos interesses dele, e proporia, nessa situação, os melhores conselhos.

Sua benevolência é novamente expressa quando o orador fornece justificativas para seu conselho em favor dos ródios:

καὶ ταῦτ' οὐδεπώποτ' εἶπον ἄν, εἰ τῷ Ῥοδίων δήμῳ μόνον ἡγοῦμην συμφέρειν: οὔτε γὰρ προξενῶ τῶν ἀνδρῶν οὔτ' ἰδίᾳ ξένος αὐτῶν οὐδεὶς ἐστί μοι. οὐ μὴν οὐδ' εἰ ταῦτ' ἀμφότερ' ἦν, εἰ μὴ συμφέρειν ὑμῖν ἡγοῦμην, εἶπον ἄν, ἐπεὶ Ῥοδίοις γε, εἰ οἷόν τε τοῦτ' εἰπεῖν τῷ συναγορευόντι τῇ σωτηρίᾳ αὐτῶν, συγχαίρω τῶν γεγενημένων. (15.15)

E isso, jamais diria, em momento algum, se apenas para o governo do povo dos ródios considerasse vantajoso, pois nem sou próxeno desses homens, nem nenhum deles particularmente tenho como hóspede. Certamente, nem se ambas as situações ocorressem, se eu não considerasse ser vantajoso a vós, eu não diria isso, dado que, se é possível àquele que fala em favor da salvação dos ródios dizer isso, eu na realidade também me alegro com as coisas que já aconteceram com eles.

Ao negar ser um próxeno ou amigo dos ródios, Demóstenes manifesta sua benevolência indiretamente: o orador nega representar os interesses de outra cidade e deixa a impressão de representar apenas os da sua¹⁰³. Na sequência, ele reforça esse caráter afirmando diretamente que está oferecendo esse conselho por ser o melhor para

¹⁰² FORTENBAUGH, 2006, p. 293.

¹⁰³ O próxeno é uma pessoa que representa, em sua própria cidade, os interesses de uma cidade estrangeira (*Dicionário grego-português*, s.v. *πρόξενος*). O próprio sentido da palavra próxeno (pró-estrangeiro, literalmente) indica que não é possível a um próxeno falar em benefício do bem comum de sua própria cidade. Portanto, ao afastar-se da imagem de próxeno, Demóstenes se aproxima daquela imagem de homem benevolente que um orador pode obter quando parece, aos ouvintes, falar em benefício comum.

a sua cidade. Além disso, ao dizer que se alegra, assim como os outros atenienses, com a situação atual dos ródios, ele procura alinhar suas emoções com as da audiência, o que também contribui para estabelecer sua imagem de benevolente para com Atenas. E o orador traz mais evidência a esse caráter ao usar a combinação οὐ μὴν οὐδέ. Como visto na análise do discurso anterior, a partícula μὴν deve ser usada apenas para produzir grandeza ou imprimir uma emoção¹⁰⁴. Nesse trecho ela aparece em combinação, enfatizando a negação de Demóstenes – de que ele não aconselharia os atenienses a salvarem os ródios nem se fosse amigo ou próximo deles –, e, como consequência, destacando seu caráter benevolente.

Logo em seguida, Demóstenes estabelece uma comparação entre os atenienses e os ródios, demonstrando sua compaixão:

φημι δὴ χρῆναι πειρᾶσθαι σφῆζεῖν τοὺς ἄνδρας καὶ μὴ μνησικακεῖν, ἐνθυμουμένους ὅτι πολλὰ καὶ ὑμεῖς ὑπὸ τῶν ἐπιβουλευσάντων ἐξηπάτησθε, ὧν οὐδενὸς αὐτοὶ δοῦναι δίκην δίκαιον ἂν εἶναι φήσατε. (15.16)

Afirmo, por certo, que é preciso tentar salvar esses homens, e não guardar rancor, pois eles têm em mente que, muitas vezes, também vós fostes enganados por aqueles que preparam armadilhas, por nenhuma das quais afirmaríeis ser justo pagar a pena.

Ele demonstra ser compassivo por entender a situação pela qual os ródios estão passando, e reconhecer que eles, os atenienses, já passaram por isso. Os ródios cometeram um erro porque foram enganados, da mesma forma que os atenienses já erraram pelo mesmo motivo, e não consideraram justo pagar a pena por isso. Esse é um apelo ético e patético: demonstra sua virtude e, com a comparação, tenta suscitar a compaixão em seus ouvintes.

O uso da partícula δὴ aqui contribui para essa emoção¹⁰⁵. Segundo Denniston, a partícula δὴ é usada, principalmente, para dar ênfase à palavra que a precede, embora possa enfatizar também a palavra que se segue. Entretanto, essa conexão não é tão forte, de forma que ela, muitas vezes, expressa sua influência sobre a sentença inteira. Geralmente, ao lado de verbos, ela possui em efeito patético, mas esse uso é

¹⁰⁴ Demóstenes usa a partícula μὴν, em combinação, por 5 vezes no discurso. Vide n. 81.

¹⁰⁵ Demétrio associa o uso das partículas expletivas com a grandeza do discurso (*Eloc.* 56) e com a produção de um efeito patético (*Eloc.* 57), devendo ser empregadas sem exagero, apenas quando necessárias à produção desses efeitos. Com relação à produção de emoção, Demétrio afirma que esse tipo de partícula, em geral, é empregado em lugar de murmúrios ou lástimas, dando a impressão de uma palavra de compadecimento (*Eloc.* 57). Nesse discurso, Demóstenes a emprega apenas três vezes (15.16, 19 e 29). Seu uso restrito pode indicar que o orador pretende obter um efeito específico com seu emprego.

praticamente restrito à poesia, ocorrendo, em grande parte, nos momentos mais dramáticos¹⁰⁶.

Embora Denniston afirme ser rara a ocorrência de δῆ com verbos na oratória, nesse trecho ela aparece após um verbo no indicativo, e antes de dois verbos no infinitivo. Considerando que Demóstenes está discursando em favor da liberdade dos ródios, e que seu objetivo, ao compará-los aos atenienses, é despertar uma emoção na audiência, é provável que a partícula esteja enfatizando o sentido dos verbos aos quais antecede, estendendo-se a toda a situação: a necessidade de salvação e a amenização da culpa dos ródios.

Em 15.21, Demóstenes parece estar tentando obter o mesmo efeito da comparação, a compaixão, mas, agora, colocando seus ouvintes no lugar do outro:

ἔπειτα καὶ δίκαιον, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, δημοκρατούμενους αὐτοὺς τοιαῦτα φρονούντας φαίνεσθαι περὶ τῶν ἀτυχούντων δήμων, οἷάπερ ἂν τοὺς ἄλλους ἀξιόσαιτε φρονεῖν περὶ ὑμῶν, εἴ ποθ', ὃ μὴ γένοιτο, τοιοῦτό τι συμβαίη. καὶ γὰρ εἰ δίκαιά τις φήσει Ῥοδίους πεπονθέναι, οὐκ ἐπιτήδειος ὁ καιρὸς ἐφησθῆναι: δεῖ γὰρ τοὺς εὐτυχούντας περὶ τῶν ἀτυχούντων ἀεὶ φαίνεσθαι τὰ βέλτιστα βουλευομένους, ἐπειδὴπερ ἄδηλον τὸ μέλλον ἅπασιν ἀνθρώποις.
(15.21)

Então, também é justo, senhores atenienses, que, vivendo vós próprios em uma democracia, preocupeis-vos com os governos do povo malsucedidos, exatamente da forma como consideraríeis justo que os outros se preocupassem convosco, caso, em algum momento, algo do tipo – o que tomara que não ocorra – ocorresse por acaso convosco. E, com efeito, se alguém afirmar que os ródios sofreram o que era justo, a ocasião não é apropriada para ser exaltada, pois devem os bem-afortunados em relação aos desafortunados sempre mostrar que estão decidindo o melhor, visto que o futuro é desconhecido para todos os homens.

Primeiro, Demóstenes associa o caráter da compaixão com a democracia: aqueles que vivem em uma democracia devem se preocupar com aqueles que perderam essa forma de governo. Uma vez que parte dele essa sugestão para ajudar aqueles que precisam, ele revela sua virtude, através de seu caráter compassivo.

Em seguida, ele procura despertar a compaixão em seus ouvintes: exultando-os a se colocarem na mesma situação, Demóstenes mostra que existe a possibilidade de isso acontecer a eles, usando o subjuntivo de apreensão. Assim ao fazer o ouvinte olhar a situação pelo lado do oprimido e, ainda, ao usar uma forma de expressão que denota apreensão com a situação, o orador coloca a audiência em uma disposição favorável à compaixão (ἔλεος), pois sendo

a compaixão certo pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso, e atinge quem não o merece, mal que poderia sofrer a própria pessoa ou um de

¹⁰⁶ DENNISTON, 1996, p. 204, 214 e 228.

seus parentes, e isso quando esse mal parece iminente, com efeito, é evidentemente necessário que aquele que vai sentir compaixão esteja em tal situação que creia poder sofrer algum mal, ou ele próprio ou um de seus parentes, e um mal tal como dito na definição, ou semelhante ou quase igual¹⁰⁷. (*Rh.* 1385b13-19)¹⁰⁸

Por fim, após ter compartilhado o mesmo sentimento da assembleia em relação aos ródios, o orador agora critica qualquer exultação com os males que os acometem, pois essa atitude não é própria dos bem-afortunados. Depois de incitar a compaixão, Demóstenes coloca os atenienses em um patamar mais elevado que exige uma atitude digna e virtuosa: eles devem mostrar que decidem o melhor.

Todo esse enunciado adquire grandiosidade com a máxima ao final: “o futuro é desconhecido de todos os homens”. Demétrio afirma que o epifonema (ἐπιφώνημα) confere máxima grandiosidade aos discursos (*Eloc.* 106)¹⁰⁹, e que a máxima (γνώμη) se parece com um epifonema quando acrescentada ao final de um enunciado (*Eloc.* 110). Para Aristóteles, a máxima (γνώμη) é uma afirmação universal que tem grande utilidade nos discursos, devido à falta de cultura (φορτικότητα) dos ouvintes, pois é agradável a eles ouvir falar em termos gerais daquilo que eles entendiam em termos particulares (*Rh.* 1395b33-35). Outra vantagem do uso das máximas é conferir aos discursos um caráter ético, pois elas manifestam as intenções daquele que as enuncia, de forma que, se forem honestas, farão com que o orador pareça honesto (*Rh.* 1395b12-17)¹¹⁰.

A máxima utilizada aqui tem um caráter de advertência e demonstra a prudência e cuidado do orador. Ela reforça sua preocupação em agir com justiça e compaixão em relação aos menos afortunados, pois seu povo, o povo ateniense, não está isento de experimentar o mesmo mal.

Esse trecho seria um bom exemplo da oratória deliberativa para as disposições de Demétrio, que só veio a apresentar exemplos sobre o uso dos epifonemas na poesia (Homero e Safo) e não apresentou exemplos sobre o uso de máximas.

¹⁰⁷ Tradução de Isis Borges da Fonseca.

¹⁰⁸ *Rh.* 1385b13-19: “ἔστω δὴ ἔλεος λύπη τις ἐπὶ φαινομένῳ κακῷ φθαρτικῷ ἢ λυπηρῷ τοῦ ἀναξίου τυγχάνειν, ὃ κἂν αὐτὸς προσδοκῆσειεν ἂν παθεῖν ἢ τῶν αὐτοῦ τινα, καὶ τοῦτο ὅταν πλησίον φαίνηται· δῆλον γὰρ ὅτι ἀνάγκη τὸν μέλλοντα ἐλεήσειν ὑπάρχειν τοιοῦτον οἶον οἶεσθαι παθεῖν ἂν τι κακὸν ἢ αὐτὸν ἢ τῶν αὐτοῦ τινα, καὶ τοιοῦτο κακὸν οἶον εἴρηται ἐν τῷ ὄρω ἢ ὁμοιον ἢ παραπλήσιον.”

¹⁰⁹ Demétrio não apresenta uma definição do epifonema, apenas afirma que é uma expressão que adorna e confere grandiosidade aos discursos, e que ocorre ao final de um enunciado (*Eloc.* 106 e 109). Hermógenes, retor do século II d.C., que admirava os discursos de Demóstenes e escreveu uma série de tratados sobre retórica, o define como um comentário do orador, externo ao assunto, usado como se fosse parte dele, mas deixando clara sua natureza de epifonema (*Inn.* 4.9.196).

¹¹⁰ *Rh.* 1395b12-17: “ταυτήν τε δὴ ἔχει μίαν χρῆσιν τὸ γνωμολογεῖν, καὶ ἑτέραν κρείττω· ἠθικοὺς γὰρ ποιεῖ τοὺς λόγους, ἧθος δ' ἔχουσιν οἱ λόγοι, ἐν ὅσοις δῆλη ἢ προαίρεσις. αἱ δὲ γνώμαι πᾶσαι τοῦτο ποιοῦσι διὰ τὸ ἀοφαίνεσθαι τὸν τὴν γνώμην λέγοντα καθόλου περὶ τῶν προαιρετῶν, ὥστ' ἂν χρησταὶ ὦσιν αἱ γνώμαι, καὶ χρηστοῖθι φαίνεσθαι ποιοῦσι τὸν λέγοντα.”

Em 15.22, Demóstenes projeta sua benevolência e, ao mesmo tempo, o seu conhecimento. Ele diz:

ἀκούω δ' ἐγὼ πολλάκις ἐνταυθι παρ' ὑμῖν τινῶν λεγόντων ὡς, ὅτ' ἠτύχησεν ὁ δῆμος ἡμῶν, συνεβουλήθησάν τινες αὐτὸν σωθῆναι: ὧν ἐγὼ μόνων Ἀργείων ἐν τῷ παρόντι μνησθήσομαι βραχὺ τι. οὐ γὰρ ἂν ὑμᾶς βουλοίμην, δόξαν ἔχοντας τοῦ σώζειν τοὺς ἀτυχοῦντας αἰεὶ, χεῖρους Ἀργείων ἐν ταύτῃ τῇ πράξει φανῆναι, οἱ χώραν ὅμορον τῇ Λακεδαιμονίων οἰκοῦντες, ὄρωντες ἐκείνους γῆς καὶ θαλάττης ἄρχοντας, οὐκ ἀπόκνησαν οὐδ' ἐφοβήθησαν εὐνοϊκῶς ὑμῖν ἔχοντας φανῆναι, ἀλλὰ καὶ πρέσβεις ἐλθόντας ἐκ Λακεδαίμονος, ὡς φασιν, ἐξαιτήσοντάς τινας τῶν φυγάδων τῶν ὑμετέρων ἐψηφίσαντο, εἰ μὴ πρὸ ἡλίου δύντος ἀπαλλάττωνται, πολεμίους κρίνειν. (15.22)

E eu escuto muitas vezes aqui entre vós algumas pessoas dizerem que, quando o nosso governo do povo não obteve sucesso, alguns consentiram em salvá-lo. Destes, apenas dos argivos serei levado a lembrar neste momento, e algo breve. Pois não desejaria que vós, que tendes a reputação de sempre salvar os desafortunados, aparecêsseis como inferiores aos argivos nessa questão, os quais, mesmo habitando uma terra vizinha à dos lacedemônios, vendo aqueles comandarem a terra e o mar, não hesitaram nem temeram mostrar que tinham benevolência por vós, mas também, quando embaixadores chegaram da Lacedemônia para, como afirmam, exigir alguns dos vossos refugiados, decidiram por voto, caso eles não partissem antes de o sol se pôr, julgá-los como inimigos.

Argumentando que os argivos não temeram o poder dos lacedemônios quando estes foram até lá para exigir que lhes fossem entregues os refugiados atenienses, Demóstenes projeta sua benevolência, pois demonstra não querer que os atenienses pareçam inferiores, ao mesmo tempo em que apela emocionalmente à audiência: eles parecerão inferiores se não se dispuserem a ajudar uma democracia fracassada, como os argivos fizeram. O elogio, na menção à reputação dos atenienses, contribui para esse apelo: Demóstenes destaca um determinado caráter esperando que os ouvintes desejem agir coerentemente com ele.

Nesse trecho, ele começa a fazer menção a alguns fatos da história da Grécia, que se estendem até 15.24, produzindo, indiretamente, a impressão de ser um homem culto, e demonstrando possuir os conhecimentos que Aristóteles considerava importantes ao orador que desejasse debater nas assembleias. Segundo o filósofo, os temas mais importantes das deliberações, e que os oradores deveriam conhecer, são os seguintes: finanças, guerra e paz, defesa nacional, importações e exportações, e legislação (*Rh.* 1359b18-23)¹¹¹. Sobre o tema guerra e paz, presente nesse discurso de Demóstenes, Aristóteles afirma que os oradores devem conhecer o poder da cidade, a sua força, seus recursos militares e as guerras que já foram travadas. E isso não apenas

¹¹¹ *Rh.* 1359b18-23: “σχεδὸν γάρ, περὶ ὧν βουλευόνται πάντες καὶ περὶ ἃ ἀγορεύουσιν οἱ συμβουλευόντες, τὰ μέγιστα τυγχάνει πέντε τὸν ἀριθμὸν ὄντα· ταῦτα δ' ἐστὶ περὶ τε πόρων, καὶ πολέμου καὶ εἰρήνης, ἔτι δὲ περὶ φυλακῆς τῆς χώρας, καὶ τῶν εἰσαγομένων καὶ ἐξαγομένων, καὶ νομοθεσίας.”.

sobre sua cidade, mas também sobre as cidades vizinhas, pois precisa saber com quem guerrear ou se aliar (*Rh.* 1359b33-39 e 1360a1-6)¹¹².

Demóstenes menciona, como recurso indireto para a construção do seu *ethos*, fatos passados relacionados à Guerra do Peloponeso¹¹³, como a instalação da Tirania dos Trinta, em 404 a.C., imposta pela Lacedemônia após a derrota ateniense nessa guerra¹¹⁴, que significou a derrota da democracia ateniense (15.22); as consequências dessa guerra para o Rei Persa, que após ajudar financeiramente os lacedemônios¹¹⁵, sofreu uma tentativa de tomada do trono que contou com a ajuda dos mesmos lacedemônios (15.24)¹¹⁶; e fatos da história dos argivos, como o desafio aos lacedemônios¹¹⁷ e a derrota para eles anteriormente (15.23)¹¹⁸. Dessa forma, ele demonstra conhecer o passado da cidade, as guerras travadas e a situação dos seus inimigos – assuntos que um orador deve conhecer sobre guerra e paz, segundo Aristóteles –, criando a impressão, em sua audiência, de ser um homem culto.

Ao final do discurso, Demóstenes faz um apelo emocional à audiência para honrar seus antepassados e realizar feitos dignos da cidade, assim como estes fizeram no passado:

ἐγὼ μὲν οὖν οἶμαι δεῖν ὑμᾶς ἀντιλαμβάνεσθαι τῶν πραγμάτων τούτων ἐρρωμένως, καὶ πράττειν ἄξια τῆς πόλεως, ἐνθυμούμενους ὅτι χαίρετ’

¹¹² *Rh.* 1359b33-39 a 1360a1-6: “περὶ δὲ πολέμου καὶ εἰρήνης τὴν δύναμιν εἰδέναι τῆς πόλεως, ὅποση τε ὑπάρχει ἤδη καὶ πόσῃ ἐνδέχεται ὑπάρξει, καὶ ποῖα τις ἢ τε ὑπάρχουσα ἐστὶ καὶ ἥτις ἐνδέχεται προσγενέσθαι, ἔτι δὲ πολέμους πῶς καὶ τίνας πεπολέμηκεν. οὐ μόνον δὲ τῆς οἰκείας πόλεως ἀλλὰ καὶ τῶν ὁμόρων ταῦτα ἀναγκαῖον εἰδέναι. καὶ πρὸς οὓς ἐπίδοξον πολεμεῖν, ὅπως πρὸς μὲν τοὺς κρείττους εἰρηνεύεται, πρὸς δὲ τοὺς ἥττους ἐφ’ αὐτοῖς ἢ τὸ πολεμεῖν. καὶ τὰς δυνάμεις, πότερον ὅμοιαι ἢ ἀνόμοιαι· ἔστι γὰρ καὶ αὐτὴ πλεονεκτεῖν ἢ ἐλαττοῦσθαι. ἀναγκαῖον δὲ καὶ πρὸς ταῦτα μὴ μόνον τοὺς οἰκείους πολέμους τεθεωρηκέναι ἀλλὰ καὶ τοὺς τῶν ἄλλων, πῶς ἀποβαίνουσιν· ἀπὸ γὰρ τῶν ὁμοίων τὰ ὅμοια γίνεσθαι πέφυκεν.”

¹¹³ Vide Mapa 3, no Apêndice A.

¹¹⁴ Após vencer a Guerra do Peloponeso, em 404 a.C., a Lacedemônia viveu um período de hegemonia na Grécia, durante o qual submeteu os atenienses ao regime oligárquico dos Trinta Tiranos (HORNBLLOWER, 2011, p. 218).

¹¹⁵ Durante a Guerra do Peloponeso, os lacedemônios receberam ajuda em dinheiro da Pérsia, o que garantiu-lhes a vitória (HORNBLLOWER, 2011, p. 159).

¹¹⁶ Após o fim da Guerra do Peloponeso, em 401 a.C., Ciro, príncipe da Pérsia e irmão do Rei Artaxerxes, tentou tomar o trono com a ajuda de mercenários gregos comandados por Clearco, um oficial lacedemônio, mas não obteve sucesso (*OCD*, s.v. *Cyrus* e *Clearchus*).

¹¹⁷ Após a instauração da Tirania dos Trinta em Atenas (vide n. 114), alguns atenienses buscaram refúgio em várias cidades gregas. Os lacedemônios, determinados a não permitir que Atenas recuperasse seu poder, exigiram que os atenienses exilados em qualquer lugar da Grécia fossem entregues aos Trinta, sob pena de multa de cinco talentos. Temendo o poder da Lacedemônia, todas as cidades que haviam oferecido abrigo aos atenienses concordam em entregá-los. A única exceção foi Argos, a primeira a oferecer-lhes asilo, movida tanto pelo ódio aos lacedemônios, como pela piedade ao destino dos atenienses (*D.S.* 14.6).

¹¹⁸ No século VII, Argos, sob o reinado de Fídon, derrotou a Lacedemônia em Hísias (669/8) e se tornou o primeiro maior poder da Grécia. Em 494 a.C., Cleomeles, rei da Lacedemônia entre 520-490 a.C., derrotou Argos e, de forma inescrupulosa, queimou milhares de sobreviventes argivos (*OCD*, s.v. *Argos* e *Cleomenes*).

ἀκούοντες, ὅταν τις ἐπαινῇ τοὺς προγόνους ὑμῶν καὶ τὰ πεπραγμέν' ἐκείνοις διεξίη καὶ τὰ τρόπαια λέγη, νομίζετε τοίνυν ταῦτ' ἀναθεῖναι τοὺς προγόνους ὑμῶν οὐχ ἵνα θαυμάζητ' αὐτὰ θεωροῦντες, ἀλλ' ἵνα καὶ μιμησθε τὰς τῶν ἀναθέντων ἀρετάς. (15.35)

Portanto, eu penso ser necessário que vós vos agarreis com força a essas questões, e realizeis feitos dignos da cidade, levando em consideração que vos alegrais em ouvir, quando alguém louva os vossos antepassados e conta os feitos realizados por eles e enumera seus troféus. Pois bem, considerai que estes troféus, vossos antepassados os erigiram não para que, contemplando-os, os admirásseis, mas para que imitásseis as virtudes daqueles que os erigiram.

Demóstenes afirma que, caso os atenienses decidam ajudar a democracia dos ródios, eles estarão fazendo uma ação bela, digna dos antepassados. Segundo Aristóteles, são belas as ações dignas dos antepassados ou os feitos anteriores (*Rh.* 1367b12-13)¹¹⁹. Embora não demonstre seu *ethos* de forma mais aparente, como faz no final do discurso *Em defesa dos megalopolitanos*, ele o deixa implícito no meio desse apelo emocional: ao aconselhá-los a agir nobremente como seus antepassados, Demóstenes mostra que seus valores estão alinhados com as virtudes que estes conquistaram, projetando, dessa forma, sua credibilidade¹²⁰.

Sobre a Paz

O discurso *Sobre a Paz*, de 346 a.C., trata da solicitação de reconhecimento da nova disposição da Anfictionia de Delfos, que passaria a ter Filipe, rei da Macedônia, como membro. Após a celebração da paz com Filipe, os atenienses se sentiram enganados e em desvantagem, pois perderam suas posses, seus aliados e tiveram de aceitar Filipe nos assuntos da Grécia Central. Assim, quando a solicitação do conselho chegou à cidade, os atenienses, descontentes com as consequências da paz, não quiseram reconhecê-lo como membro do Conselho. Demóstenes, então, profere esse discurso, aconselhando os atenienses a reconhecerem Filipe como membro da Anfictionia de Delfos, preocupado com as consequências que a hostilidade dos atenienses a Filipe, naquele momento, pudesse trazer para a cidade. Ele temia que essa atitude prejudicasse a paz celebrada, resultando na declaração, pelo Conselho dos Anfictiões, de uma guerra contra Atenas, considerando que várias cidades que fazem parte da Anfictionia de Delfos possuíam suas próprias inimizades com a cidade. Para

¹¹⁹ *Rh.* 1367b12-13: “καὶ ὅσα κατὰ τὸ προσήκον, οἷόν ἐστι ἄξια τῶν προγόνων καὶ τῶν προσηργμένων”.

¹²⁰ Kremmydas (2016, p. 49) afirma que a aderência do orador a valores e ideais comuns demonstra que ele é digno de confiança.

ele, seria inadequado correr o risco de uma guerra num momento em que Atenas não possuía mais a influência que detinha ao norte do mar Egeu, estava financeiramente exausta e tinha perdido importantes aliados.

Demóstenes inicia o discurso utilizando a técnica que Apsines vai denominar “teorema do fator adverso” (Aps. 1.35-42)¹²¹, tentando garantir a benevolência e a atenção de seus ouvintes:

ὄρῳ μὲν, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὰ παρόντα πράγματα πολλὴν δυσκολίαν ἔχοντα καὶ ταραχὴν οὐ μόνον τῷ πολλὰ προ εἶσθαι καὶ μηδὲν εἶναι προὔργου περι αὐτῶν εὖ λέγειν, ἀλλὰ καὶ περι τῶν ὑπολοίπων κατὰ ταῦτ᾽ ἀποδοῦναι καθ' ἑν τὸ συμφέρον πάντας ἡγεῖσθαι, ἀλλὰ τοῖς μὲν ὠδί, τοῖς δ' ἑτέρως δοκεῖν. (5.1)

Vejo, senhores atenienses, que os acontecimentos atuais trazem consigo muita dificuldade e perturbação, não apenas pelo fato de muitas vantagens termos cedido e nada de útil haver sobre esses incidentes para falar bem, mas também porque, com relação às questões restantes, todos as consideram em si mesmas e não em vista de um interesse comum. Enquanto a uns parece desse modo, a outros parece de modo diferente¹²².

Agora, o fator adverso a Demóstenes é a seguinte situação: os atenienses estão insatisfeitos com a paz e sentindo-se enganados por Filipe. O orador reconhece o incômodo com a situação e faz uma ressalva: não há nada de bom para falar sobre ela porque ninguém está analisando o caso com vistas ao interesse comum. Essa afirmação já inicia a crítica ao processo de deliberação que será feita logo em seguida:

δυσκόλου δ' ὄντος φύσει καὶ χαλεποῦ τοῦ βουλευέσθαι, ἔτι πολλῷ χαλεπότερον ὑμεῖς αὐτὸ πεποιήκατ', ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι: οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι πάντες ἄνθρωποι πρὸ τῶν πραγμάτων εἰώθασιν χρῆσθαι τῷ βουλευέσθαι, ὑμεῖς δὲ μετὰ τὰ πράγματα. ἐκ δὲ τούτου συμβαίνει παρὰ πάντα τὸν χρόνον ὄν οἷδ' ἐγώ, τὸν μὲν οἷς ἂν ἀμάρτητ' ἐπιτιμῶντα εὐδοκμεῖν καὶ δοκεῖν εὖ λέγειν, τὰ δὲ πράγματα καὶ περι ὧν βουλευέσθ' ἐκφεύγειν ὑμᾶς. (5.2)

Embora deliberar seja, por natureza, difícil e penoso, vós acabastes tornando isso ainda muito mais penoso, senhores atenienses. Pois, enquanto todos os outros homens estão acostumados a usar da deliberação antes dos acontecimentos, vós estais acostumados a fazê-lo depois destes. Disso resulta que, durante todo o tempo de que tenho conhecimento, aquele que reprova quaisquer atitudes com as quais vós tendes fracassado tem boa reputação e parece falar bem. Já os acontecimentos, sobretudo aqueles sobre os quais deliberais, passam despercebidos a vós.

¹²¹ Sobre o fator adverso de Apsines, vide p. 33-34.

¹²² Todas as traduções deste discurso são de Lívia Medeiros de Albuquerque e Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (2016). Em nossa tradução, procuramos manter, sempre que possível, as construções sintáticas do grego que tivessem um efeito retórico relevante. Embora essa opção produza um estranhamento no leitor, acreditamos que a leitura atenta e feita em voz alta pode, ao lado deste estranhamento, provocar uma interação maior com o texto. Procuramos também explorar a dimensão da voz em nossa tradução, como forma de estabelecer uma relação mais concreta com o passado e de presentificar a cultura grega. Essas opções foram uma tentativa de experimentação, resultantes das reflexões desenvolvidas no projeto de pesquisa do qual a tradução fez parte, e que tiveram, como ponto de partida, o conceito de “presentificação do passado” de Gumbrecht, que é uma forma de tornar o passado mais concreto, mais presente, de fazê-lo ocupar um espaço, alterando nossa percepção desse objeto distante (2002, p. 155).

Ao contrário da crítica aos meios de deliberação nos discursos anteriores, aqui Demóstenes faz uma crítica direta aos cidadãos. Nos dois primeiros períodos, ele se dirige diretamente aos atenienses, e de forma mais enfática, pois usa o pronome vós e o vocativo, além de evidenciar a crítica com o uso do perfeito¹²³, destacando como eles tornam o processo deliberativo mais penoso do que já é (πεποιήκατε - acabastes tornando) e como deliberam de forma insatisfatória, após os acontecimentos (εἰώθασι, estão acostumados)¹²⁴.

Essa crítica direta à assembleia ateniense, logo no próêmio do discurso, que é o momento ideal para o orador captar a atenção e a simpatia dos ouvintes, demonstra, por um lado, autoridade e confiança, e, por outro, uma despreocupação de Demóstenes com o sentimento de injúria ou desaprovação que poderia causar. Agora, ele já não age com todo aquele cuidado observado nos discursos anteriores para captar a atenção dos ouvintes. Talvez isso já seja um reflexo de sua reputação como político, que em 346 já estava consolidada, de forma que o orador não precisa se esforçar tanto para obter a atenção da audiência. Eles já o conhecem como político. Isso, de certa forma, também é um indício de que o *ethos* do orador não repousa apenas no discurso, como dizia Aristóteles na *Retórica* (*Rh.* 1356a8-10), nem exclusivamente na vida pública do orador, mas na combinação desses dois fatores.

Demóstenes, apesar de demonstrar essa despreocupação no início, já modaliza o discurso na continuação de sua crítica, para não cair em exagero:

ἐκ δὲ τούτου συμβαίνει παρὰ πάντα τὸν χρόνον ὃν οἶδ' ἐγώ, τὸν μὲν οἷς ἂν ἀμάρτητ' ἐπιτιμῶντα εὐδοκμεῖν καὶ δοκεῖν εὖ λέγειν, τὰ δὲ πράγματα καὶ περὶ ὧν βουλευέσθ' ἐκφεύγειν ὑμᾶς. (5.2)

Disso resulta que, durante todo o tempo de que tenho conhecimento, aquele que reprova quaisquer atitudes com as quais vós tendes fracassado tem boa reputação e parece falar bem. Já os acontecimentos, sobretudo aqueles sobre os quais deliberais, passam despercebidos a vós.

Agora, Demóstenes passa a crítica ao modo indireto, trazendo à assembleia mais um problema com seu modo de deliberar: a preocupação em ouvir o que agrada é mais importante do que os assuntos que devem ser discutidos e do que os próprios fatos. Mas ele não afirma, diretamente, que a assembleia não se preocupa com o que realmente importa. O orador constrói essa afirmação com uma correlação que coloca “aquele que reprova” e “os fatos” em evidência.

¹²³ Sobre o uso enfático do perfeito mencionado por Demétrio (*Eloc.* 214), vide p. 32.

¹²⁴ Esse trecho exemplifica o efeito oposto àquele que Demétrio menciona quando trata do modo figurado (*Eloc.* 287-295).

Na seção seguinte, ele expressa seu caráter de duas formas: primeiro indiretamente, quando afirma que reconhece esse problema, mas falará contando com a possibilidade de que sua audiência o escute e deixe de lado a ambição de vencer os debates¹²⁵; e, depois, diretamente, afirmando que é capaz de aconselhar o melhor:

οὐ μὴν ἀλλὰ καίπερ τούτων οὕτως ἐχόντων οἴομαι καὶ πεπεικῶς ἑμαυτὸν ἀνέστηκα, ἂν ἐθελήσητε τοῦ θορυβεῖν καὶ φιλονικεῖν ἀποστάντες ἀκούειν, ὡς ὑπὲρ πόλεως βουλευομένοις καὶ τηλικούτων πραγμάτων προσήκει, ἔξειν καὶ λέγειν καὶ συμβουλεύειν δι' ὧν καὶ τὰ παρόντ' ἔσται βελτίω καὶ τὰ προειμένα σωθήσεται. (5.3)

Apesar disso, embora as coisas sejam assim, eu, contando com a possibilidade de desejardes ouvir e de vos absterdes do barulho e da ambição de vencer os debates, como convém àqueles que deliberam em favor da cidade e de assuntos tão importantes, penso – e convencido disso eu mesmo me levantei agora – que eu serei capaz tanto de falar como de oferecer conselhos, com base nos quais as circunstâncias presentes se tornarão melhores, bem como os termos do tratado serão resguardados.

Primeiro, ele se coloca acima dos ouvintes, ao criticá-los, mais uma vez, mas de forma indireta: a crítica se mantém no campo das possibilidades, com a construção de subjuntivo com ἂν. Assim, Demóstenes destaca tanto o fato de eles não ouvirem aquilo que não lhes agrada, como também a prática da *philoneikia* (ambição de vencer debates)¹²⁶, já deixando claro que essas não são atitudes convenientes a quem delibera em favor da cidade, e, conseqüentemente, projetando sua autoridade. Na sequência, o orador expressamente afirma seu caráter: ele é capaz de oferecer os melhores conselhos para a situação atual. O contraste entre essa afirmação e a situação que critica destaca seu caráter oposto: ele delibera em favor da cidade apenas. E, mais uma vez, ele destaca sua benevolência, atribuindo-lhe certa grandeza, com o uso da combinação οὐ μὴν ἀλλά, que, como dito anteriormente, “estabelece um contraste entre uma situação desfavorável” – os problemas que ele enfrenta diante de uma assembleia que se preocupa mais com aquilo que é externo ao assunto – e seu caráter benevolente; ao lado de outra combinação, a combinação entre καί e περ, que tem valor concessivo e que denota um clímax¹²⁷, fazendo com que a atenção se concentre também na crítica ao modo de deliberar: Demóstenes vem fazendo suas críticas desde o início do discurso,

¹²⁵ Demóstenes mais uma vez usa o termo *philoneikia* como uma prática negativa nas deliberações. Além de ocorrer nos três discursos analisados (vide n. 74), a palavra também está presente em outros discursos do orador: *Sobre a Coroa* (Dem. 18.141 e 246) e *Contra Leptines* (Dem. 20.157), o que pode ser uma indicação de que essa prática era comum na Atenas do séc. IV.

¹²⁶ Essa crítica aparece da mesma forma em Dem. 16.1, como uma característica que não é apropriada a quem delibera em favor da cidade.

¹²⁷ A combinação καίπερ é rara em oratória, exceto em Demóstenes. Essa combinação marca um clímax, com a partícula καί, e a concessão, com περ (DENNISTON, 1954, p. 488).

que atingem o clímax quando ele apresenta-se como aquele que vai oferecer os melhores conselhos, mesmo dentro de um sistema deliberativo repleto de falhas. Aqui, quando o orador afirma que, no momento em que se convenceu de que era capaz de falar o que é melhor para a cidade, levantou-se, ele consegue criar uma imagem para esse clímax, ao mesmo tempo em que o atinge.

A partir da seção seguinte até o final do proêmio (5.4-12), Demóstenes começa a narrar seus feitos, dando prova de sua credibilidade e sustentando seu caráter de homem prudente, afinal, sua reputação, é medida, em parte, pelas consequências de suas políticas¹²⁸.

Antes de iniciar o relato sobre si mesmo, ele deixa claro à assembleia que, mesmo sabendo o quanto é vantajoso ao orador falar sobre si mesmo, considera isso uma tarefa cansativa e só falará porque é necessário:

ἀκριβῶς δ' εἰδώς, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὸ λέγειν περὶ ὧν αὐτὸς εἶπέ τις καὶ περὶ αὐτοῦ παρ' ὑμῖν ἀεὶ τῶν πάνυ λυσιτελοῦντων τοῖς τολμῶσιν ὄν, οὕτως ἡγοῦμαι φορτικὸν καὶ ἐπαχθὲς ὥστε ἀνάγκην οὕσαν ὄρων ὅμως ἀποκνῶ. νομίζω δ' ἄμεινον ἂν ὑμᾶς περὶ ὧν νῦν ἐρῶ κρίναι, μικρὰ τῶν πρότερόν ποτε ῥηθέντων ὑπ' ἐμοῦ μνημονεύσαντες.(5.4)

Embora eu saiba exatamente, senhores atenienses, que o fato de uma pessoa falar diante de vós sobre aquilo que ela própria falou, e sobre si mesma, é uma das situações sempre muito vantajosas aos que se atrevem a discursar, creio que isso é tão cansativo e pesado que, mesmo percebendo que essa necessidade existe, ainda assim hesito em fazê-lo. Mas eu considero que vós poderíeis melhor decidir sobre as coisas que direi agora, após vos lembrardes um pouco daquelas que já foram ditas por mim antes, em outros momentos.

Demóstenes está prestes a fazer uma extensa narrativa de seus conselhos anteriores, falando em favor de si mesmo, com o objetivo de mostrar que é digno de confiança. Mas falar explicitamente de suas qualidades não é aconselhável ao orador que deseja despertar a benevolência da audiência, como afirmou, mais tarde, Anônimo Segueriano (Anon. Seg. 16). Demóstenes é exemplo disso aqui, ao usar uma estratégia em que alega falar algo porque está sendo forçado pelas circunstâncias, a qual Apsines denominará “teorema do fardo” (βαρύτης - Aps. 1.16)¹²⁹. Embora recomende o uso desse teorema para outra circunstância¹³⁰, o teorema de Apsines se encaixa bem nessa situação, especialmente se consideramos que Demóstenes está também usando o modo figurado, ao disfarçar a verdadeira intenção desse relato, alegando fazer isso por necessidade.

¹²⁸ RORTY, 1993, p. 9.

¹²⁹ Dilts e Kennedy explicam esse argumento em nota (DILTS e KENNEDY, p. 81, n. 14).

¹³⁰ Segundo Apsines, esse teorema é útil quando alguém introduz uma proposta sem sucesso e deseja apresentar outra.

Apsines não define o modo figurado, apenas o apresenta, sem imediata clareza¹³¹, em alguns exemplos. Mas o modo figurado foi tratado por outros autores¹³², como Demétrio, cujos exemplos são seguidos de explicações, e que permitem concluir que o objetivo do modo figurado é injuriar, criticar ou repreender sem parecer estar fazendo-se isso (*Eloc.* 287-295). Hermógenes, em *Sobre a Invenção*¹³³, também trata do modo figurado nos mesmos termos, como forma de disfarçar as intenções do orador (*Inv.* 4.13.205-211).

Após expor seu primeiro exemplo, Demóstenes diz:

καὶ χρόνου βραχέος διελθόντος, μετὰ τοῦ προσοφλεῖν αἰσχύνῃν καὶ παθεῖν οἷα τῶν ὄντων ἀνθρώπων οὐδένας πώποτε πεπόνθασ' ὑπὸ τούτων οἷς ἐβοήθησαν, πάντες ὑμεῖς ἔγνωτε τὴν τε τῶν τότε ταῦτα πεισάντων κακίαν καὶ τὰ βέλτιστ' εἰρηκότ' ἐμέ. (5.5)

E, transcorrido pouco tempo, depois de expor-nos à vergonha e sofrer o tipo de coisa que nenhum dos homens vivos jamais sofreu pelas mãos daquelas pessoas às quais ajudara, vós todos percebestes tanto a maldade daqueles que vos tinham persuadido disso naquela ocasião, quanto os excelentes conselhos que eu proferi.

Aqui, ele projeta sua prudência destacando tanto o caráter correto de seus conselhos como o caráter oposto daqueles que os persuadiram a agir da forma contrária. Além disso, a crítica aos outros oradores contribui para estabelecer sua autoridade e credibilidade.

Depois de apresentar dois exemplos de conselhos dados por ele no passado, Demóstenes, mais uma vez, destaca sua capacidade de oferecer bons conselhos:

δύο μὲν δὴ ταῦθ' ὧν προεῖπον ἐγὼ μαρτυρεῖ τοῖς γεγενημένοις λόγοις ὀρθῶς καὶ δικαίως, οἷά περ ἦν, ἀποφανθένθ' ὑπ' ἐμοῦ. (5.9)

Com certeza, essas duas situações que eu anunciei dão testemunho de que meus discursos foram proferidos corretamente e justamente, do modo como aconteceu, como foi esclarecido por mim.

Agora, o orador não apenas reforça seu caráter prudente, repetindo que seus conselhos foram os melhores, como atribui grandeza à sua prudência com o uso da partícula δὴ¹³⁴. Aqui, a partícula está enfatizando uma expressão pronominal (“essas duas situações”)¹³⁵.

¹³¹ Seus exemplos se referem a situações históricas, que poderiam ser claras em seu tempo, mas que, para o leitor tardio, demandam um esforço maior para compreensão.

¹³² Demétrio, Quintiliano e Pseudo-Dionísio (KENNEDY, 2005, p. 189).

¹³³ Kennedy acredita que o capítulo sobre o modo figurado pertence provavelmente a Apsines e foi adicionado ao texto pelo criador do *corpus* hermogênico (KENNEDY, 2005, p. 187-189).

¹³⁴ Sobre o efeito de grandeza associado ao uso das partículas, vide n. 105. A partícula δὴ é usada apenas duas vezes no discurso, ambas em 5.9.

¹³⁵ Denniston afirma que a partícula δὴ pode enfatizar um adjetivo, um advérbio, um nome, um pronome ou um verbo. Ele destaca que há uma tendência, na prosa, a restringir o uso enfático da partícula a certos

Em seguida, ao apresentar seu terceiro e último exemplo, Demóstenes usa uma estratégia descrita por Anônimo Segueriano para manter a atenção dos ouvintes. Ele diz:

τὸ τρίτον δ', ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, (καὶ μόνον ἐν τοῦτ' εἰπὼν ἔτι καὶ δὴ περὶ ὧν παρελήλυθ' ἐρῶ) [...] (5.9)

E a terceira, senhores atenienses (e após dizer apenas mais uma situação eu falarei, realmente, a respeito dos assuntos pelos quais me apresentei), é que [...]

Como o relato sobre sua experiência deliberativa é longo, e se estenderá ainda por mais três seções, Demóstenes afirma para a audiência que falará realmente sobre o assunto do discurso, logo após esse exemplo. Esse trecho representa bem uma das técnicas que Anônimo Segueriano fornece para que o orador consiga captar a atenção da audiência: prometer falar breve e claramente, e sobre o que é necessário (Anon. Seg. 15).

Nesse trecho, a partícula δὴ aparece pela segunda e última vez no discurso, mas agora é usada ao lado de καί. Segundo Denniston, καὶ δὴ tem dois sentidos: um conectivo e outro não-conectivo. O sentido não conectivo, que é bem comum em Demóstenes, denota, de forma vívida e dramática, que algo realmente está acontecendo em um determinado momento¹³⁶. A partícula tem um efeito emocional: acalma a audiência ao enfatizar o fato de que o assunto próprio do discurso será introduzido em breve.

Enquanto, ao longo de seu relato, Demóstenes destaca claramente o caráter correto de seus conselhos, ao final, ele atribui seu sucesso à boa sorte e ao fato de não receber suborno:

ταῦτα τοίνυν ἅπανθ', ὅσα φαίνομαι βέλτιον τῶν ἄλλων προορῶν, οὐδ' εἰς μίαν, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, οὔτε δεινότητ' οὔτ' ἀλαζονείαν ἐπανοίσω, οὐδὲ προσποιήσομαι δι' οὐδὲν ἄλλο γινώσκειν καὶ προαισθάνεσθαι πλὴν δι' ἂν ὑμῖν εἴπω, δύο: ἐν μὲν, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, δι' εὐτυχίαν, ἦν συμπάσης ἐγὼ τῆς ἐν ἀνθρώποις οὔσης δεινότητος καὶ σοφίας ὀρῶ κρατοῦσαν: ἕτερον δέ, προῖκα τὰ πράγματα κρίνω καὶ λογίζομαι, καὶ οὐδὲν λῆμμ' ἂν οὐδεὶς ἔχοι πρὸς οἷς ἐγὼ πεπολίτευμαι καὶ λέγω δεῖξαι προσηρτημένον. ὀρθὸν οὖν, ὃ τι ἂν ποτ' ἀπ' αὐτῶν ὑπάρχη τῶν πραγμάτων, τὸ συμφέρον φαίνεται μοι. ὅταν δ' ἐπὶ θάτερ' ὥσπερ εἰς τρυτάνην ἀργύριον προσενέγκης, οἷχεται φέρον καὶ καθείλκυκε τὸν λογισμὸν ἐφ' αὐτό, καὶ οὐκ ἂν ἔτ' ὀρθῶς οὐδ' ὑγιῶς ὁ τοῦτο ποιήσας περὶ οὐδενὸς λογίσατο. (5.11-12)

Então, em relação a todas essas situações, todas quantas eu pareço prever melhor que os outros, não mencionarei nem uma só habilidade ou fanfarronice, senhores atenienses; nem alegarei conhecê-las e percebê-las

tipos bem definidos de palavras. Em relação ao uso da partícula com pronomes, o autor afirma que geralmente ela é empregada com um tom mais arrogante (DENNISTON, 1954, p. 204).

¹³⁶ DENNISTON, 1954, p. 250.

por nenhum outro modo senão por dois, que vos contarei. Um, senhores atenienses, é a boa sorte, a qual eu vejo reinar sobre toda habilidade e sabedoria que existe nos homens; e o outro é que eu julgo e pondero as questões gratuitamente, e ninguém teria como demonstrar nenhum benefício meu ligado aos assuntos dos quais eu trato como cidadão e sobre os quais eu falo como orador. Portanto, correto me parece o interesse – seja ele qual for – que, em alguma circunstância, surja dos próprios fatos. Por outro lado, sempre que alguém, assim como em uma balança, leva dinheiro de um prato para outro, este se move rapidamente e faz recair sobre si mesmo a avaliação, e o homem que fez isso já não pode ponderar nada de modo correto e sensato.

O relato sobre sua capacidade de julgar o que é melhor o faz parecer melhor do que os outros oradores. Essa comparação com os outros contribui para estabelecer seu caráter, mas Demóstenes usa agora de certa modéstia, atribuindo seu sucesso à boa sorte (εὐτυχία), e não à sua prudência. Ele também atribui isso ao fato de não receber suborno, o que demonstra sua benevolência e sua virtude moral.

Por fim, Demóstenes encerra o proêmio com uma metáfora relacionada à prática de receber vantagens em benefício próprio: ele compara a reputação daquele que não age com o correto interesse a uma balança. Da mesma forma que, com o peso do dinheiro, o prato cai, cai também a reputação de quem age assim. Pelo contraste, bem visível com a metáfora¹³⁷, ele estabelece seu caráter prudente, benevolente e virtuoso: segundo suas próprias palavras, Demóstenes possui inteligência para decidir o que é melhor, age sempre em interesse da cidade, e resiste à tentação de receber benefícios pessoais quando trata dos assuntos da cidade¹³⁸.

Apenas ao final do discurso, Demóstenes faz um resumo de suas orientações e retoma, de forma mais aparente, o tratamento do seu *ethos*:

τὰ κελευόμεν' ἡμᾶς ἄρα δεῖ ποιεῖν ταῦτα φοβουμένους; καὶ σὺ ταῦτα κελεύεις; πολλοῦ γε καὶ δέω. ἀλλ' ὥς οὔτε πράξομεν οὐδὲν ἀνάξιον ἡμῶν αὐτῶν οὔτ' ἔσται πόλεμος, νοῦν δὲ δόξομεν πᾶσιν ἔχειν καὶ τὰ δίκαια λέγειν, τοῦτ' οἶμαι δεῖν ποιεῖν. (5.24)

Acaso essas coisas ordenadas nós devemos fazer por ter medo? Também tu as ordenas? Eu, ao menos, estou longe disso. Mas que não façamos nada indigno de nós mesmos, e que não haja guerra, e que pareçamos a todos ter bom senso e dizer o que é justo – isso, penso, é o que devemos fazer.

¹³⁷ A metáfora (μεταφορά), segundo Aristóteles, faz o objeto saltar diante dos olhos (*Rh.* 1410b33-34: “ἔτι τῷ πρὸ ὀμμάτων ποιεῖν.”). Essa função é a mesma da aparição (ἐνάργεια) de que trata Anônimo Segueriano: trazer o que foi dito para diante dos olhos (Anon. Seg. 96).

¹³⁸ Embora com essas palavras Demóstenes projete sua virtude, refletida na sua capacidade de resistir às tentações de obter vantagens pessoais, o orador foi acusado de receber suborno de Hárpalo, tesoueiro real de Alexandre (vide n. 7). Além disso, Plutarco afirma que Demóstenes havia recebido suborno do Rei da Pérsia para incitar a oposição a Filipe, distraído-o e mantendo-o ocupado com os problemas da Grécia; e diz que, mais tarde, Alexandre veio a descobrir algumas cartas de Demóstenes e registros dos generais do rei que indicavam a quantia de dinheiro que ele havia recebido (*Dem.* 2010, p. 60)

O orador se mostra corajoso, pois não age por medo, e, recomendando que seus ouvintes hajam de maneira digna, com bom senso e justiça, mostra seu caráter orientado para a virtude.

Ao final, ele se manifesta pela paz, tratando-a como se fosse um consenso entre todos, com o uso da primeira pessoa do plural:

[...] δῆλον ὅτι τὴν ἀπὸ τῆς εἰρήνης ἡσυχίαν πλειόνων ἀγαθῶν αἰτίαν εἶναι νομίζοντες ἢ τὸ προσκρούειν καὶ φιλονικεῖν περὶ τούτων. (5.25)

É evidente que consideramos que a tranquilidade que resulta da paz é responsável por bens maiores do que o desentendimento e o desejo de só vencer disputas sobre essas questões.

Demóstenes também faz uma crítica, no modo figurado, àqueles que se manifestaram de forma contrária à aceitação de Filipe, associando esses conselhos com a *philoneikia*, como se os outros oradores estivessem mais preocupados em vencer os debates do que em discutir sobre o que é melhor para a cidade. E, aqui, mais uma vez, ele estabelece seu caráter através da crítica aos vícios do processo de deliberação: ele os reconhece e a eles se opõe.

1.3. Considerações Finais

Demóstenes projeta seu *ethos* de duas maneiras: diretamente, quando aquilo que diz faz uma referência explícita a seu caráter, e indiretamente, quando o que diz, ou a forma como diz, criam na audiência a aparência de possuir determinado caráter.

Nos dois primeiros discursos há o predomínio da projeção direta de seu *ethos*, que se manifesta em todas as suas partes: no próêmio, na argumentação e no epílogo. Nota-se uma preocupação do orador em demonstrar à audiência que possui as qualidades necessárias para oferecer conselhos na assembleia, através da constante afirmação dessas características ao longo do discurso.

Já no discurso *Sobre a Paz* (5), o *ethos* é projetado, de forma explícita, apenas no próêmio¹³⁹. Entretanto, durante a argumentação, que é mais consistente neste discurso do que nos outros dois, Demóstenes cria a impressão de possuir os conhecimentos necessários para aconselhar na assembleia, projetando, indiretamente, seu caráter de homem prudente.

¹³⁹ No epílogo ocorre uma projeção indireta de seu caráter, através da crítica aos vícios do processo de deliberação (vide p. 49-50).

Os argumentos que ele usa nos dois primeiros discursos não são tão fortes quanto no último. No discurso *Em defesa dos megalopolitanos* (16), embora trabalhe um conceito interessante de equilíbrio de poder, e explique porque considera melhor ajudar os megalopolitanos, ele não oferece um argumento sólido para refutar a principal preocupação dos atenienses, que é prejudicar, com a ajuda aos megalopolitanos, a aliança com os lacedemônios e, como consequência, não contar com a ajuda destes para recuperar Oropo. Demóstenes afirma, em 16.13, que é mais apropriado aos lacedemônios sentir gratidão por terem sido salvos por eles quando corriam perigo, do que sentir raiva por serem impedidos de tentar investir contra os megalopolitanos, de forma que, se não os ajudarem a recuperar Oropo por causa disso, eles parecerão ser os piores dos homens:

καὶ μὴν εἰ σφόδρα ἐναντίον ἐστὶ τοῖς Λακεδαιμονίων ἐπιχειρήμασιν τὸ τοῦς Ἀρκάδας ἡμᾶς συμμάχους ποιήσασθαι, προσήκει δῆπου πλείω χάριν αὐτοῦς ἔχειν ὢν ἐσώθησαν ὑφ' ἡμῶν εἰς τοὺς ἐσχάτους ἐλθόντες κινδύνους ἢ ὢν ἀδικεῖν κωλύονται νῦν ὀργίζεσθαι. ὥστε πῶς οὐ βοηθήσουσιν ἡμῖν ἐπ' Ὀρωπόν, ἢ κάκιστοι πάντων ἀνθρώπων δόξουσιν εἶναι; μὰ τοὺς θεοὺς ἐγώ γε οὐχ ὀρῶ. (16.13)

E, além disso, se é completamente contrário aos empreendimentos dos lacedemônios o fato de fazermos dos arcádios nossos aliados, é mais apropriado, sem dúvida, que eles tenham gratidão por terem sido salvos por nós quando estavam indo em direção aos mais extremos perigos do que raiva por serem impedidos agora de cometer injustiças. Assim, como não nos ajudarão em relação a Oropo? Ou parecerão ser os piores de todos os homens? Pelos deuses, eu, de minha parte, não vejo como.

Sua conclusão não se baseia no conhecimento, nem é logicamente demonstrada, mas está fundada em um fator emocional: os lacedemônios vão ajudar para não parecer ser os piores dos homens.

No discurso *Sobre a liberdade dos ródios* (15), Demóstenes precisa superar dois fatores adversos: a hostilidade dos atenienses em relação aos ródios e o temor de uma guerra contra Artemísia. Em relação ao primeiro fator adverso, Demóstenes apela às emoções da audiência, tanto ao lembrar que os atenienses já foram enganados antes, assim como os ródios, quanto ao mencionar que eles também estão sujeitos a perder a condição democrática em que vivem¹⁴⁰. Ele procura despertar a compaixão e o medo dos atenienses, mas, em relação ao medo, não demonstra de forma convincente nem lógica, com base em fatos concretos, o quão próximo o perigo pode estar, nem justifica esse temor, fatores que seriam fundamentais para despertar essa emoção na audiência. Isso, ao menos, é o que se conclui quando se compara a estratégia retórica de

¹⁴⁰ Vide p. 37-38.

Demóstenes neste discurso com o que afirma Aristóteles, seu contemporâneo, que diz que as pessoas sentem medo diante de um mal que pode gerar um grande prejuízo e que esteja mais próximo ou prestes a acontecer (*Rh.* 1382a21-27)¹⁴¹.

Em relação ao segundo fator adverso, seu argumento é o seguinte: se o rei estivesse obtendo sucesso em sua tentativa de reconquistar o Egito, Artemísia tentaria proteger a ilha para obter a benevolência dele. Mas, como essa tentativa está sendo malsucedida, ela provavelmente pensará que a ilha não tem utilidade ao rei, e que será um obstáculo ao governo dela, de forma que será melhor para ela que os atenienses a dominem, do que o rei a tome:

ἐγὼ νομίζω, πράττοντος μὲν ἐν Αἰγύπτῳ πάνθ' ὡς ὄρμηκε βασιλέως, σφόδρ' ἂν Ἀρτεμισίαν πειραθῆναι περιποιῆσαι Ῥόδον αὐτῷ, οὐ τῇ βασιλέως εὐνοίᾳ, ἀλλὰ τῷ βούλεσθαι πλησίον αὐτῆς διατρίβοντος ἐκείνου μεγάλην εὐεργεσίαν καταθέσθαι πρὸς αὐτόν, ἵν' ὡς οἰκειότατ' αὐτὴν ἀποδέχεται: πράττοντος δ' ὡς λέγεται, καὶ διημαρτηκότος οἷς ἐπεχείρησεν, ἠγεῖσθαι τὴν νῆσον ταύτην, ὅπερ ἔστιν, ἄλλο μὲν οὐδὲν ἂν εἶναι βασιλεῖ χρησίμην ἐν τῷ παρόντι, τῆς δ' αὐτῆς ἀρχῆς ἐπιτείχισμα πρὸς τὸ μηδ' ὀτιοῦν παρακινεῖν. ὥστε μοι δοκεῖ μᾶλλον ἂν ὑμᾶς ἔχειν μὴ φανερώς αὐτῆς ἐνδοῦσης, ἢ 'κεῖνον λαβεῖν βούλεσθαι. οἶμαι μὲν οὖν οὐδὲ βοηθήσειν αὐτήν, ἂν δ' ἄρα τοῦτο ποιῆ, φαύλως καὶ κακῶς. (15.11-12)

Eu acredito que, se o rei, por um lado, estivesse executando no Egito todas as campanhas da forma como havia incitado, Artemísia, com veemência, tentaria assegurar Rodes para ele, não por benevolência ao rei, mas por querer, uma vez que aquele vive perto dela, um grande favor conseguir para ele, a fim de que ele lhe desse em troca o tratamento mais familiar possível. Por outro lado, se ele está executando como dizem e tem falhado em relação ao que tentou, acredito que ela consideraria que esta ilha em nada mais seria útil ao rei no momento atual, o que é verdade, mas a seu próprio governo seria uma barreira com o propósito de nada em absoluto mudar. Desse modo me parece que ela desejaria muito mais, desde que ela não ceda visivelmente, que vós vos apoderásseis da ilha do que aquele a tomasse. Portanto, penso que ela mesma não enviará ajuda, e, se acaso fizer isso, será de maneira negligente e insuficiente.

Mais uma vez, seus argumentos não se baseiam em fatos dos quais suas conclusões possam ser logicamente demonstradas, mas em suposições que repousam na esfera das possibilidades, marcada aqui pelo uso de ἂν em dois momentos: tanto em relação ao que Artemísia vai pensar (assegurar ou não a ilha: “[...] σφόδρ' ἂν Ἀρτεμισίαν πειραθῆναι περιποιῆσαι Ῥόδον αὐτῷ [...]”) como em relação ao resultado de seus pensamentos (a ilha não teria utilidade ao rei e seria um obstáculo para ela: “[...] ἠγεῖσθαι τὴν νῆσον ταύτην, ὅπερ ἔστιν, ἄλλο μὲν οὐδὲν ἂν εἶναι βασιλεῖ χρησίμην ἐν τῷ παρόντι, τῆς δ' αὐτῆς ἀρχῆς ἐπιτείχισμα πρὸς τὸ μηδ' ὀτιοῦν παρακινεῖν.”).

¹⁴¹ *Rh.* 1382a21-27: “ἔστω δὴ φόβος λύπη τις καὶ ταραχὴ ἐκ φαντασίας μέλλοντος κακοῦ φθαρτικοῦ ἢ λυπηροῦ· οὐ γὰρ πάντα τὰ κακὰ φοβοῦνται, οἷον εἰ ἔσται ἄδικος ἢ βραδύς, ἀλλ' ὅσα λύπας μεγάλας ἢ φθοράς δύνανται, καὶ ταῦτα ἐὰν μὴ πόρρω ἀλλὰ σύνεγγυς φαίνεται ὥστε μέλλειν. τὰ γὰρ πόρρω σφόδρα οὐ φοβοῦνται· ἴσασι γὰρ πάντες ὅτι ἀποθανοῦνται, ἀλλ' ὅτι οὐκ ἐγγύς, οὐδὲν φροντίζουσιν.”

Já no discurso *Sobre a Paz*, os argumentos são bem desenvolvidos e bem fundamentados. Demóstenes manifesta-se por não tomar atitudes que possam prejudicar a paz celebrada, como por exemplo, não reconhecer Filipe como membro do Conselho dos Anfictiões, correndo o risco de provocar as cidades que fazem parte da Anfictionia, com medo de que essas cidades, motivadas por suas próprias diferenças com Atenas, comecem uma guerra contra a cidade. Ele apresenta o motivo que cada cidade teria para guerrear contra eles, todos baseados em fatos concretos e recentes:

τί οὖν ἡγοῦμαι φοβερὸν καὶ τί φυλάσασθαι δεῖν ἡμᾶς; μὴ κοινήν πρόφασιν καὶ κοινὸν ἔγκλημ' ὃ μέλλον πόλεμος πρὸς ἅπαντας λάβη. (18) εἰ γὰρ Ἀργεῖοι μὲν καὶ Μεσσήνιοι καὶ Μεγαλοπολίται καὶ τινες τῶν λοιπῶν Πελοποννησίων, ὅσοι ταῦτά τούτοις φρονοῦσι, διὰ τὴν πρὸς Λακεδαιμονίους ἡμῖν ἐπικηρυκείαν ἐχθρῶς σχήσουσι καὶ τὸ δοκεῖν ἐκδέχεσθαι τι τῶν ἐκείνοις πεπραγμένων, Θηβαῖοι δ' ἔχουσι μὲν, ὡς λέγουσιν, ἀπεχθῶς, ἔτι δ' ἐχθροτέρως σχήσουσιν, ὅτι τοὺς παρ' ἐκείνων φεύγοντας σφύζομεν καὶ πάντα τρόπον τὴν δυσμένειαν ἐνδεικνύμεθ' αὐτοῖς, (19) Θετταλοὶ δ', ὅτι τοὺς Φωκέων φυγάδας σφύζομεν, Φίλιππος δ', ὅτι κωλύομεν αὐτὸν κοινωνεῖν τῆς ἀμφικτυονίας, φοβοῦμαι μὴ πάντες περὶ τῶν ἰδίων ἕκαστος ὀργιζόμενος κοινὸν ἐφ' ἡμᾶς ἀγάγωσι τὸν πόλεμον, τὰ τῶν Ἀμφικτυόνων δόγματα προστησάμενοι, εἴτ' ἐπισπασθῶσιν ἕκαστοι πέρα τοῦ συμφέροντος ἑαυτοῖς ἡμῖν πολεμήσει, ὥσπερ καὶ περὶ Φωκέας. (5.17-19)

Então, de que é que eu creio que nós devemos ter medo e nos precaver? De que a guerra que está prestes a acontecer admita um pretexto comum e uma queixa comum para todos. (18) Pois, se os argivos, e os messênios, e os megalopolitanos, e alguns dos peloponésios restantes, tantos quantos têm os mesmos sentimentos que esses, ficarão nossos inimigos por causa da missão do arauto enviado aos lacedemônios por nós e pelo fato de lhes parecer que estamos acolhendo alguma das coisas feitas por estes; e se os tebanos, como dizem, são hostis, e ficarão ainda mais nossos inimigos porque estamos salvando aqueles que estão escapando deles e porque, de toda forma, estamos demonstrando descontentamento com eles; (19) e se os tessálios, porque estamos salvando os focenses exilados; e se Filipe, porque o estamos impedindo de participar do Conselho dos Anfictiões, então eu temo que todos, irritando-se cada um por suas questões particulares, conduzam uma guerra em comum contra nós, após expor em público as resoluções dos Anfictiões. E temo que, em seguida, cada um deles seja levado a guerrear contra nós para além daquilo que é do próprio interesse deles, como também ocorreu em relação aos focenses.

Esse trecho, além de conter motivos sólidos para os argumentos do orador, o que por si só já poderia criar persuasão pelo *logos*¹⁴², também contém um apelo patético, que desperta o medo dos ouvintes: o longo período enumerando, uma após a outra, as razões da inimizade de cada cidade com Atenas (o período contém 12 linhas), cria um

¹⁴² Segundo Aristóteles, a persuasão pelo *logos* ocorre quando o orador demonstra a “verdade ou que parece ser verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular.” (*Rh.* 1356a19-20: “διὰ δὲ τῶν λόγων πιστεύουσιν, ὅταν ἀληθὲς ἢ φαινόμενον δείξωμεν ἐκ τῶν περὶ ἕκαστα πιθανῶν.”)

suspense na audiência¹⁴³. Só ao final ele esclarece como esses fatos podem representar um perigo à cidade.

Em seguida, Demóstenes apresenta as razões que levaram várias cidades a travarem uma guerra comum contra os focenses, cada uma, da mesma forma, motivada por seus problemas particulares com eles. Esses fatos passados servem como base para que ele veja um perigo próximo. São premissas válidas para elaborar seus argumentos e chegar a uma conclusão concreta.

Demóstenes agora parece demonstrar mais maturidade para elaborar seus argumentos. E isso, provavelmente, teria lhe conferido autoridade e confiança diante da assembleia. Ele demonstra possuir a inteligência necessária para refletir sobre o que é melhor para a cidade, ou seja, o caráter da prudência.

Nos dois primeiros discursos, Demóstenes procura criar a aparência de possuir aquelas qualidades convenientes ao bom orador, conforme dito por Aristóteles¹⁴⁴. Pode-se conjecturar que ele esteja tentando, através do discurso, estabelecer seu caráter como alguém que fala em favor da cidade, e não em benefício próprio, ou pela ambição de vencer os debates (φιλονεικία), e que possui o conhecimento e as virtudes morais necessários para falar diante da assembleia. Além disso, o orador é cuidadoso em suas críticas e tenta, ao repreender a audiência usando o modo figurado, garantir a atenção de seus ouvintes. Essa forma de projetar o seu *ethos* e de tratar com cuidado as emoções da audiência condiz com o momento de sua carreira: sua reputação como político ainda não está estabelecida na assembleia, de forma que ele precisa mostrar aos ouvintes, pelo discurso, ser digno de aconselhar ali, e precisa garantir atenção e benevolência para com ele.

Por outro lado, no último discurso, Demóstenes já possui essa reputação e é conhecido por todos como defensor da democracia¹⁴⁵, de forma que parece se preocupar mais em demonstrar que é capaz de oferecer bons conselhos, ou seja, que possui o caráter da prudência, uma vez que ele faz um extenso relato a seu favor (5.4-12). Nesse discurso, o orador parece demonstrar mais autoridade, tanto ao construir suas críticas de forma direta, quanto ao desenvolver seus argumentos, o que também cria a impressão de ser um homem prudente e culto.

¹⁴³ Esse trecho é um bom exemplo do tipo de estrutura sintática que procuramos manter na tradução, conforme mencionado na nota 122.

¹⁴⁴ Sobre as qualidades necessárias ao orador, vide p. 16.

¹⁴⁵ Vide p. 8 e n. 4.

Mais uma vez, a projeção do seu *ethos* parece estar alinhada com o momento em que está proferindo o discurso, principalmente se levarmos em conta que a situação política estava delicada em 346. A cidade estava descontente com o rumo que as negociações sobre a paz com Filipe tomaram, de muitas das quais Demóstenes também havia participado. Embora em seu discurso ele critique Ésquines (que participou com Demóstenes das embaixadas para negociação sobre a paz) por reportar falsas promessas¹⁴⁶, foi seu conselho que permitiu a Filipe tomar um rumo diferente, o que acabou deixando os atenienses descontentes¹⁴⁷. Essa pode ser a razão pela qual Demóstenes se preocupa em estabelecer sua credibilidade no próêmio do discurso, e em mostrar que, apesar da situação adversa a ele, ele é capaz de aconselhar ali.

A projeção do *ethos* de Demóstenes não apresenta grandes diferenças nos dois primeiros discursos. Em ambos, o orador tenta estabelecer sua reputação diante da assembleia de forma mais direta. Mas, no discurso *Sobre a liberdade dos ródios*, além de projetar indiretamente seu caráter de homem culto, ao mencionar alguns fatos da história da cidade, Demóstenes também faz uso, embora em menor proporção, do mesmo recurso que usou em *Sobre a Paz*: ele também cita uma situação em que ofereceu um conselho que, segundo suas palavras, agradou os ouvintes, lembrando a ocasião em que proferiu o discurso *Sobre as Simorias*¹⁴⁸. É interessante notar que o discurso *Em defesa dos megalopolitanos* é posterior ao discurso *Sobre as Simorias*, de forma que ele poderia ter usado esse recurso no primeiro discurso para estabelecer sua credibilidade dinte da assembleia, mas só o fez no discurso posterior (*Sobre a liberdade dos ródios*). Essa pequena diferença na construção de seu caráter nesses discursos pode indicar certo amadurecimento na forma como ele concebe a projeção do seu *ethos* no período compreendido entre a apresentação dos dois discursos.

¹⁴⁶ Em 5.10, Demóstenes critica Ésquines por ter reportado falsas promessas a Filipe em relação às condições para o estabelecimento da paz: Téspias e Plateia seriam reconstruídas, Filipe salvaria os focenses e dispersaria os tebanos. Esse era o plano original de Filipe (ALBUQUERQUE e ROCHA, 2016, p. 68).

¹⁴⁷ Após a celebração da paz, Demóstenes convenceu os atenienses a não ajudar Filipe a colocar um fim à Guerra Sagrada – guerra declarada pelo Conselho dos Anfictiões, por provocação de Tebas, contra os focenses (vide n. 70). O orador agiu assim visando preservar Tebas, para garantir uma futura aliança com aquela cidade contra os avanços de Filipe (ALBUQUERQUE e ROCHA, 2016, p. 68 e n. 30).

¹⁴⁸ Conforme mencionado à p. 35, o conselho de Demóstenes foi parcialmente aceito: os atenienses não acolheram as reformas financeiras que ele propôs, mas, por outro lado, foram dissuadidos de entrar em guerra contra o rei da Pérsia. É interessante a forma como Demóstenes se refere a essa situação para construir seu *ethos*, mencionando ter agradado a audiência, quando apenas parte de seus conselhos foram acatados. É provável que as reformas que propôs não os tenham agradado, pois ele previa um aumento de arrecadação para preparar a cidade a enfrentar uma futura guerra contra os helenos.

Outro indício desse amadurecimento está no tratamento emocional entre esses dois discursos: no discurso *Em defesa dos megalopolitanos*, Demóstenes trabalha as emoções da audiência através de elogios e críticas, ou através do estabelecimento de um caráter coletivo da cidade, com o objetivo de obter a atenção e a benevolência dos ouvintes. Em *Sobre a liberdade dos ródios*, ele utiliza o apelo emocional para esse mesmo fim, e com as mesmas técnicas, mas acrescenta um apelo especial, que deixa seu discurso muito mais emocional que o anterior. Esse apelo reside na escolha de palavras que possuem um forte significado para a democracia, e, conseqüentemente, um forte apelo emocional sobre aqueles que vivem sob esse regime, como por exemplo, δῆμος (povo), δημοκρατία (democracia), ἐλευθερία (liberdade) e πολιτεία (forma de governo dos cidadãos)¹⁴⁹. Além disso, a forma como ele opõe essas noções democráticas a noções que caracterizam o regime oposto (a oligarquia), como por exemplo, a escravidão (δουλεία)¹⁵⁰, contribui para aumentar a emoção.

Em dois momentos, Demóstenes utiliza a palavra δῆμος no lugar da palavra δημοκρατία (democracia). Em 15.17, ele usa a palavra democracia, pela única vez no discurso, em oposição à palavra oligarquia (ὀλιγαρχία), mas, ao explicar as razões pelas quais os atenienses guerreiam contra cada uma dessas formas de governo, ele passa a utilizar a palavra δῆμος:

ὁρᾶτε δὲ κάκεῖν', ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὅτι πολλοὺς ὑμεῖς πολέμους πεπολεμήκατε καὶ πρὸς δημοκρατίας καὶ πρὸς ὀλιγαρχίας. καὶ τοῦτο μὲν ἴστε καὶ αὐτοί: ἀλλ' ὑπὲρ ὧν πρὸς ἑκατέρους ἔσθ' ὑμῖν ὁ πόλεμος, τοῦτ' ἴσως ὑμῶν οὐδεὶς λογίζεται. ὑπὲρ τίνων οὖν ἐστίν; πρὸς μὲν τοὺς δῆμους ἢ περὶ τῶν ἰδίων ἐγκλημάτων, οὐ δυναθέντων δημοσίᾳ διαλύσασθαι ταῦτα, ἢ περὶ γῆς μέρους ἢ ὄρων ἢ φιλονεικίας ἢ τῆς ἡγεμονίας: πρὸς δὲ τὰς ὀλιγαρχίας ὑπὲρ μὲν τούτων οὐδενός, ὑπὲρ δὲ τῆς πολιτείας καὶ τῆς ἐλευθερίας· (15.17)

Observai também aquilo, senhores atenienses: que vós tendes travado muitas guerras, tanto contra democracias quanto contra oligarquias. E isto também vós próprios sabeis, mas por quais razões, contra cada uma delas, travais a guerra, isto talvez nenhum de vós tenha em conta. Por quais razões guerreais, então? Contra os governos do povo¹⁵¹, ou por reclamações privadas, quando essas não podem ser resolvidas publicamente, ou por um pedaço de terra, ou por fronteiras, ou por ambição de vencer debates ou por supremacia; já contra as oligarquias, por nenhuma dessas razões, mas pela forma de governo dos cidadãos e pela liberdade.

¹⁴⁹ A palavra δῆμος é usada oito vezes ao longo do discurso (15.5, 14, 15, 17, 19, 21, 22 e 28); δημοκρατία é usada apenas uma vez em sua forma nominal (15.17), e uma na forma verbal (δημοκρατέομαι); ἐλευθερία ocorre seis vezes (15.3, 15, 17, 19, 20 e 30), sendo que três delas ocorrem nas mesmas seções em que aparece a palavra δῆμος; e πολιτεία também ocorre seis vezes (15.17, 19, 20, 29, 32 e 33), das quais três aparecem nas mesmas seções que δῆμος e ἐλευθερία.

¹⁵⁰ Demóstenes associa a escravidão com o regime oligárquico em 15.19.

¹⁵¹ Como Demóstenes utiliza a palavra δῆμος aqui, e não δημοκρατία, optei por traduzir como “força do povo”, para manter essa diferença que se observa no original.

Nesse trecho, Demóstenes utilizou δῆμος em oposição à oligarquia. Ele poderia ter repetido a palavra δημοκρατία, como faz com a palavra ὀλιγαρχία, mas, ele usa a palavra δῆμος que possui um campo semântico mais amplo que o da palavra própria para democracia¹⁵², e que se opõe à oligarquia no sentido de ser um governo de muitos (o povo), enquanto o regime oposto é o governo de poucos. Aqui, inclusive, estão presentes outras palavras que podem ter um impacto maior na audiência, considerando o contexto democrático: πολιτεία (forma de governo dos cidadãos) e ἐλευθερία (liberdade), que são noções relacionadas com o governo do povo.

Em 15.19, argumentando que a oligarquia oferece perigos para a forma de governo ateniense, ele também usa a palavra δῆμος com o sentido de democracia:

θαυμάζω δ' εἰ μηδεὶς ὑμῶν ἡγεῖται Χίων ὀλιγαρχουμένων καὶ Μυτιληναίων, καὶ νυνὶ Ῥοδίων καὶ πάντων ἀνθρώπων ὀλίγου δέω λέγειν εἰς ταύτην τὴν δουλείαν ὑπαγομένων, συγκινδυνεύειν τι τὴν παρ' ἡμῖν πολιτείαν, μηδὲ λογίζεται τοῦθ' ὅτι οὐκ ἔστιν ὅπως, εἰ δι' ὀλιγαρχίας ἅπαντα συστήσεται, τὸν παρ' ὑμῖν δῆμον ἐάσουσιν. (15.19)

Me surpreende que nenhum de vós está considerando, quando quietas e mitileneus viviam uma oligarquia – e agora os ródios e quase todos os homens, eu ousaria dizer, a esta escravidão estão sendo conduzidos–, que, de certo modo, também está exposta ao perigo a forma de governo dos cidadãos que há entre nós; nem está levando em conta isto: que não há meios pelos quais, se, por meio de uma oligarquia, todas as cidades se reunirem, elas deixem intacto o governo do povo entre vós.

Nas outras ocorrências da palavra δῆμος, Demóstenes também parece se referir a um sentido além do de povo, bem próximo do sentido de democracia. A passagem abaixo exemplifica isso:

ἀκούω δ' ἐγὼ πολλάκις ἐνταυθὶ παρ' ὑμῖν τινῶν λεγόντων ὡς, ὅτ' ἠτύχησεν ὁ δῆμος ἡμῶν, συνεβουλήθησάν τινες αὐτὸν σωθῆναι. (15.22)

E eu escuto muitas vezes aqui entre vós algumas pessoas dizerem que, quando o nosso governo do povo não obteve sucesso, alguns consentiram em salvá-lo.

Nesse exemplo, Demóstenes se refere à ocasião em que a democracia ateniense foi substituída pela oligarquia imposta pelos lacedemônios, no final da Guerra do

¹⁵² O *Dicionário grego-português* apresenta “governo do povo” e “democracia” como significados da palavra δημοκρατία. Já para a palavra δῆμος, apresenta as seguintes definições: região, país (em Homero); subdivisão da tribo, na Ática; povo como habitante de uma localidade; povo como setor de uma população; povo como comunidade de cidadãos; povo no exercício do poder; democracia; cidadãos reunidos em assembleia. Chantraine traz também outros significados: povo soberano, a parte democrática que se opõe à oligarquia. Além disso, afirma que, da palavra, derivam várias outras compostas, muitas das quais (aquelas em que δῆμος aparece como primeiro termo) possuem um sentido político ou administrativo (*Dictionnaire étimologique de la langue grecque*, s.v. δῆμος). Observa-se uma evolução do sentido da palavra δῆμος: em Homero seu sentido é geográfico (região, país); posteriormente, evoluiu para um sentido mais afetivo, de pertencimento a um determinado grupo ou região, até chegar ao sentido político, de povo como uma organização no exercício do poder.

Peloponeso¹⁵³. Mais uma vez o orador usa o termo δῆμος para se referir à forma de governo do povo, que os atenienses perderam naquela ocasião.

Outro uso da palavra ocorre quando o orador se refere ao que aconteceu com os ródios. Ele diz:

ἐγὼ δὲ δίκαιον μὲν εἶναι νομίζω κατάγειν τὸν Ῥοδίων δῆμον: οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ εἰ μὴ δίκαιον ἦν, ὅταν εἰς ἃ ποιούσιν οὗτοι βλέψω, προσήκειν οἷμαι παραινεῖν κατάγειν. (15.28)

E eu acredito ser justo trazer de volta para a ilha o governo do povo dos ródios, mas, mesmo se não fosse justo, quando eu olho para as coisas que estes homens estão fazendo, eu penso que é apropriado recomendar trazê-lo de volta.

O argumento de Demóstenes para ajudar os ródios é salvar a democracia deles. Nesse trecho ele está expondo seu conselho à assembleia, depois de opor democracia e oligarquia e de argumentar em favor da primeira, de forma que aqui o orador também se refere à forma de governo com o uso da palavra δῆμος¹⁵⁴.

Ao optar por uma palavra que tem múltiplos sentidos, dentre os quais, o sentido afetivo e o político, Demóstenes consegue obter um efeito emocional muito maior do que se utilizasse uma palavra que tem apenas um sentido, o político¹⁵⁵.

A escolha por usar, ao longo do discurso, palavras que se relacionam com o modo de vida em uma democracia, tem, por um lado, um efeito patético em sua audiência, mas, por outro, em nosso contexto de recepção, tem também um efeito ético: pois para nós fica visível que Demóstenes dominava a psicologia de sua audiência, considerada em relação à forma de governo em que vivia – conhecimento que, segundo Aristóteles, o orador deve dominar para persuadir¹⁵⁶.

Nos três discursos, Demóstenes, ao construir seu caráter, parece levar em consideração sua condição como político em cada um destes momentos: no início de sua carreira e em sua fase mais madura. Assim, nos dois primeiros discursos, considerando a necessidade de estabelecer sua reputação, ele projeta diretamente seu caráter prudente, benevolente e virtuoso; enquanto no último, considerando a situação política do momento e o fato de já ser conhecido na assembleia, ele fala com mais autoridade, o que se observa no tom direto que usa em algumas de suas críticas, e busca reforçar, sobretudo, sua prudência, o que se observa não apenas na projeção mais

¹⁵³ Tirania dos Trinta.

¹⁵⁴ O uso da palavra δῆμος acompanhada da palavra “ródios” no genitivo plural ocorre 3 vezes no discurso (15.5, 15.15 e 15.28).

¹⁵⁵ Vide n. 149.

¹⁵⁶ *Rh.* 1366a8-14 (vide p. 25).

aparente do seu *ethos*, no próêmio do discurso, mas também na construção de seus argumentos. É nesse tratamento mais elaborado que confere ao *logos*, de forma a produzir, ao mesmo tempo, a persuasão pelo discurso, pelo caráter e pelas emoções¹⁵⁷, que se percebe a evolução na construção do seu caráter em relação aos outros dois discursos.

¹⁵⁷ Na análise de sua argumentação, observa-se a presença do apelo patético (vide p. 53-54).

PARTE 2 - TRADUÇÃO

2.1. Reflexões sobre a prática de tradução da oratória grega

A história da tradução dos clássicos no Brasil é recente e ainda está sendo escrita. Duarte traça um panorama geral dessa história e sugere um esforço coletivo para concluir esse projeto, que considera tarefa grandiosa para uma pessoa só. Ela divide a história da tradução dos clássicos no Brasil em três períodos: a era dos patriarcas, que abarca o período imperial, cujos tradutores, afirma, são poucos conhecidos por nós; a era dos diletantistas, que começou no século XX e envolve a tradução comercial dos clássicos para o grande público, por tradutores cujos ofícios não se relacionam com a tradução; e a era dos doutores, que se inicia com o advento das universidades federais no Brasil, a partir da década de 20, e se estende até os dias atuais. O desenvolvimento dos cursos e dos programas de pós-graduação em línguas clássicas mudou a prática da tradução, que, aliada à pesquisa, passa a refletir uma preocupação maior com os aspectos literários do texto, ao contrário daquelas produzidas na era diletantista, que, por visarem o grande público, preocupavam-se demasiadamente com o sentido¹⁵⁸. Essa nova fase representa um movimento transformador nos estudos da tradução, coincidindo com o momento em que começa a existir nas academias do mundo toda uma reflexão maior sobre o ato de traduzir¹⁵⁹.

Esses apontamentos sobre a história da tradução dos clássicos no Brasil referem-se, principalmente à tradução de poesia e filosofia clássicas. Mas qual seria a história da tradução dos discursos retóricos gregos? A tradução desses textos é recente e ainda pequena. Em pesquisa realizada na internet¹⁶⁰, verificou-se que a maior parte das traduções brasileiras foi publicada após o ano 2000 e produzidas no meio acadêmico, no modelo tradução acompanhada de estudo¹⁶¹. Foram encontradas também algumas

¹⁵⁸ DUARTE, 2016.

¹⁵⁹ Segundo Oustinoff, o século XX é o momento em que surgem as verdadeiras teorias da tradução (2011, p. 52).

¹⁶⁰ Utilizei, como indexadores para a pesquisa, através do site de busca “Google”, e sua versão para trabalhos acadêmicos “Google Acadêmico”, os títulos dos discursos dos oradores em português, bem como o nome dos oradores e de seus discursos precedidos da palavra “tradução”. Os resultados obtidos encontram-se na relação de links das traduções pesquisadas, no Apêndice B.

¹⁶¹ Segundo Duarte, a primeira tese de doutorado da área defendida na USP, em 1961, consistia em um trabalho de estudo e tradução do *Simpósio*, de Platão. Ainda hoje essa estrutura é adotada nas dissertações de mestrado da instituição (DUARTE, 2016, p. 55). Na realidade essa estrutura está presente nos trabalhos de tradução dos clássicos em grande parte das universidades brasileiras, como esta própria dissertação pode exemplificar.

traduções portuguesas. Mas, ainda assim, essas traduções representam uma pequena parcela dos textos de oratória e retórica. A maior parte deles não possui tradução em língua portuguesa¹⁶², de modo que existem poucas referências em nossa língua sobre a forma como se pratica a tradução desses textos.

Antes, porém, de refletir sobre a tradução da prosa grega, é preciso termos bem definido o objeto: os discursos retóricos. Esses discursos foram proferidos há mais de 2.000 anos, em uma cultura majoritariamente oral, e são transmitidos hoje pela modalidade escrita. Os gregos se relacionavam com esse objeto de forma muito diferente da nossa: os discursos eram proferidos e performatizados nas assembleias ou tribunais, os assuntos discutidos estavam ocorrendo naquele momento e despertavam sentimentos e expectativas na audiência. Tudo isso propiciava o despertar das paixões e talvez a emergência de um prazer estético. Além disso, a retórica fazia parte da vida dos cidadãos. Nietzsche afirma que a retórica emergiu de um povo que tinha certo prazer no antagonismo, que apreciava a arte empregada nos discursos, enquanto nós, modernos, tratamos essa arte com desprezo¹⁶³. Nossa relação, de fato, é diferente: não participamos da vida pública da mesma forma que os antigos, não temos o hábito de frequentar os debates políticos ou os tribunais, nosso contato com a retórica ocorre principalmente através da leitura, e apenas quando necessária aos nossos objetivos. Quando estudamos a retórica antiga, nos colocamos à frente de um texto escrito em outra língua, língua da qual não temos registros orais; nos relacionamos com ele, na maior parte das vezes, através de uma leitura silenciosa; e superamos os obstáculos da linguagem, num primeiro momento, no sentido da interpretação, do entendimento. Não apreendemos a dimensão estética imediatamente, como ocorria com os gregos. Precisamos estudar,

¹⁶² Em pesquisa realizada na internet em 25/03/17, conforme critérios apontados na nota 160, encontrei as seguintes traduções, que compreendem alguns discursos de sete oradores: (1) de Antifonte, *As Tetralogias*, por Roberto Fernandes de Nardi (dissertação de mestrado, USP, 2015); e *Testemunhos, fragmentos e discursos*, edição e tradução por Luis Felipe Bellintani Ribeiro (São Paulo, 2009); (2) de Isócrates, *Panegírico*, tradução e comentário por André Rodrigues Bertacchi (dissertação de mestrado, USP, 2014); *Para Demônio, Para Níocles, Níocles e Evágoras*, por Julio de Figueiredo Lopes Rego (dissertação de mestrado, USP, 2010); *Contra os sofistas e Elogio de Helena* (dissertação de mestrado, USP, 2011) e *Antídose*, (tese de doutorado, USP, 2016), por Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda; (3) de Lísias, *Contra Eratóstenes*, por Jaime Bruna, (em *Eloquência Grega e Latina*, São Paulo, 1968); (4) de Iseu, *Discursos VI: A herança de Filoctémon*, por J. A. Segurado e Campos (Coimbra, 2014); (5) de Ésquines, *Contra Timarco*, por Luiz Guilherme Couto Pereira (dissertação de mestrado, USP, 2016); (6) de Licurgo, *Oração contra Leócrates*, por J. A. Segurado e Campos (Coimbra, 2010); (7) de Demóstenes, *Contra Neera*, por Glória Onelley (Coimbra, 2013); *Filípicas I e II*, por Elisabete Cação dos Santos (dissertação de mestrado, Coimbra 2010); *A oração da coroa*, por J. M. Latino Coelho (Lisboa, 1914); *As três Filípicas e Oração sobre as questões do Queroneso*, por Isis Borges da Fonseca (São Paulo, 2001); e *Sobre a Paz*, por Livia Medeiros de Albuquerque e Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (em *Revista Translatio*, 2016).

¹⁶³ NIETZSCHE, 1999, p. 29.

pesquisar, ler e reler o original, e, ainda assim, enfrentamos dificuldades com alguns aspectos estéticos do texto, devido, principalmente, à falta do componente aural/oral, como, por exemplo, o ritmo e o efeito de determinados sons. Assim, ao traduzirmos esses textos, tendemos a priorizar o sentido, a transpor o que foi dito, ao invés de transpor também a forma como foram ditos, transpor o todo do discurso, como sugere Meschonnic em sua *Poética do Traduzir*: “traduzir não o que dizem as palavras, mas o que elas constroem”¹⁶⁴.

Além disso, vivemos ainda em um momento em que há uma preocupação grande, tanto por parte dos tradutores como por parte das editoras, com a transmissão da informação, com a interpretação do original, com a correção gramatical e com o embelezamento do texto.

Boris Schnaiderman, tradutor da literatura russa para o português, critica essa preocupação com a correção gramatical e com o embelezamento do texto, que, para ele, é uma herança da prática de tradução na França – inconformados com a aspereza e despojamento da linguagem, os tradutores franceses tentavam embelezar o russo para enquadrar o texto em um padrão de elegância e beleza da língua francesa. Entretanto, embora as traduções francesas sejam excelentes textos em francês, elas alteram completamente o tom do original. Para ele, cada palavra tem sua importância e esse embelezamento fere o que o texto tem de mais característico. Boris questiona ainda se o tradutor tem o direito de suprimir as dificuldades que encontra para que a obra se torne mais legível e agradável, concluindo que ele não pode abrigar demais o texto, e que é preciso preservar os aspectos literários da obra. Ele critica também os editores, que zelam frequentemente para que a norma da linguagem corrente não seja ferida, citando Ortega y Gasset, que diz que “escrever bem consiste em fazer pequenas erosões à gramática, ao uso estabelecido, à norma vigente da língua”¹⁶⁵. Para Boris, é preciso penetrar nas peculiaridades da linguagem do original e traduzir sem receio de transgredir as normas do bem escrever, quando isso for necessário¹⁶⁶.

Meschonnic também critica essa busca pelo natural, listando quatro delitos que provocam grandes distâncias entre tradução e original: supressões; acréscimos, “porque a tradução se crê obrigada a explicar”; deslocamentos, “pretensamente para respeitar os hábitos de uma outra língua”; e não-concordância, “quando uma mesma unidade de

¹⁶⁴ MESCHONNIC, 2010, p. LXII.

¹⁶⁵ SCHNAIDERMAN, 2015, p. 160.

¹⁶⁶ SCHNAIDERMAN, 2015, p. 157-163

sentido é traduzida por muitas, desfigurando o ritmo semântico”, e anticoncordância, que é o inverso¹⁶⁷. O autor critica ainda os pontos de vista sobre a tradução¹⁶⁸ que supervalorizam o conteúdo; que, preocupados com o sentido e com a interpretação, reduzem a arte de traduzir à mera transmissão de informação; e que se prendem exclusivamente ao signo, deixando de lado todos os outros aspectos do texto que compõem o conjunto.

Essa preocupação com clareza, naturalidade, fluência e legibilidade demonstra uma supervalorização do sentido em detrimento das demais características literárias do texto. Esse é um problema que incomodava Gumbrecht (2010) dentro das disciplinas de humanidades – a preocupação excessiva com uma hermenêutica do texto –, e que o autor sinalizou em seu livro *Produção de presença*.

O objetivo de Gumbrecht é incitar uma reflexão sobre formas de produzir presença, ou seja, de produzir “uma relação espacial com o mundo e seus objetos”¹⁶⁹, de valorizar aquilo que o sentido não diz, sem, no entanto, priorizar essa dimensão, digamos física, sobre a do sentido, pois a experiência estética reside justamente na oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido¹⁷⁰. Para isso, ele apresenta alguns conceitos interessantes, sobre o qual tece suas reflexões, mas não chega a fornecer uma solução para o problema que destaca.

Dois conceitos tratados por ele são particularmente interessantes para refletirmos acerca da tradução dos discursos retóricos: os conceitos de epifania e de presentificação, do campo da estética e da história, respectivamente. A epifania é um momento específico de intensidade, ao qual não podemos nos agarrar, que surge da experiência estética e que exerce um apelo particular sobre nós, fazendo-nos “procurar a experiência estética e expor nossos corpos e mentes ao seu potencial”¹⁷¹. Gumbrecht afirma que não há epifania sem violência, entendida aqui como a ocupação ou bloqueio do espaço com corpos¹⁷², ou seja, a epifania implica um arrebatamento à força por um objeto que se faz presente, que se impõe diante de nós em um determinado momento. Esse conceito

¹⁶⁷ MESCHONNIC, 2010, p XXXV.

¹⁶⁸ Meschonnic cita 6 pontos de vista sobre a tradução: o empírico, ou seja, da experiência dos tradutores; o ponto de vista organizado em função do efeito a produzir; o dos profissionais da tradução, cujos maiores preceitos são a fidelidade e o apagamento do tradutor; o fenomenológico-hermenêutico, que reduz a linguagem à informação e que é o mais difundido; o da linguística da tradução; e o da poética, ponto de vista que defenderá em seu livro (MESCHONNIC, 2010, p. XXI-XXIV). Todos, com exceção do ponto de vista da poética, qualquer que seja a abordagem, colocam o foco no signo linguístico.

¹⁶⁹ Significado da palavra presença em seu livro (GUMBRECHT, 2010, p.13).

¹⁷⁰ GUMBRECHT, 2010, p. 22.

¹⁷¹ GUMBRECHT, 2010, p. 128.

¹⁷² GUMBRECHT, 2010, p. 144.

aproxima-se do conceito de sublime que Longino, crítico literário do século I d.C., aborda em seu tratado¹⁷³:

οὐ γὰρ εἰς πειθῶ τοὺς ἀκροωμένοις ἀλλ' εἰς ἔκστασιν ἄγει τὰ ὑπερφυᾶ πάντα δὲ γε σὺν ἐκπλήξει τοῦ πιθανοῦ καὶ τοῦ πρὸς χάριν αἰεὶ κρατεῖ τὸ θαυμάσιον, εἶγε τὸ μὲν πιθανόν ὡς τὰ πολλὰ ἐφ' ἡμῖν, ταῦτα δὲ δυναστείαν καὶ βίαν ἄμαχον προσφέροντα πάντος ἐπάνω τοῦ ἀκροωμένου καθίσταται. καὶ τὴν μὲν ἐμπειρίαν τῆς εὐπέσεως καὶ τὴν τῶν πραγμάτων τάξιν καὶ οἰκονομίαν οὐκ ἐξ ἑνὸς οὐδ' ἐκ δυεῖν, ἐκ δὲ τοῦ ὅλου τῶν λόγων ὕφους μόλις ἐκφαινομένην ὀρῶμεν, ὕψος δὲ που καιρίως ἐξενεχθὲν τὰ τε πράγματα δίκην σκηπτοῦ πάντα διεφόρησε καὶ τὴν τοῦ ῥήτορος εὐθὺς ἀθρόαν ἐνεδείξατο δύναμιν.¹⁷⁴

Pois não é à persuasão, mas ao êxtase que a natureza sublime conduz os ouvintes. Seguramente por toda parte, acompanhado do choque, o maravilhoso sempre supera aquele que visa a persuadir e a agradar; já que o ser persuadido, na maior parte do tempo, depende de nós, enquanto aquilo que falamos aqui, trazendo um domínio e uma força irresistíveis, coloca-se bem acima do ouvinte. E a prática da invenção, a ordem e a organização da matéria, nós a vemos aparecer penosamente, não a partir de uma passagem, nem mesmo de duas, mas da totalidade do tecido do discurso, enquanto o sublime, quando se produz no momento oportuno, como o raio ele dispersa tudo e de imediato manifesta, concentrada, a força do orador.¹⁷⁵

Por sublime, Longino não trata do estilo sublime ou elevado, mas daquilo que é capaz de nos arrebatat à força, que implica uma violência: a epifania que a experiência estética pode despertar. Seu tratado se propõe a mostrar não apenas as fontes do sublime, mas as formas para alcançá-lo, a partir de exemplos retirados da poesia e da prosa grega¹⁷⁶.

Mais próximo dos gregos do que nós, e situado em um momento em que a língua grega, embora estivesse perdendo seu prestígio, era ainda falada, e no qual a retórica clássica, embora há muito já não existissem as condições democráticas que propiciaram seu desenvolvimento, sobrevivia, principalmente, através do estudo e da imitação, o tratado de Longino nos permite identificar estruturas que eram capazes de gerar uma experiência estética nos ouvintes, com as quais podemos trabalhar na tradução. Embora seja tarefa impossível suscitar no leitor de uma tradução a mesma experiência estética que possa ter suscitado na audiência, não apenas porque nosso relacionamento com esse objeto é diferente, mas porque a experiência estética é muito subjetiva, é possível, a partir da análise das fontes do sublime, entender onde reside, formalmente, o aspecto literário dos discursos e valorizá-los nas traduções, ainda que

¹⁷³ *Do sublime (Περὶ ὕψους)*.

¹⁷⁴ Longin. I.4.

¹⁷⁵ Tradução de Filomena Hirata. Grifos meus.

¹⁷⁶ Demóstenes, considerado por Longino como o orador mais apaixonado, é citado várias vezes ao longo do tratado.

implique uma ruptura com os padrões de beleza de nossa língua, traduzindo, dessa forma, ao lado da informação e do sentido, aquilo que é essencial, que conferiu ao texto seu valor literário, que o manteve vivo ao longo do tempo, que fez com que fosse estudado e imitado por gerações: para Longino, isso é o sublime; para Meschonnic, é a oralidade¹⁷⁷.

O segundo conceito discutido por Gumbrecht é o de presentificação do passado, ou seja, “as técnicas que produzem a sensação (ou melhor, a ilusão) de que os mundos passados podem tornar-se de novo tangíveis”¹⁷⁸. A presentificação é uma forma de trazer para diante dos olhos, de tornar os objetos do passado presentes, de fazê-los ocupar espaço, afinal, “só em exibição espacial conseguimos ter a ilusão de tocar objetos que associamos ao passado”¹⁷⁹.

A exploração da voz e da performance é uma forma de tornar presentes os textos de oratória e retórica antigos, orais por natureza. Trabalhar o uso da voz em um texto escrito exige tanto engajamento, por parte do leitor, como desapego, por parte do tradutor, dos padrões de beleza e naturalidade da língua em que se traduz. Entretanto é preciso distinguir entre marcas de oralidade, que estão presentes nos discursos e nos remetem à fala, e a oralidade defendida por Meschonnic, que tem papel fundamental em sua poética da tradução, e que, adverte o autor, não deve ser confundida com a fala, em oposição à escrita, pois ela é a “marca característica de uma escrita, realizada na sua plenitude somente por uma escrita”¹⁸⁰. Sua concepção de oralidade está ligada ao componente aural, à sonoridade.

Dessas reflexões, aquilo que se sobressai em todos os teóricos aqui presentes é justamente o “algo mais”, é aquilo que nossos sentidos captam, mas o sentido não. É aquilo que nos dá prazer na linguagem, que sobrevive ao tempo. E a tarefa do tradutor de oratória grega que deseja, sobretudo, trazer para diante dos olhos os momentos passados que os discursos evocam, é tentar captar essa essência estética, sempre que possível, mesmo com todas as dificuldades do trabalho com uma língua antiga, e reinventar a tradução, pensar em novas formas de recepção da retórica, ousar, romper com os costumes da língua de chegada. Os discursos não precisam ser um texto sem vida fixado ao papel, pode-se dar vida a eles, tanto dentro da escrita como fora dela,

¹⁷⁷A oralidade para Meschonnic é aquela do sujeito que nós ouvimos, é a oralidade do contínuo, e não a do signo, que opõe oralidade à escrita (MESCHONNIC, 2011, p. 68)

¹⁷⁸ GUMBRECHT, p. 123.

¹⁷⁹ GUMBRECHT, p. 145.

¹⁸⁰ MESCHONNIC, 2010, p. XXXVI.

explorando a oralidade e a performance, criando novos modos de interação com eles, de forma a trazê-los do passado para o espaço presente, fisicamente, ocupando espaços físicos ou virtuais, atingindo os sentidos, despertando a imaginação. Mas tudo isso depende da prática e do aprofundamento nas línguas envolvidas e só vão se manifestar como reflexões acabadas, se é que isso é possível, com o tempo.

Diante dessas reflexões, procurei propor uma tradução que efetivasse essa relação com o passado principalmente através do uso da voz, sendo, portanto, recomendável a leitura dos textos em voz alta, imaginando-se uma oralidade relativamente formal. Recomenda-se também, como forma de tornar o contato com a tradução mais presente, um esforço, por parte do leitor, em imaginar o cenário do contexto deliberativo ateniense: o orador em posição de destaque, falando para uma assembleia de mais ou menos seis mil pessoas¹⁸¹, que, levada pela emoção, interrompe os oradores, profere insultos contra eles, grita, conversa ou aplaude¹⁸².

Além disso, com bases nessas considerações, estabeleci alguns princípios que procurei seguir:

1) Como esses discursos eram proferidos em uma linguagem diferente da linguagem ordinária, como destaca Aristóteles na *Retórica*¹⁸³, optei por manter o registro da formalidade com o uso da 2ª pessoa do plural. Por outro lado, evitei usar estruturas que se afastassem muito da oralidade, como a mesóclise, por exemplo, para que o registro ficasse também mais natural.

2) Procurei manter, sempre que possível, a ordem presente no grego, visto que, muitas vezes, ela pode ter um efeito estético, como por exemplo, o caso de alguns hipérbatos, que, como afirma Longino, é a característica mais verdadeira da paixão violenta (τὸ σφοδρὸν καὶ τὸν ἐνθουσιαστικὸν πάθος), que, por sua vez, é uma fonte do sublime¹⁸⁴. Embora seja difícil prever a ordem natural do grego, devido ao seu grau de indeterminação¹⁸⁵, alguns críticos mencionam uma ordem próxima da ordem direta do

¹⁸¹ JONES, 1997, p. 210.

¹⁸² CANFORA, 2015, p. 96.

¹⁸³ Segundo Aristóteles, o orador deve ser claro, mas deve se afastar um pouco da linguagem familiar porque isso é o que chamará a atenção dos ouvintes e despertará admiração deles, já constituindo um *ethos* positivo de boa formação e de cultura. *Rh.* 1404b8-12: “τὸ γὰρ ἐξαλλάξαι ποιεῖ φαίνεσθαι σεμνοτέρων· ὅπερ γὰρ πρὸς τοὺς ξένους οἱ ἄνθρωποι καὶ πρὸς τοὺς πολίτας, τὸ αὐτὸ πάσχουσι καὶ πρὸς τὴν λέξιν. διὸ δεῖ ποιεῖν ξένην τὴν διάλεκτον· θαυμάσθαι γὰρ τῶν ἀπόντων εἰσίν, ἡδὺ δὲ τὸ θαυμαστὸν ἔστιν.”

¹⁸⁴ Longin., VIII, 1 e XXII, 1.

¹⁸⁵ DOVER, 1960, p.2

português, a exemplo de Demétrio, quando dispõe sobre a ordem natural das palavras, indicada para o estilo simples:

“Em geral, deve-se usar a ordem natural das palavras, como em: Epidamno é uma cidade à direita de quem entra pelo golfo jônico. Primeiro, é nomeado aquilo a respeito do que se trata; em segundo lugar, o que é, ou seja, uma cidade, e o resto em seguida”.¹⁸⁶

3. Tentei manter, sempre que possível, apenas a adjetivação ou certo grau de indefinição nas palavras que se encontram no neutro plural, na tentativa de não explicar aquilo que o original não explica.

4. Tentei, também, evitar aquilo que Meschonnic chama de não concordância e anticoncordância¹⁸⁷, procurando utilizar a mesma tradução para uma mesma palavra, sempre que esse for seu significado e sempre que for possível e não prejudicar aspectos importantes do texto.

2.2. Notas sobre as traduções

O *corpus* de Demóstenes inclui 60 discursos, uma compilação de 56 proêmios, 6 cartas, um ensaio sobre o amor e uma oração fúnebre. Os manuscritos primários com textos do orador podem ser encontrados em Paris, na *Bibliothèque Nationale de France* (manuscritos S, Y); em Munique, na *Bayerische Staatsbibliothek* (manuscrito A); e em Veneza, na *Biblioteca Nazionale Marciana* (manuscritos F).

As traduções foram realizadas a partir do texto grego da edição de M. R. Dilts, da Oxford University Press, que, além de ser a edição mais recente, contém aparato crítico com as divergências verificadas nos diferentes manuscritos e em edições consagradas. Para auxiliar algumas interpretações, foram utilizadas a tradução inglesa de Jeremy Trevett, da University of Texas Press, e a espanhola, de A. López Eire, da Editorial Gredos.

Os discursos aqui traduzidos ainda não possuem tradução publicada em língua portuguesa¹⁸⁸, de forma que este trabalho oferece ao leitor brasileiro a oportunidade de contato, em português, com os primeiros discursos deliberativos de Demóstenes, e contribui com os estudos de retórica e oratória grega no Brasil.

¹⁸⁶ *Eloc.* 199: “καὶ ὅλως τῆ φυσικῆ τάξει τῶν ὀνομάτων χρηστέον, ὡς τὸ “Ἐπίδαμνός ἐστι πόλις ἐν δεξιᾷ ἐσπλέοντι εἰς τὸν Ἴόνιον κόλπον.” πρῶτον μὲν γὰρ ὀνόμασαι τὸ περὶ οὗ, δεύτερον δὲ ὁ τοῦτό ἐστιν, ὅτι πόλις, καὶ τὰ ἄλλα ἐφεξῆς.”

¹⁸⁷ Vide p. 62-63.

¹⁸⁸ Sobre as traduções disponíveis de Demóstenes em língua portuguesa vide n. 162.

2.3. Em defesa dos megalopolitanos (16)

2.3.1. Introdução

Após a vitória tebana na Batalha de Leuctras¹⁸⁹, a Lacedemônia começou a perder o domínio do Peloponeso¹⁹⁰. As cidades da Arcádia iniciaram um movimento democrático antilacedemônico, conhecido como Liga dos Arcádios¹⁹¹, que culminou na criação de um centro para a nova confederação, a cidade de Megalópolis¹⁹². Ao mesmo tempo, os mantineus se restabeleceram e fortificaram sua cidade¹⁹³.

Temendo uma intervenção lacedemônica, as cidades da Arcádia buscaram ajuda em Atenas, mas esta se recusou a ajudá-los. Elas então recorreram a Tebas, que invadiu o Peloponeso em 370/69, sob o comando de Epaminondas¹⁹⁴, levando à consolidação da Liga dos Arcádios e à liberação da Messênia¹⁹⁵, fato que representou o fim do poderio militar da Lacedemônia¹⁹⁶.

A hegemonia de Tebas, que começou após sua vitória na Batalha de Leuctras, durou até o início da 3ª Guerra Sagrada (355-346), declarada contra os focenses, por intermédio da Anfíctonia de Delfos¹⁹⁷. Por volta de 353/2 a.C., enquanto Tebas estava envolvida na 3ª Guerra Sagrada, os lacedemônios aproveitaram a oportunidade para tentar recuperar sua hegemonia no Peloponeso, avançando contra Megalópolis. Diante dessa ameaça, os Megalopolitanos recorreram a Atenas, pois Tebas, sua aliada, estava enfraquecida com a guerra contra os focenses.

¹⁸⁹ Batalha entre Tebas e Lacedemônia, que terminou em 371 com a vitória da primeira.

¹⁹⁰ A Lacedemônia dominava a Grécia desde 404 a.C., quando vencera a Guerra do Peloponeso – disputa entre a Lacedemônia e seus aliados, a chamada liga do Peloponeso, contra Atenas e seus aliados, que formavam a Liga de Delos (*OCD*, s.v. *Peloponesian War*).

¹⁹¹ *OCD*, s.v. *Arcadian League*.

¹⁹² ROY, 2007, p. 289.

¹⁹³ Mantinea foi fundada entre os séculos VI e V a.C. pela união de quatro ou cinco vilas. Em 385, a cidade foi dissolvida em suas vilas originais e a sua democracia foi abolida. Em 370, ambas foram restauradas, a cidade e a democracia (*OCD*, s.v. *Mantineia*).

¹⁹⁴ HORNBLLOWER, 2011, p. 255.

¹⁹⁵ A Messênia era uma região do Peloponeso que foi conquistada pela Lacedemônia em 700 a.C. e teve sua população reduzida ao *status* de helotas (*OCD*, s.v. *Messenia*).

¹⁹⁶ A região era fundamental ao estilo de vida lacedemônico, devido a suas terras férteis (HORNBLLOWER, 2011, p. 255). Em sua primeira invasão ao Peloponeso, Epaminondas fundou a cidade de Messena, na região da Messênia, como parte da estratégia tebana para conter a Lacedemônia (*OCD*, s.v. *Messene*).

¹⁹⁷ A Anfíctonia de Delfos era um conselho que administrava as questões relacionadas ao santuário de Delfos. Ele exercia sua influência impondo multas por ofensas religiosas, declarando ou liderando guerras sagradas, e participando de projetos de construção de prestígio (*OCD*, s.v. *Delphi*). À época da delcaração da guerra sagrada, Tebas detinha o controle da maior parte dos votos no conselho (HORNBLLOWER, 2011, p. 275).

Na ocasião do pedido de ajuda de Megalópolis, Atenas estava exausta por causa da Guerra Social (357-355), da qual saiu derrotada. A cidade havia saído há pouco tempo dessa guerra¹⁹⁸, e estava preocupada em se reerguer, recuperando suas antigas posses ao norte da Grécia e assegurando a rota de grãos do mar negro.

Os atenienses não estavam dispostos a oferecer ajuda, pois, como eram aliados dos lacedemônios desde que Tebas iniciara seu processo de domínio sobre a Grécia, eles temiam que uma oposição à Lacedemônia pudesse prejudicar essa aliança e, conseqüentemente, a ajuda que eles poderiam oferecer para a tentativa de recuperação de Oropo¹⁹⁹.

É nesse contexto de hostilidade ateniense ao pedido dos megalopolitanos que Demóstenes profere seu discurso, manifestando uma opinião contrária à da maioria dos cidadãos. Preocupado com o fortalecimento da Lacedemônia, o orador aconselha a assembleia a aceitar o pedido de ajuda, pois não seria conveniente a Atenas que essa cidade recuperasse seu poder. Por outro lado, uma aliança com os megalopolitanos, desde que eles repudiassem sua aliança já existente com Tebas, enfraqueceria ainda mais essa cidade, que já estava sofrendo os efeitos da guerra contra os focenses. Para Demóstenes, o melhor para Atenas era que Tebas se enfraquecesse cada vez mais com a guerra e com a perda de aliados (no caso, os megalopolitanos) e que a Lacedemônia não conseguisse recuperar seu poder, pois, dessa forma, essas cidades não representariam riscos aos atenienses.

Trevett²⁰⁰ afirma que, apesar de fazer um interessante uso do conceito de equilíbrio do poder, Demóstenes não conseguiu persuadir a audiência a adotar sua política. Os atenienses não enviaram ajuda, e os megalopolitanos, com a ajuda de Tebas e de seus aliados no Peloponeso, forçaram a retirada da Lacedemônia²⁰¹.

2.3.2. Tradução

¹⁹⁸ Em 357 a.C., Quio, Cos, Rodes, que pertenciam à Segunda Liga Ateniense, rebelaram-se contra Atenas, com a ajuda de Mausolo, sátrapa da Cária, e de Bizâncio. Os antigos aliados atenienses iniciaram a Guerra Social devido ao descontentamento com a supremacia ateniense e com as exigências dos seus generais e dos mercenários (*OCD*, s.v. *Social Wars*).

¹⁹⁹ Oropo, cidade da Beócia, foi objeto de disputa entre Tebas e Atenas por um longo tempo (BUCK, 1979, p. 19). Em 366 a.C., Tebas obteve o controle de Oropo, e, desde então, Atenas tentava recuperá-la (HORNBLLOWER, 2011, p. 259).

²⁰⁰ TREVETT, 2011, p. 276.

²⁰¹ HORNBLLOWER, 2011, p. 275.

Ambos os grupos me parecem estar errados, senhores atenienses, tanto aqueles que apoiam os arcádios, como os que apoiam os lacedemônios: pois, como se viessem de cada uma dessas cidades, e não como se fossem cidadãos da vossa, ambos atuam como embaixadores junto de vós, acusam e caluniam uns aos outros. E isso era tarefa dos que aqui chegam, enquanto falar publicamente a respeito dos acontecimentos e buscar as melhores soluções em vosso benefício, sem ambição de vencer os debates²⁰², é tarefa dos que se julgam dignos de aconselhar aqui. (2) E nessas condições, se deles tirassem o fato de serem conhecidos e de falarem em dialeto ático²⁰³, eu ao menos penso que muitos considerariam que uns deles são arcádios e outros, lacedemônios. E eu vejo como é difícil as melhores coisas vos falar, pois, por terdes sido enganados juntos, e querendo uns isto e outros aquilo, sempre que se tentar falar imparcialidades e, em seguida, vós não aguardardes para conhecê-las, não se agrada a nenhum dos dois lados e se será caluniado por ambos. (3) Apesar disso, eu mesmo preferirei muito mais, se acaso experimentar isso, parecer dizer besteiras do que, contrariamente àquilo que eu creio ser o melhor para a cidade, permitir a alguns homens vos enganar. Portanto, outras coisas, caso desejardes, mostrarei depois. E, a partir das coisas reconhecidas por todos, começarei a explicar aquelas que considero as mais fortes.

(4) Seguramente, nem uma só pessoa poderia responder que não é conveniente à cidade que tanto os lacedemônios quanto estes tebanos aqui estejam enfraquecidos. Pois bem, estão em tal momento os acontecimentos agora – se algo é preciso, com palavras ditas muitas vezes diante de vós, indicar –, que os tebanos, com Orcômeno, Téspias e Plateias sendo restabelecidas²⁰⁴, tornaram-se fracos, enquanto os lacedemônios, se conquistarem a Arcádia por eles próprios e destruírem Megalópolis, mais uma vez, se tornarão fortes. (5) Pois bem, é preciso cuidar para não permitirmos que estes aqui [os

²⁰² O termo, nessa passagem, aparece grafado com ε: φιλονεικία, e o aparato crítico traz a lição da edição de Blass, com a grafia sem o ε: φιλονικία. Já em sua ocorrência no discurso *Sobre a liberdade dos ródios* (15.17), o termo aparece grafado sem o ε, e o aparato crítico traz a lição dos manuscritos SAY^c, com a grafia com o ε. A grafia nos dicionários também apresenta essa variação: no *LSJ* e no *Dictionnaire Grec Français*, ela é grafada sem o ε, já no *Dicionário grego-português* e no *Diccionario manual griego*, ela é grafada com o ε. Ao mencionar o termo ao longo deste trabalho (transliterado), optei pela forma com o ε: *philoneikia*.

²⁰³ Os atenienses falavam em dialeto ático, e os lacedemônios e os arcádios, que viviam no Peloponeso, falavam em dialeto dórico (*OCD*, s.v. *dialects, Greek*).

²⁰⁴ Orcômeno, Téspias e Plateas eram cidades da Beócia, região da Grécia Central que, durante vários anos, permaneceu sob o controle de Tebas. Em 373 a.C., Tebas, que recuperava sua hegemonia na Beócia, subjugou Téspias, e invadiu Plateas, expulsando seus habitantes da Beócia e dividindo seu território. Os plateenses se refugiaram em Atenas, de quem eram aliados. Em 364 a.C., os tebanos destruíram Orcômeno, e venderam as mulheres e filhos dos orcomênios à escravidão (HAMMOND, 2000, p. 89 e 92).

lacedemônios]²⁰⁵ se tornem dignos de temor e grandiosos antes que aqueles [os tebanos]²⁰⁶ tenham se tornado pouco valorosos, e para que os lacedemônios, sem que percebamos, tornem-se muito mais grandiosos do que o tanto que convém que os tebanos se tornem inferiores. Pois isto mesmo não poderíamos dizer, que desejaríamos ter inimigos lacedemônios ao invés de tebanos. Nem isso é aquilo com o que nos ocupamos, mas, sim, de que maneira nenhum dos dois será capaz de nos fazer mal: pois, assim, nós estaríamos diante de uma enorme segurança.

(6) Mas, por Zeus!, as coisas, por um lado, precisam se manter assim, afirmaremos. Por outro lado, será terrível se aqueles contra os quais lutávamos em Mantinea, eles mesmos como aliados escolhermos, e se ajudarmos estes contra aqueles junto dos quais corríamos perigo naquela ocasião²⁰⁷. A mim também isso parece bem, e ainda acrescentar o seguinte: “desde que os outros desejem fazer o que é justo²⁰⁸”. (7) Pois bem, se a paz todos desejarem conduzir, não ajudaremos os megalopolitanos, pois nada será necessário, já que não haverá qualquer posicionamento contrário a nós junto àqueles que lutaram conosco. E nossos aliados, uns já são, como afirmam, enquanto os outros, se aliarão a nós agora²⁰⁹. (8) E que outra situação poderíamos desejar? Mas, se eles agirem injustamente e pensarem ser necessário guerrear – se apenas sobre isso se deve deliberar, se nós devemos abandonar Megalópolis aos lacedemônios ou não –, justo não será, mas eu, pelo menos, concordo em permitir isso e em nada me opor àqueles que participaram dos mesmos perigos que nós. Por outro lado, se todos vós sabeis que, se essa cidade conquistarem, irão em direção à Messena²¹⁰, que me explique algum dos que agora oferecem dificuldade aos megalopolitanos o quê, nesse caso, nos aconselhará a fazer. Mas ninguém dirá. (9) E de fato, vós todos sabeis que, quer eles vos exortem ou não, é preciso ajudá-los, tanto pelas promessas que juramos aos

²⁰⁵ Os esclarecimentos que julguei necessários à compreensão da tradução foram inseridos no texto entre colchetes.

²⁰⁶ O que Demóstenes quer dizer aqui é que não terá nenhum valor o enfraquecimento dos tebanos se, com isso, os lacedemônios se fortalecerem.

²⁰⁷ Em 362 a.C., os atenienses se envolveram na Batalha de Mantinea, lutando ao lado dos lacedemônios, dos mantineus e dos eleus, contra Tebas e seus aliados – Megalópolis, Tégea, Messena e Argos, no Peloponeso; e Eubeia, Tessália e Lócrida, na Grécia Central (HORNBLLOWER, 2011, p. 265).

²⁰⁸ Desde que os lacedemônios desejem fazer o que é justo, ou seja, não guerrear.

²⁰⁹ Em 370 a.C., Atenas e os lacedemônios se tornaram aliados, temendo o poderio de Tebas, que estava recuperando sua hegemonia na Beócia (TREVETT, 2011, p. 275).

²¹⁰ Cidade fundada em 369 a.C. por Epaminondas, como parte da estratégia tebana para conter os avanços da Lacedemônia (*OCD*, s.v. *Messene*). Localizava-se na região de Messênia, que compreendia o sudoeste do Peloponeso.

messênios²¹¹, como pelo fato de ser conveniente que essa cidade se reestabeleça²¹². Examinai, então, em benefício de vós próprios, qual forma de comando, em favor de Megalópolis ou de Messena, é melhor e mais humanitária do que não permitir que os lacedemônios cometam injustiças. (10) Neste caso, parecereis ajudar os arcádios e vos ocupar para que a paz esteja segura, paz pela qual estivestes em perigo e vos colocastes em ordem de batalha²¹³. No caso anterior, estará claro a todos que desejais que Messena continue existindo não mais por justiça do que por medo dos lacedemônios. E é preciso ter em vista e realizar sempre o justo, e cuidar, ao mesmo tempo, para que isso também seja conveniente.

(11) Pois bem, há um discurso desse tipo, por parte daqueles que falam em oposição, de que nós precisamos tentar recuperar Oropo, mas se aqueles que poderiam nos ajudar agora em relação a essa cidade ganharmos como inimigos, não teremos aliados²¹⁴. E, que é preciso tentar recuperar Oropo, eu mesmo afirmo também. Por outro lado, nós teremos os lacedemônios como inimigos agora, se fizermos aliados aqueles dos arcádios que querem ser nossos amigos. Os únicos a quem não é possível dizer isso, creio, são aqueles que vos persuadiram, quando os lacedemônios estavam correndo perigo, a ajudá-los. (12) Pois não foi dizendo essas coisas, quando todos do Peloponeso vieram até vós e pediram para ir convosco contra os lacedemônios, que ele vos persuadiram, por um lado, a não recebê-los (e por isso foram até os tebanos, justamente o que restava para eles)²¹⁵, e, por outro, pela salvação dos lacedemônios, vos persuadiram tanto a fornecer dinheiro como a arriscar a vida²¹⁶. Vós, sem dúvida alguma, não desejaríeis salvá-los se eles vos tivessem falado isso antes: que, estando salvos, se não permitirdes, mais uma vez, que eles façam o que quer que queiram e que

²¹¹ Quando Tebas se voltou para a 3ª Guerra Sagrada, que lutava contra os focenses, a Lacedemônia aproveitou sua ausência no Peloponeso para tentar recuperar seu domínio na região. Os messênios solicitaram a ajuda de Atenas para investir contra os lacedemônios. Atenas se recusou a atacá-los, mas prometeu ajuda caso os lacedemônios iniciassem uma guerra e invadissem Messena (Paus. IV 28, 1-2).

²¹² O verbo κατοικίζω foi traduzido como restabelecer, pois no discurso, se refere a cidades existentes que foram ou podem ser destruídas.

²¹³ Demóstenes refere-se à paz que se instaurou após a batalha de Mantinea, quando todas as cidades envolvidas estavam exaustas (HORNBLLOWER, 2011, p. 266).

²¹⁴ Os atenienses contavam com a ajuda da Lacedemônia para obter Oropo de volta e temiam que uma indisposição com a cidade pudesse impedir isso.

²¹⁵ Em 370 a.C., após a Batalha de Leuctras, as cidades da Arcádia se uniram em uma confederação conduzida pelos democratas que se opunham à expansão lacedemônica. Temendo a intervenção da Lacedemônia a esse movimento, essas cidades pediram ajuda aos atenienses, que se recusaram a enfrentar os lacedemônios. Entretanto, eles prometeram ajudar Messena caso a Lacedemônia invadissem a cidade (vide n. 83 e 203). Os arcádios, então, pediram ajudas a Tebas, que invadiu o Peloponeso em 370/69 (HORNBLLOWER, 2011, p. 255).

²¹⁶ Refere-se ao apoio de Atenas a Lacedemônia em 369 a.C. após a primeira invasão tebana ao Peloponeso (*Hell.* VI, 5, 49).

comentam injustiças, eles não terão nenhuma gratidão por vós pela salvação deles. (13) E, além disso, se é completamente contrário à empreitada militar dos lacedemônios o fato de fazermos dos arcádios nossos aliados, é apropriado, sem dúvida, que eles tenham mais gratidão pelas coisas das quais foram salvos por nós, quando estavam indo em direção aos mais extremos perigos, do que raiva daquilo que os impede agora de cometer injustiças. Assim, como não nos ajudarão em relação a Oropo? Ou parecerão ser os piores de todos os homens? Pelos deuses, eu, de minha parte, não vejo como.

(14) Pois bem, me admira também o discurso daqueles que falam que se fizermos dos arcádios nossos aliados, e realizarmos isso, a nossa cidade parecerá mudar de opinião e não ter nenhuma confiança. Pois a mim parece o contrário, senhores atenienses. Por quê? Porque, de todos, ninguém poderia objetar – penso – que nossa cidade não salvou os lacedemônios, e antes os tebanos, e, por fim, os eubeus, e que, depois disso, fez deles aliados, querendo, a cada vez, realizar um único e mesmo objetivo²¹⁷. (15) E o que é este objetivo? Aqueles que são injustiçados salvar. Pois bem, se as coisas são assim, nós não mais seríamos aqueles que mudam de opinião, mas aqueles que, não desejando mudá-la, perseveram no que é justo. E ficará evidente que os acontecimentos, por causa daqueles que querem levar vantagem, é que estão sempre mudando, e não a nossa cidade.

(16) A mim parece que os lacedemônios fazem um trabalho de homens muito hábeis. Pois, agora, afirmam aqueles que os eleus precisam recuperar uma parte da Trifflia²¹⁸; enquanto os fliásios, Tricárano²¹⁹; e alguns outros arcádios, o que é deles; e nós, Oropo, não a fim de ver cada um de nós mantendo o que é seu, longe disso (pois teriam se tornado benevolentes depois de um longo tempo), (17) mas a fim de parecer a todos estarem cooperando para que cada um recupere o que afirmam pertencer a si mesmos, e a fim de que, quando eles ataquem Messena, todos marchem junto com eles e os ajudem com empenho, ou parecerão agir injustamente se não lhes derem em troca o mesmo favor, após terem estimado os lacedemônios como homens de mesma opinião em relação ao que cada um afirma pertencer a si próprio. (18) E eu creio que, primeiro, a cidade, sem abandonar alguns dos arcádios aos lacedemônios, poderia recuperar

²¹⁷ Atenas ajudou os lacedemônios contra a invasão dos tebanos em 369 a.C.; acolheu, em 382 a.C., os tebanos exilados, quando a Lacedemônia se apossou de Cadmea, cidadela de Tebas, e contribuiu para a liberação da cidade em 379/8 a.C. (TREVETT, 2011, p. 280, n. 14; HACK, 1978, p. 210); e, em 357 a.C., expulsou os tebanos de Eubeia, assumindo o controle da ilha (HORNBLLOWER, 2011, p. 272).

²¹⁸ A Trifflia, que pertencia à cidade de Elis, tornou-se independente e, posteriormente, uniu-se à Arcádia em 369 a.C. (OCD, s.v. *Elis*).

²¹⁹ Tricárano era disputada por Fliunte e Argos, e estava em poder desta última cidade (TREVETT, 2011, p. 281, n. 15).

Oropo, tanto junto daqueles, caso desejem fazer o justo, como junto de outros que pensam que não se deve permitir aos tebanos manter o que é dos outros. Por outro lado, se acaso isto ficasse claro a nós, que não permitindo aos lacedemônios destruir o Peloponeso não seremos capazes de tomar Oropo, considero mais desejável, se é possível dizer, renunciar a Oropo do que abandonar a Messena e o Peloponeso aos lacedemônios. Pois considero que não apenas sobre isso seriam nossos assuntos com eles, mas... me permitirei dizer, realmente, aquilo que vem à mente: em relação a muitas coisas penso que poderia nos sobrevir um perigo.

(19) Mas, de fato, em relação às ações contrárias a nós que tais atenienses afirmam ter sido realizadas pelos megalopolitanos por causa dos tebanos²²⁰, é estranho, por um lado, que eles as considerem agora na qualidade de acusação, e, por outro, quando os megalopolitanos querem se tornar nossos amigos a fim de, justamente, nos proporcionar o contrário, que os olhem com maus olhos e fiquem atentos, de todo modo, para que não se tornem, e não reconheçam que, quanto mais cuidadosos eles demonstrarem que os megalopolitanos têm sido em relação aos tebanos, tanto mais eles próprios se deparariam, de forma justa, com uma ira maior, se, de tais aliados tiverem privado a cidade, quando eles vieram antes a vós do que aos tebanos²²¹. (20) Mas, penso, isso é próprio de homens que, pela segunda vez, querem fazer destes megalopolitanos aliados dos outros. E eu sei, tanto quanto se pode presumir examinando os fatos a partir do raciocínio, e a maioria de vós, penso, me afirmará as mesmas coisas, que, se os lacedemônios tomarem Megalópolis, Messena estará em perigo; e, se tomarem também essa cidade, afirmo que seremos aliados dos tebanos²²². (21) De fato, é muito mais nobre e melhor a aliança dos tebanos nós próprios acolhermos, sem nos entregarmos à prepotência dos lacedemônios, do que, hesitando agora em salvar os aliados dos tebanos, estes, por um lado, abandonarmos, e, por outro, mais uma vez, salvarmos os próprios tebanos, e, ainda, em situação de temor por nós mesmos nos colocarmos. (22) Pois eu, ao menos, não tomo isso como segurança para a cidade, o fato de tomarem Megalópolis os lacedemônios e, mais uma vez, tornarem-se grandes. Pois eu vejo que eles próprios, mesmo agora, preferem guerrear, não por sofrer

²²⁰ Os megalopolitanos eram aliados dos tebanos e haviam lutado contra os atenienses.

²²¹ Vide n. 215.

²²² Tebas e Atenas já haviam sido aliadas antes, na Guerra de Corinto, contra a Lacedemônia. Na verdade, essas três cidades já tiveram relações de amizade e de inimizade umas com as outras: Tebas havia se aliado à Lacedemônia em 457 a.C., mas foi destruída por Atenas (*OCD*, s.v. *Thebes*); e Atenas e a Lacedemônia se aliaram contra Tebas em 369 e em 362, na Batalha de Mantinea. As alianças entre uma e outra visavam conter os avanços da terceira.

algum mal, mas para recuperar o poder que eles tinham antes. E ao que aspiravam quando tinham poder, isso vós, conhecendo talvez mais que eu, deveríeis temer com razão²²³.

(23) Com prazer, eu gostaria de indagar os oradores que afirmam odiar tanto os tebanos como os lacedemônios, se cada um deles odeia aquilo que de fato odeiam em favor de vós e do que é conveniente a vós; ou se cada um deles, em favor dos lacedemônios, odeia os tebanos, e em favor dos tebanos, odeia os lacedemônios. Pois se, por um lado, é em favor daqueles, convém não se deixar persuadir por nenhum dos dois, pois eles são loucos. Por outro lado, se afirmam que é em favor de vós, por que, fora do momento oportuno, exaltam os outros? (24) Pois é possível, é possível os tebanos diminuir sem os lacedemônios fortalecer, e inclusive é muito fácil. E como, eu tentarei vos dizer. Todos nós sabemos isto: que o que é justo, todos os homens, mesmo que não queiram, até certo ponto, se envergonham de não fazer, enquanto, por outro lado, às injustiças opõem-se visivelmente, e, principalmente, quando alguns são prejudicados. E isto arruína tudo, descobriremos, e é o início de todos os males: o não desejar realizar simplesmente o que é justo. (25) Pois bem, a fim de que isso não se torne um obstáculo para tornar os tebanos menores, afirmemos que é preciso reestabelecer Téspias e Orcômeno e Plateias, e cooperemos com elas e as outras consideremos dignas de salvação (pois isto é tanto nobre quanto justo, não olhar com indiferença para cidades antigas que acabaram devastadas). Por outro lado, não abandonemos Megalópolis e Messena aos que cometem injustiças, nem, diante do pretexto de Plateas e Téspias, permitamos que as cidades que existem e que estão reestabelecidas sejam destruídas²²⁴. (26) E se essas ações estão claras, não haverá ninguém que não quererá que os tebanos deixem de manter o que é dos outros²²⁵. E se não estão, primeiro, esses teremos, provavelmente, como adversários em relação àquela situação, assim que acreditarem que o reestabelecimento daquelas cidades a eles próprios trará ruína. E depois, problemas sem fim teremos nós mesmos: pois, na

²²³ Demóstenes refere-se à instauração da Tirania dos Trinta em Atenas, em 404 a.C. Após sair vitoriosa na Guerra do Peloponeso (404 a.C.), a Lacedemônia dominou a Grécia. Nesse período de hegemonia, submeteu os atenienses ao regime oligárquico dos Trinta Tiranos (HORNBLLOWER, 2011, p. 218).

²²⁴ Messena e Megalópolis.

²²⁵ Após a vitória na Batalha de Leuctras, em 371 a.C., Tebas fortaleceu sua posição na Grécia Central, estabelecendo uma hegemonia que se estendeu até o início da 3ª Guerra Sagrada (*OCD*, s.v. *Boeotia and Boeotian Confederacy*). Nesse período, Tebas destruiu Orcômeno por causa de uma suposta conspiração dos orcomênios e dos tebanos lá exilados (vide n. 204); Téspias e Plateas foram destruídas em 372 a.C. (BOARDMAN; HORNBLLOWER; LEWIS e OSTWALD, 2006, p. 177-178); e Oropo foi tomada em 366 a.C. (HORNBLLOWER, 2011, p. 259).

verdade, qual será o limite, quando, por um lado, permitimos, a cada vez, destruir as cidades existentes, e, por outro, consideramos correto reestabelecer as cidades que estão destruídas?

(27) Pois bem, falam aqueles que, sobretudo, parecem dizer o justo, que é preciso que eles derrubem as estelas, aquelas em relação aos tebanos, se realmente eles se tornarem nossos sólidos aliados²²⁶. E aqueles homens afirmam que não há estelas, mas sim aquilo que é conveniente para celebrar a amizade, e aqueles que ajudam a eles próprios, estes eles acreditam ser aliados. E eu, se eles, em maior grau, são desse tipo, entendo de algum modo, assim. Afirmando que é preciso, ao mesmo tempo, exigir que estes derrubem a estela e que os lacedemônios tragam a paz. E se um dos dois não desejar fazer isso, a partir daí nos colocaremos junto daqueles que querem. (28) Pois se, quando a paz ocorrer para eles, os megalopolitanos ainda mantiverem os tebanos como aliados, estará evidente a todos que eles preferem a prepotência dos tebanos, e não o que é justo. Já se, tendo os megalopolitanos feito de nós seus aliados com lealdade, os lacedemônios não desejarem trazer a paz, claro a todos estará, sem dúvida, que eles estão fazendo a diligência não para que Téspias seja restabelecida, mas para que, quando a guerra tiver cercado os tebanos²²⁷, submetam o Peloponeso a si próprios. (29) E admiro-me com alguns homens que, por um lado, temem o fato de os tebanos serem aliados dos inimigos dos lacedemônios, e, por outro, não consideram assustador que os lacedemônios destruam esses inimigos, e isso mesmo tendo o tempo nos dado a experiência, pelos acontecimentos, de que os tebanos sempre usam esses aliados contra os lacedemônios; enquanto os lacedemônios, quando tinham os próprios aliados, os usavam contra nós²²⁸.

(30) Pois bem, eu, ao menos, penso que também é preciso refletir sobre aquilo: que, não acolhendo vós os megalopolitanos, se eles forem destruídos e divididos, aos lacedemônios será possível rapidamente ficar fortes. Mas se, por acaso, eles forem salvos, como já quase ocorreu também contra a expectativa, eles serão, de forma justa,

²²⁶ As estelas eram placas de pedra ou de bronze onde eram inscritos os decretos e outros documentos públicos (JONES, 1997, p 381, s.v. *stèle*). As alianças costumavam ser inscritas nas estelas e erigidas em locais públicos. A atitude de derrubar essas estelas demonstraria que os megalopolitanos tinham repudiado a aliança com Tebas, condição que Demóstenes afirma ser fundamental para ajudá-los, pois, se aquela cidade perder seus aliados, se enfraquecerá mais ainda.

²²⁷ Refere-se à 3ª Guerra Sagrada, entre tebanos e focenses, que havia sido declarada em 355 a.C., e que se estenderia por quase 10 anos (HORNBLLOWER, 2011, p. 275).

²²⁸ Tebas, aliada aos arcádios, dirigiu-se contra a Lacedemônia para ajudar seus aliados a se restabelecerem no Peloponeso, enquanto a Lacedemônia, quando tinha os arcádios como aliados na Liga do Peloponeso, dirigiu-se contra os atenienses (*OCD*, s.v. *Peloponnesian League*).

sólidos aliados dos tebanos. Mas se os acolherdes, por um lado, a eles será possível, então, ser salvos por causa de vós; e a consequência, por outro lado, ao mudar o cálculo do perigo, que nós a observemos em relação aos tebanos e aos lacedemônios! (31) Pois bem, se forem derrotados na guerra os tebanos, como é necessário para eles, não serão maiores do que o devido os lacedemônios, tendo estes como adversários – os arcádios que vivem perto deles. Por outro lado, se os tebanos, por acaso, se recuperarem e forem salvos, em todo caso serão mais fracos, já que estes aqui se tornaram nossos aliados e por nós foram salvos. De modo que, de todas as maneiras, é conveniente não abandonar os arcádios, e não parecer que sobreviveram por conta própria, acaso sejam salvos, nem por causa de nenhum outro, e sim por causa de vós.

(32) Então eu, senhores atenienses, pelos deuses!, nem sendo amigo nem odiando, em particular, a nenhum dos dois lados, acabei de falar, mas aquilo que considero conveniente a vós: e eu vos aconselho a não abandonar os megalopolitanos, nem, em geral, nenhum dos mais fracos ao mais forte.

2.4. Sobre a liberdade dos ródios (15)

2.4.1. Introdução

Rodes foi uma das cidades fundadoras da Segunda Liga Ateniense, uma aliança formada por várias cidades gregas em 379/8, sob a liderança de Atenas²²⁹, com o objetivo de garantir que a Lacedemônia respeitasse a liberdade e a autonomia garantidas pela Paz do Rei²³⁰.

Descontentes com a política imperialista ateniense, com o desvio dos recursos da Liga para recuperar Anfípolis e o Quersoneso²³¹, antigas posses de Atenas, e com as

²²⁹ Para visualizar os aliados atenienses e o alcance da Liga na Grécia, vide Mapa 4, no Apêndice A.

²³⁰ A paz do rei, conhecida como Paz de Antálcidas, foi um acordo imposto por Artaxerxes, rei da Pérsia, em 392, após o fim da Guerra de Corinto, pelo qual garantia-se a autonomia das cidades gregas em troca do reconhecimento das cidades da Ásia e das ilhas de Cipro e Clazómenas como parte da Pérsia (*OCD*, s.v. *King's Peace*).

²³¹ Anfípolis era uma cidade da Trácia que havia sido colonizada por Atenas em 437/6 a.C. Durante a Guerra do Peloponeso, em 424 a.C., Anfípolis declarou-se independente e, desde então, Atenas tentava recuperá-la. Sua importância devia-se tanto à sua posição estratégica na rota costeira entre o norte da Grécia e o Helesponto, como à sua riqueza comercial (*OCD*, s.v. *Amphipolis*). A península do Quersoneso localizava-se na Trácia, no lado europeu do Helesponto, que conectava o Mar de Mármara ao Mar Egeu. No século V Atenas estabeleceu-se na região para proteger o comércio de grãos (*OCD*, s.v. *Chersonesus*).

violações da constituição da Liga, como demandas por dinheiro²³², Rodes, Quios e Cos, ajudadas por Bizâncio e por Mausolo, sátrapa²³³ da Cária²³⁴, revoltaram-se e iniciaram a Guerra Social contra Atenas, em 357.²³⁵ Logo no início da guerra, Atenas perdeu Cábrias, um de seus melhores comandantes, deixando Cares²³⁶ sozinho no comando. Como Atenas estava passando por dificuldades econômicas, Cares precisou vender o serviço de seus mercenários para o sátrapa rebelde Artabazo²³⁷, o que acabou levando à intervenção do rei da Pérsia: o Grande Rei ameaçou ajudar os aliados rebeldes de Atenas se a cidade não retirasse Cares da Pérsia. A concordância de Atenas representou o fim da guerra, que, além de ter sido humilhante, deixou a cidade financeiramente exausta e a privou de alguns aliados²³⁸.

Poucos anos após o fim da Guerra Social, Mausolo estendeu seu poder a Rodes e Quios, enviando tropas para Rodes e exilando aqueles que se opunham a seu regime oligárquico. Os ródios exilados buscaram ajuda em Atenas, ocasião em que Demóstenes proferiu este discurso.

Os atenienses, na verdade, estavam alegres com os problemas que os ródios vinham enfrentando, pois eles haviam traído Atenas e, por causa disso, estavam enfrentando inúmeras dificuldades. Mais uma vez, Demóstenes aconselha a assembleia a agir contrariamente ao ânimo da maioria dos atenienses.

Para convencer os atenienses a adotarem sua política, Demóstenes precisa, em primeiro lugar, acalmar sua audiência, atenuando o sentimento de vingança e hostilidade que está presente. Assim, ele transfere a culpa da revolta a Mausolo, afirmando que os ródios foram instigados pelo sátrapa.

²³² TREVETT, 2011, p. 258-259.

²³³ Mausolo era o governador (sátrapa) de uma subdivisão territorial da Pérsia, a Cária (vide Mapa 2, no Apêndice A). Os sátrapas, que geralmente eram escolhidos entre pessoas nobres ou da realeza, dispunham de autoridade e eram responsáveis por coletar impostos, manter a paz, administrar a justiça e desenvolver os recursos da satrapia (GOODSPEED, 1899, p. 252). Sua participação na Guerra Social é atestada neste discurso de Demóstenes (15.3). Hornblower afirma que, embora sua afirmação no discurso seja suspeita – pois, dado o contexto político à época, Demóstenes precisava minimizar a culpa de Atenas pela guerra, atribuindo-a a um bode expiatório, o sátrapa –, há uma evidência externa de sua participação: Diodoro atesta que Mausolo ajudou os rebeldes com o envio de uma tropa naval (HORNBLLOWER, 2011, p. 272).

²³⁴ Região localizada no sudoeste da Ásia Menor, pertencente ao império persa (*OCD*, s.v. *Caria*).

²³⁵ Vide n. 198.

²³⁶ A tropa de Cares era constituída por mercenários, cuja maior parcela do pagamento era feita por ele próprio (*OCD*, s.v. *Chares*).

²³⁷ Sátrapa da Frígia Helespôntica (HORNBLLOWER, 2011, p. 272), estava em revolta contra o rei da Pérsia. Sua revolta é considerada a quarta fase da Revolta dos Sátrapas. Durante a revolta, Artabazus contratou os mercenários de Cares, mas diante da intervenção do Grande Rei, precisou recorrer aos mercenários tebanos (BOARDMAN et al., 2006, p. 89).

²³⁸ HORNBLLOWER, 2011, p. 272-273. Atenas teve que reconhecer a independência de seus antigos aliados: Quios, Rodes, Cos e Bizâncio (SEALEY, 1993, p. 107).

Em seguida, Demóstenes apresenta seu argumento para ajudar os ródios: Atenas deve fazer isso em benefício da democracia, inimiga natural da oligarquia. O orador alega que, se eles permitirem que as oligarquias se estabeleçam por toda a Grécia, a própria forma de governo ateniense correrá perigo. Em torno desse argumento central, Demóstenes profere um discurso em tom emocional, buscando sensibilizar sua audiência ao perigo que a democracia está correndo. É interessante, nesse discurso, o uso patético que o orador faz de palavras que possuem força dentro do contexto democrático, como δῆμος, πολιτεία e ἐλευθερία²³⁹.

Segundo MacDowell, Demóstenes apresentou os melhores argumentos disponíveis para apoiar a intervenção em Rodes, mas os atenienses não acolheram seu conselho, e Rodes permaneceu sob o domínio da Cária²⁴⁰.

2.4.2. Tradução

(1) Penso, senhores atenienses, que, ao decidirdes sobre tão importantes acontecimentos, deveis conceder liberdade de expressão a cada um dos que decidem junto de vós. Eu jamais considerei difícil aconselhar o melhor a vós (pois, para dizer francamente, vós todos me pareceis ser os primeiros a conhecê-lo), mas sim persuadir-vos a executá-lo. Pois cada vez que algo é discutido e é votado, nesse momento, está de igual modo tão longe de ser executado quanto estava antes de ser discutido. (2) Portanto, um dos motivos pelos quais eu acredito que vós deveis gratidão aos deuses é o fato de aqueles que, por insolência deles próprios, contra vós guerrearam há não muito tempo, agora, em vós apenas, terem a esperança da própria salvação. É justo vos alegrardes com a presente oportunidade, pois, caso decidais aquilo que convém em relação a ela, ocorrerá para vós, com essa atitude somada à vossa boa reputação, a possibilidade de vos livrar das calúnias daqueles que blasfemam contra a nossa cidade. (3) Pois acusaram-nos de tramar contra eles próprios quietas e bizantinos e ródios, e, por causa disso, estabeleceram contra nós essa última guerra aqui²⁴¹. Tornar-se-á visível, por um lado, que, depois de propor essas medidas e os persuadir, Mausolo, afirmando ser amigo dos ródios, retirou a liberdade deles; e, por outro lado, que, mostrando-se aliados, os quietas e os bizantinos, nas adversidades deles não os

²³⁹ Governo do povo, forma de governo dos cidadãos e liberdade. Sobre o efeito emocional dessas palavras, vide p. 55-57.

²⁴⁰ MACDOWELL, 2009, p. 223.

²⁴¹ Guerra Social.

ajudaram, (4) enquanto vós, os quais eles temiam, sois para eles, dentre todos, os únicos responsáveis pela sua salvação. E, do fato de isso ser visto por todos, fareis com que muitos homens, em todas as cidades, tomem isso como um símbolo da salvação deles próprios, caso sejam vossos amigos. Não poderia ocorrer para vós um bem maior do que, da parte de todos aqueles que agem de bom grado, obter uma benevolência insuspeita.

(5) Me surpreende que eu veja os mesmos indivíduos que, em defesa dos egípcios, persuadiam a cidade a fazer oposição ao rei²⁴², temerem agora este homem em defesa do governo do povo dos ródios. Por certo, todos sabem que estes são helenos enquanto os outros são uma parte do império daquele homem. (6) Eu penso que alguns de vós lembram que, quando deliberáveis sobre os assuntos concernentes ao rei, aproximando-me primeiro, eu vos recomendei, e penso também que fui o único ou o segundo a dizer, que a mim pareceríeis prudentes se não fizésseis da inimizade com aquele homem o pretexto para vos preparardes para a guerra, mas vos preparásseis para vossos inimigos já existentes, e também vos defendésseis daquele homem caso ele tentasse vos injustiçar²⁴³. E eu não disse isso enquanto não vos parecia que eu falava corretamente, mas também a vós isso agradava. (7) Pois bem, o discurso de agora é para mim consequência daquilo que foi dito naquele momento. Pois eu, se o rei, junto dele próprio, me fizesse conselheiro, a ele recomendaria o mesmo que a vós: em defesa dos seus próprios interesses guerrear, caso algum dos helenos se opusesse a ele, e, daquilo que não lhe diz respeito, nada disso reivindicar desde o início. (8) Portanto, se, por um lado, estais decididos, senhores atenienses, a abandonar completamente tantas cidades de quantas o rei possa se tornar senhor ao tomar a dianteira ou enganar alguns dos que vivem nessas cidades, não estais decidindo bem, como eu julgo. Se, por outro lado, em defesa dos direitos, tanto guerrear, caso haja necessidade disso, como sofrer o que quer que seja, pensais ser preciso, em primeiro lugar, menos necessidade disso tereis quanto mais decididos a isso estiverdes, e, em seguida, dareis a impressão de serdes sensatos em relação ao que vos é conveniente.

²⁴² O Egito foi conquistado por Cambises, rei da Pérsia, em 525 a.C. (HORNBLLOWER, 2011, p. 68).

²⁴³ Demóstenes refere-se ao discurso *Sobre as Simorias* (Dem. 14), proferido em 354/3 a.C., no qual aconselha os atenienses a não guerrear contra o Rei da Pérsia, mas a se prepararem financeiramente para enfrentar seus potenciais inimigos na Grécia (Dem. 14.10). Trevett (2011, p. 263, n. 18) afirma que, embora Demóstenes diga que seu conselho agradou os atenienses naquela ocasião, seus conselhos não dissuadiram os atenienses de guerrear contra o rei da Pérsia, e suas orientações para reorganização financeira de Atenas não foram acatadas.

(9) Como nada novo nem eu estou falando agora, exortando-vos a libertar os ródios, nem vós, caso sejais persuadidos por mim, estareis fazendo, de alguns dos fatos que aconteceram e que foram proveitosos vos lembrarei. Certa vez, vós enviastes Timóteo, senhores atenienses, para ajudar Ariobarzanes²⁴⁴, incluindo em vossa decisão o trecho “não violando o tratado com o rei”²⁴⁵. Vendo aquele que o Ariobarzanes claramente se afastava do rei e que Samos estava sendo vigiada por Ciprótemis, que Tigranes, o governador do rei, colocou ali, ao primeiro abandonou a ideia de ajudar, e à outra, sitiando-a, ajudou e libertou²⁴⁶. (10) E até o dia de hoje não ocorreu uma guerra convosco por causa disso²⁴⁷. Pois ninguém faria uma guerra para ganhar vantagem do mesmo modo que faria por seus próprios bens. Mas pelo que estão perdendo, todos guerreiam até o limite possível, enquanto para ganhar vantagem não agem da mesma forma, mas se deixam levar, caso alguém permita, e, caso sejam impedidos, consideram que nenhuma injustiça cometeram aqueles que se opuseram a eles.

(11) Porque me parece que tampouco se oporia Artemísia agora a essa ação da cidade, quando esta trata dessas questões, depois de me ouvirdes um pouco, avaliai se corretamente julgo essas coisas ou não. Eu acredito que, se o rei, por um lado, estivesse executando no Egito todas as campanhas da forma como havia incitado, Artemísia com rigor, tentaria assegurar Rodes para ele, não por benevolência ao rei, mas por querer, uma vez que aquele vive perto dela, um grande favor conseguir para ele, a fim de que ele lhe desse em troca o tratamento mais familiar possível. (12) Por outro lado, se ele

²⁴⁴ A Revolta dos sátrapas, uma insurgência contra o Rei da Pérsia, teve quatro fases, que duraram vinte anos. A segunda foi conduzida por Ariobarzanes, em 388 a.C., que se recusou, diante da ordem do rei, a entregar a sua satrapia (a Frígia Helespôntica) ao seu sobrinho Artabazo, que seria o sátrapa legítimo. O rei enviou os sátrapas Mausolo, da Cária, e Autofradates da Lídia, para se oporem a Ariobarzanes, que solicitou ajuda de Atenas e da Lacedemônia, as quais enviaram tropas comandadas por Timóteo e Agesilau, respectivamente (BOARDMAN et al., 2006, p. 85).

²⁴⁵ Refere-se a Paz do Rei (vide n. 226). Atenas orientou seu general a ajudar Ariobarzanes, respeitando a paz firmada com o rei.

²⁴⁶ Percebendo que Ariobarzanes estava envolvido na Revolta dos Sátrapas, Timóteo decidiu não o ajudar e voltou seus esforços para salvar Samos, que estava sendo vigiada pelo rei, por intermédio de Ciprótemis. Samos era uma importante cidade na ilha de mesmo nome, que havia participado da Liga e Delos, ficado ao lado de Atenas na Guerra do Peloponeso e compartilhando de sua radical democracia (*OCD*, s.v. *Samos*). A ilha detinha uma posição estratégica, pois possibilitava o controle da travessia do mar Egeu, de forma que a presença de tropas persas na região enfraquecia Atenas militarmente, e, politicamente, era um desafio à habilidade ateniense de proteger as ilhas aliadas a ela da infiltração dos sátrapas (HORNBLLOWER, 2011, p. 261). Assim, Timóteo cercou a ilha, conseguiu libertá-la da influência persa e a transformou em uma clerurquia de Atenas, expulsando seus habitantes (*OCD*, s.v. *Samos*; TREVETT, 2011, p. 264, n. 22).

²⁴⁷ Os atenienses estão preocupados em iniciar uma guerra com Artemisia (viúva e sucessora de Mausolo), caso ajudem Rodes (é provável que esse argumento tenha sido usado nas deliberações sobre a questão). Demóstenes antecipa a situação em que Atenas interviu na Pérsia para fazer uma contra-argumentação: se após a libertação de Samos, o Rei da Pérsia não guerreou com Atenas por isso, nem ele, nem Artemísia vão guerrear agora se eles interferirem em Rodes (5.11-13).

está executando como dizem e tem falhado em relação ao que tentou²⁴⁸, acredito que ela consideraria que esta ilha em nada mais seria útil ao rei no momento atual – o que é verdade –, mas a seu próprio governo seria uma barreira com o propósito de nada em absoluto mudar²⁴⁹. Desse modo me parece que ela desejaria muito mais, desde que ela não ceda visivelmente, que vós vos apoderásseis da ilha do que aquele a tomasse. Portanto, penso que ela mesma não enviará ajuda, e, se acaso fizer isso, será de maneira negligente e insuficiente. (13) Como, particularmente em relação ao rei, o que quer que, por Zeus!, ele faça, eu mesmo não poderia dizer que sei, isto eu poderia afirmar obstinadamente: que, sem dúvida, é vantajoso à cidade já esclarecer se ele reivindicará a cidade dos ródios ou não. Pois não se deve deliberar em favor de Rodes apenas, quando ele a reivindicar, mas em favor de nós mesmos e de todos os helenos.

(14) Certamente, nem se, por si próprios²⁵⁰, tivessem se apoderado da cidade aqueles ródios que estão lá agora, nem se prometessem fazer de tudo a vós, eu não teria vos recomendado tomar o lado deles. Pois eu vejo que eles, em primeiro lugar, a fim de enfraquecer o governo do povo, atraíram alguns dos cidadãos para o lado deles, e depois que realizaram isso, os expulsaram de novo. Portanto, aqueles que não se relacionam fielmente com nenhum dos dois lados, nem a vós, considero, se tornariam aliados sólidos. (15) E isso, jamais diria, em momento algum, se apenas para o governo do povo dos ródios considerasse vantajoso, pois nem sou próximo desses homens, nem nenhum deles particularmente tenho como hóspede. Certamente, nem se ambas as situações ocorressem, se eu não considerasse ser vantajoso a vós, eu não diria isso, dado que, se é possível àquele que fala em favor da salvação dos ródios dizer isso, eu na realidade também me alegro com as coisas que acabaram de acontecer com eles. Pois eles, tendo se ressentido contra vós pelo fato de recuperardes as vossas posses²⁵¹, a própria liberdade acabaram perdendo, e, embora fosse possível a eles, em pé de igualdade, aliar-se a vós, que sois helenos e melhores do que eles, a bárbaros e a escravos, os quais deixaram entrar em suas cidadelas, eles estão servindo. (16) Estou para falar, se

²⁴⁸ A Pérsia atacou o Egito em 351 a.C., mas a expedição falhou. A Pérsia vinha tentando reconquistar o Egito desde 404 a.C., mas só conseguiu realizar isso em 343/2 (BOARDMAN et al., 2006, p. 48-50, 329 e 774).

²⁴⁹ Demóstenes utiliza uma metáfora interessante aqui: ele usa a palavra ἐπιτείχιμα (fortificação, muralha), derivada do verbo ἐπιτείχιζω, que significa erguer um muro, para se referir à ilha de Rodes. A metáfora evoca a imagem da ilha surgindo como um obstáculo à Artemísia.

²⁵⁰ Demóstenes alega que a oligarquia não foi instaurada em Rodes pelos próprios ródios, mas por intermédio de Mausolo.

²⁵¹ Um dos motivos para a revolta dos aliados era o fato de Atenas utilizar os recursos da Liga para tentar recuperar suas posses (vide p. 77-78).

estiverdes dispostos a ajudá-los, que também essas coisas serão vantajosas para eles: pois, estando em boa situação, não sei bem se estariam dispostos a ser sensatos, já que são ródios, mas, tendo sido testados pelos fatos e tendo aprendido que a ignorância torna-se, para a maioria, a causa de numerosos males, é bem possível, se tiverem sorte, que se tornem mais sensatos no futuro. E não considero isso um pequeno benefício para eles. Afirmo, por certo, que é preciso tentar salvar esses homens, e não guardar rancor, pois eles têm em mente que, muitas vezes, também vós fostes enganados por aqueles que preparam armadilhas, por nenhuma das quais afirmaríeis ser justo pagar a pena²⁵².

(17) Observai também aquilo, senhores atenienses: que vós tendes travado muitas guerras, tanto contra democracias quanto contra oligarquias. E isso também vós próprios sabeis, mas por quais razões, contra cada uma delas, travais a guerra, isso talvez nenhum de vós tenha em conta. Por quais razões guerreais, então? Contra o governo do povo²⁵³, ou por reclamações privadas, quando estas não podem ser resolvidas publicamente, ou por um pedaço de terra, ou por fronteiras, ou por rivalidade ou por supremacia; já contra as oligarquias, por nenhuma dessas razões, mas pela forma de governo dos cidadãos²⁵⁴ e pela liberdade. (18) De forma que eu mesmo não hesitaria em dizer que considero ser mais vantajoso a vós guerrear contra todos os helenos que estejam vivendo em uma democracia do que ser amigos dos que estão vivendo em uma oligarquia. Pois com aqueles que são livres, não acredito que, com dificuldade, vós celebraríeis a paz, quando desejásseis; enquanto com aqueles que vivem em uma

²⁵² Em 411 ocorreu uma revolução oligárquica em Atenas que mudou o regime político da cidade (*OCD*, s.v. *Four Hundred*). Em 404, após a derrota na Guerra do Peloponeso, Atenas também viveu um período de oligarquia, imposto pela Lacedemônia, que estabeleceu o regime dos Trinta Tiranos na cidade (vide n. 114).

²⁵³ A palavra δῆμος aparece aqui em oposição ao regime oligárquico. No primeiro momento da oposição, o orador opõe democracia (δημοκρατία) a oligarquia (ὀλιγαρχία). Ao desenvolver seu argumento e explicar porque Atenas guerreia ora com uma forma de regime, ora com outra, ele já usa a palavra δῆμος para se referir à democracia, e mantém a palavra ὀλιγαρχία para se referir ao regime oposto. Como Demóstenes usa a palavra própria para democracia para se referir ao regime político e agora usa uma palavra diferente, traduzi δῆμος por “governo do povo”, como forma de captar a abrangência semântica da palavra (videp. 55-57)

²⁵⁴ Demóstenes utiliza aqui a palavra πολιτεία. Embora vários de seus sentidos remetam à forma de vida em democracia, como “condição e direitos de cidadão”, “cidadania” ou “regime democrático”, o termo possui também um sentido mais amplo: “constituição de um estado”, “forma de governo”, “regime político” (*Dicionário grego-português*, s.v. *πολιτεία*). O *Dictionnaire grec-français* traz um sentido particular do termo, empregado por Aristóteles na *Política*: “governo dos cidadãos por eles mesmos, governo republicano, tanto oligárquico como democrático” (*Dictionnaire grec-français*, s.v. *πολιτεία*). Demóstenes usa o termo, nessa passagem, em oposição ao regime oligárquico, assim como o faz em 15.20, associando-a à democracia. Mais uma vez, o orador não usa o termo próprio para designar esse regime, que ocorre apenas uma vez no discurso, também nessa passagem (vide n. 252). Assim, optei por traduzir essa palavra como “forma de governo dos cidadãos”, porque capta seu sentido mais amplo, incluindo a noção democracia.

oligarquia²⁵⁵, nem a amizade eu acredito ser confiável, pois não é possível que poucos se tornariam benevolentes com muitos e nem que aqueles que buscam comandar se tornariam benevolentes com aqueles que preferem viver com igualdade de direitos.

(19) Me surpreende que nenhum de vós está considerando, quando quiotas e mitileneus viviam uma oligarquia – e agora os ródios e quase todos os homens, eu ousaria dizer, a esta escravidão estão sendo conduzidos–, que, de certo modo, também está exposta ao perigo a forma de governo dos cidadãos que há entre nós; nem está levando em conta isto: que não há meios pelos quais, se, por meio de uma oligarquia, todas as cidades se reunirem, elas deixem intacto o governo do povo entre vós. Pois sabem que nenhuma outro povo, por sua vez, levaria o governo à liberdade. Além do mais, a fonte de onde esperam que algum mal possa surgir contra elas próprias, isto desejariam destruir. (20) Portanto, aqueles outros que causam danos a alguns devem ser considerados inimigos daqueles mesmos que sofreram maldades, enquanto os que destroem as formas de governo dos cidadãos e as transferem para uma oligarquia, eu recomendo ver como inimigos de todos os que desejam a liberdade (21) Então, também é justo, senhores atenienses, que, vivendo vós próprios em uma democracia, preocupeis-vos com os governos do povo malsucedidos, exatamente da forma como consideraríeis justo que os outros se preocupassem convosco, caso, em algum momento, algo do tipo – o que tomara que não ocorra – ocorresse por acaso convosco. E, com efeito, se alguém afirmar que os ródios sofreram o que era justo, a ocasião não é apropriada para ser exaltada, pois devem os bem-afortunados em relação aos desafortunados sempre mostrar que estão decidindo o melhor, visto que o futuro é desconhecido para todos os homens.

(22) E eu escuto muitas vezes aqui entre vós algumas pessoas dizerem que, quando o nosso governo do povo não obteve sucesso²⁵⁶, alguns consentiram em salvá-lo. Destes, apenas dos argivos serei levado a lembrar neste momento, e algo breve. Pois não desejaria que vós, que tendes a reputação de sempre salvar os desafortunados, aparecêsseis como inferiores aos argivos nessa questão, os quais, mesmo habitando uma terra vizinha à dos lacedemônios, vendo aqueles comandarem a terra e o mar, não hesitaram nem temeram mostrar que tinham benevolência por vós, mas também, quando embaixadores chegaram da Lacedemônia para, como afirmam, exigir alguns dos vossos

²⁵⁵ Demóstenes estabelece aqui uma oposição entre liberdade e oligarquia. O conceito de liberdade tem um significado especial dentro do sistema democrático de governo ateniense. Essa oposição se repete em 15.20, entre a oligarquia e todos que desejam a liberdade, ou seja, os democratas.

²⁵⁶ Demóstenes refere-se à instauração da Tirania dos Trinta em Atenas.

refugiados, decidiram por voto, caso eles não partissem antes de o sol se pôr, julgá-los como inimigos²⁵⁷. (23) Então, não é vergonhoso, senhores atenienses, que, se a maioria dos argivos não temeu o poder dos lacedemônios naquela ocasião, nem o seu exército, vós, que sois atenienses, venhais a temer um homem bárbaro e esta mulher²⁵⁸? Em verdade, aqueles homens poderiam dizer que muitas vezes foram vencidos pelos lacedemônios²⁵⁹, enquanto vós vencestes muitas vezes o rei, e não fostes vencidos nem uma única vez, nem pelos escravos do rei, nem por ele próprio. Pois se, de certo modo, o rei quase se apoderou da nossa cidade, ou o fez porque os mais perversos dos helenos e traidores deles, com dinheiro²⁶⁰, persuadiu, ou, de nenhum outro modo se apoderou dela. (24) Nem mesmo isso a ele foi vantajoso, mas descobrireis que, ao mesmo tempo, ele, por meio dos lacedemônios, tornou a nossa cidade fraca e seu próprio reino colocou em perigo diante de Clearco e Ciro²⁶¹. Então, nem se apoderou de nossa cidade abertamente, nem foi útil a ele conspirar. E eu vejo que alguns de vós, muitas vezes, dão pouca importância a Filipe, como se ele não fosse digno de algum respeito, enquanto, por outro lado, temem o rei, como se fosse um forte inimigo a quem quer que ele eleja como tal²⁶². E se um, porque é insignificante, não iremos repelir, e ao outro, porque é assustador, tudo cederemos, contra quem, senhores atenienses, nos posicionaremos em batalha?

(25) E há alguns entre vós, senhores atenienses, extraordinariamente hábeis em falar o que é justo em favor de outros diante de vós. A estes eu, ao menos, recomendaria apenas essa pequena atitude: buscar falar o que é justo em favor de vós diante dos outros, a fim de que eles próprios se mostrem como os primeiros a fazer o que é apropriado – porque é estranho que sobre o que é justo, vos instrua quem não faz o que é justo. Pois não é justo que, sendo um cidadão, ele prepare os argumentos contra vós,

²⁵⁷ Durante a Tirania dos Trinta, regime oligárquico estabelecido em Atenas pelos lacedemônios no final da Guerra do Peloponeso, os atenienses buscaram refúgio em outras cidades gregas. Os lacedemônios exigiram que os atenienses exilados na Grécia fossem entregues aos Trinta, sob pena de multa de cinco talentos. Com exceção de Argos, primeira cidade a oferecer asilo aos atenienses, todos concordaram com a exigência dos lacedemônios, por temerem o poder deles (D.S. 14.6).

²⁵⁸ Artemísia.

²⁵⁹ Argos fora derrotada pelos lacedemônios, sob o reinado de Cleomeles (vide n. 118).

²⁶⁰ A Pérsia ajudou financeiramente a Lacedemônia, durante a Guerra do Peloponeso (HORNBLOWER, 2011, p. 159).

²⁶¹ Após o fim da Guerra do Peloponeso, em 401 a.C., Ciro, príncipe da Pérsia e irmão do Rei Artaxerxes, tentou tomar o trono, com a ajuda de mercenários gregos comandados por Clearco, um oficial lacedemônio, mas não obteve sucesso (*OCD*, s.v. *Cyrus* e *Clearchus*).

²⁶² Demóstenes já demonstra sua preocupação com Filipe II, rei da Macedônia, contra quem incitou os atenienses em vários dos seus discursos. Em seu primeiro discurso deliberativo, *Sobre as Simorias*, Demóstenes já acreditava que o Rei da Pérsia não oferecia perigo aos atenienses, razão pela qual os aconselhou a se preparar financeiramente para lutar contra seus inimigos reais na Grécia.

mas não aqueles em vosso benefício. (26) Então vamos!, examinai, pelos deuses, por que nunca, em Bizâncio, houve alguém para aconselhar sesu habitantes a não dominar a Calcedônia, que pertence ao rei; embora estivesse sob vosso domínio, e de modo algum fosse conveniente a eles; nem a Selímbría, cidade que, no passado, era vossa aliada, de modo que eles próprios a tornem contribuinte e anexem o território dela ao dos bizantinos, contra os juramentos e tratados, nos quais está escrito que as cidades são independentes?²⁶³ (27) Nem a Mausolo, quando vivo, nem, quando aquele morreu, a Artemísia houve alguém para instruí-la a não dominar Cós e Rodes e outras diversas cidades helênicas, as quais o rei, que era senhor delas, em conformidade com os tratados, perdeu para os helenos, e pelas quais por muitos perigos e belas disputas os helenos daqueles tempos passaram. E então, mesmo se alguém falar a ambos, ainda assim, como parece, não há quem seja persuadido disso. (28) E eu acredito ser justo trazer de volta para a ilha o governo do povo dos ródios, mas, mesmo se não fosse justo, quando eu olho para as coisas que estes homens estão fazendo, eu penso que é apropriado recomendar trazê-lo de volta. Por quê? Por que, quando todos, senhores atenienses, se dispõem a fazer o que é justo, é vergonhoso apenas nós não querermos. Por outro lado, quando todos os outros estão dispostos a poder cometer injustiças, considero que apenas nós tendermos para o justo, mas não repreendermos a ninguém, não é justiça, mas covardia, pois eu vejo que todos, conforme seu poder atual, se julgam dignos de justiça. (29) Eu também tenho exemplos disso para falar, familiares a todos vós. Dois tratados os helenos têm com o rei, os quais celebrou nossa cidade e que todos elogiam²⁶⁴. Depois disso, mais tarde, os lacedemônios fizeram estes, que todos certamente desaprovam²⁶⁵. E os mesmos direitos não estão definidos nesses dois grupos. Pois, em relação aos direitos individuais, segundo as formas de governo dos cidadãos, as leis concederam participação comum e igual tanto para os fracos quanto para os

²⁶³ Segundo Trevett (2011, p.270, n. 46 e 47), Bizâncio controlava a passagem do Mar de Mármara ao Mar Egeu, e ficava ao lado oposto da Calcedônia, que havia sido membro do império ateniense no sec. V, assim como a Selímbría, que se localizava a oeste de Bizâncio, na costa norte do Mar de Mármara.

²⁶⁴ É possível que se trate da Paz de Cálías, tratado celebrado entre Atenas e Pérsia ao final das Guerras Persas, em 449 a.C. (CARY, 1945, p. 87). Algumas evidências sugerem que a data do tratado é 449, outras, 460, sugerindo que o tratado de 449 fosse uma renovação dos termos da paz (*OCD*, s.v. *Callias, Peace of*). Isso explicaria por que Demóstenes se refere a esse tratado no plural: “εἰσὶ συνθήκαι τοῖς Ἑλλησι διτταὶ πρὸς βασιλέα, ἃς ἐποίησαθ’ ἢ πόλις ἢ ἡμετέρα, ἃς ἅπαντες ἐγκωμιάζουσι [...]”.

²⁶⁵ Paz do Rei (vide n. X). Hornblower (2011, p. 192) também menciona a renovação desse tratado em 375 a.C., justificando também o uso do plural por Demóstenes aqui: “καὶ μετὰ ταῦθ’ ὕστερον Λακεδαιμόνιοι ταύτας ὅν δὴ κατηγοροῦσι [...]”.

fortes, enquanto em relação aos direitos dos helenos, os poderosos limitam os mais fracos²⁶⁶.

(30) Pois bem, visto que cabe a vós decidir fazer o justo, é preciso observar, de que modo podereis executá-lo. E isso acontecerá se fordes bem acolhidos como os defensores comuns da liberdade de todos. E, com razão, me parece ser mais difícil para vós executar o que é necessário. Pois, para todos os outros homens existe um só combate, aquele contra seus inimigos manifestos. Se eles os dominarem, nada os impedirá de serem donos dos benefícios. (31) Já para vós, senhores atenienses, existem dois: este, que também existe para os outros, e adiciona-se um outro a este, mais antigo e mais importante – pois é preciso que, decidindo, vós domineis aqueles entre vós que escolheram agir contrariamente à cidade. Então, quando é impossível, por causa deles, que o que é necessário aconteça sem esforço, ocorre, com razão, de vós errardes em muitas ações. (32) Realmente, do fato de muitos, sem medo, preferirem essa posição à forma de governo dos cidadãos, talvez os benefícios daqueles que os pagam sejam, sobretudo, as causas. Mas também alguém poderia, com razão, considerar-vos os causadores. Pois era preciso, senhores atenienses, que vós tivésseis a mesma precaução em relação a vossa posição no governo dos cidadãos, que aquela tendes em relação às campanhas militares. Então o que é essa precaução? Vós pensais ser conveniente que aquele que abandona a posição designada pelo general perca sua condição de cidadão²⁶⁷ e de nenhum dos direitos comuns participe. (33) Pois bem, era preciso que também aqueles que abandonam a sua posição no governo dos cidadãos, transmitida pelos ancestrais, e que governam de forma oligárquica perdessem a condição de cidadania de decidir ao lado de vós próprios. E na realidade, dos aliados, aqueles que juraram ter o mesmo inimigo e amigo que vós, considerais mais benevolentes, enquanto dos que governam, aqueles que sabeis claramente que decidiram ser inimigos de nosa cidade, estes considerais os mais confiáveis.

(34) Mas, na verdade, aquilo com que alguém acusará esses políticos ou repreenderá o resto de vós, não é difícil conseguir, mas sim conseguir este feito: a partir de que tipo de argumento ou de que tipo de atitude se corrigirá aquilo que agora não está certo; e, talvez, não seja apropriado no momento presente falar sobre tudo, mas se

²⁶⁶ Nesse trecho, Demóstenes parece usar o termo *πολιτεία* para se referir aos tratados celebrados entre Atenas – uma democracia – e o rei da Pérsia.

²⁶⁷ Demóstenes usa o termo *ἄτιμος* aqui, que tem uma noção forte na democracia ateniense. A *ἀτιμία* era uma pena que privava o cidadão de seus direitos como tal. Em Atenas, a pena poderia ser temporária ou se limitar a apenas alguns direitos (*OCD*, s.v. *atimia*).

fordes capazes de sancionar, com uma atitude vantajosa, o que escolhestes, talvez também as outras coisas poderiam, uma após a outra, se tornar melhores. (35) Portanto, eu penso ser necessário que vós vos agarreis com força a essas questões, e realizeis feitos dignos da cidade, levando em consideração que vos alegrais em ouvir, quando alguém louva os vossos antepassados e conta os feitos realizados por eles e enumera seus troféus. Pois bem, considerai que estes troféus, vossos antepassados os erigiram não para que, contemplando-os, os admirásseis, mas para que imitásseis as virtudes daqueles que os erigiram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários:

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1957.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Tome I. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

HORNBLOWER, Simon, SPAWFORTH, Anthony (edd.) *The Oxford Classical Dictionary (OCD)*. Revised Third Edition. New York: Oxford University Press, 2003.

JONES, Peter V (org.). *O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. Tradução de Ana Lia de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Greek-english lexicon*. Oxford: New York: Oxford University Press, 1891.

MALHADAS, Daisi, DEZOTTI, Maria Celeste C. et alli (orgs.). *Dicionário grego-português*. 5 volumes. Cotia: Ateliê Editorial, 2006 (vol. 1), 2007 (vol. 2), 2008 (vol. 3), 2009 (vol. 4), e 2010 (vol. 5).

PABÓN, J. M. *Diccionario manual griego*. Griego clásico-español. Madrid: Vox, 1967.

Textos Antigos

ANONYMOUS SEGUERIANUS. *The art of political speech*. Introduction, text & translation by Mervin R. Dilts & George A. Kennedy. Leiden, New York, Köln: Brill, 1997.

APSINES. *Art of rhetoric*. Introduction, text & translation by Mervin R. Dilts & George A. Kennedy. Leiden, New York, Köln: Brill, 1997.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego por Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTOTLE. *Rhetoric*. Translated by George A. Kennedy. Oxford and New York: Oxford University Press, 2007.

_____. *Retórica*. Tradução e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

DEMETRIUS. *On Style*. Introduction, translations, facsimiles, etc. by W. Rhys Roberts. Londres: Cambridge University Press, 1902.

DEMÉTRIO. *Sobre o estilo*. Tradução de Gustavo Araújo de Freitas. Belo Horizonte: UFMG, dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

DEMÓSTENES. *Discursos políticos I*. Tradução e Notas por A. López Eire. Madri: Editorial Gredos, 1993.

DEMÓSTENES. *Sobre a Paz*. Introdução, tradução e notas de Lívia Medeiros de Albuquerque e Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha. *Revista Tranlatio*. Porto Alegre, n. 12 (dezembro), p. 63-82, 2016.

DEMOSTHENES. *Speeches 1-17*. The Oratory of Classical Greece, vol. 14. Translation by Jeremy Trevett. Austin: University of Texas Press, 2011.

DEMOSTHENIS. *Orationes I* (Oxford Classical Texts). Oxford University Press, 2002.

DIODORUS SICULUS. *The Persian Wars to the fall of Athens*. Books 11-14.34 (480-401 BCE). Translated with introduction and notes by Peter Green. Austin: University of Texas Press, 2010.

HERMOGENES. *On invention*. Edited by Hugo Rabe, with introduction, translation and notes by George A. Kennedy. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Translated by W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. Vol II. London: William Heinemann, 1926.

PLATÃO. *Górgias*. Tradução, ensaio introdutório e notas de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2011.

PLUTARCO. *Vidas paralelas – Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas: Marta Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

XENOPHON. *Hellenica: Books VI & VII*. Translated by Carleton L. Brownson. London: William Heinemann, 1921.

Textos Modernos

ALBUQUERQUE, Lívia M; ROCHA, S. L. R. 'Introdução e notas', in DEMÓSTENES. *Sobre a Paz*. Introdução, tradução e notas de Lívia Medeiros de Albuquerque e Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha. *Revista Tranlatio*. Porto Alegre, n. 12 (dezembro), 2016.

BOARDMAN, John, HORNBLOWER, Simon, LEWIS, D. M. & OSTWALD, M. *The Cambridge ancient history*. Vol. VI: The Fourth Century BC. Cambridge University Press, 1994.

BUCK, Robert J. *A history of Boeotia*. Edmonton: The University of Alberta Press, 1979.

CANFORA, Luciano. *O mundo de Atenas*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

- CAREY, Christopher. Rethorical means of persuasion. In: WORTHINGTON, Ian (org.). *Persuasion – Greek rhetoric in action*. London: Routledge, 1994.
- CARY, M. The peace of Callias. *The Classical Quarterly*. vol. 39, n. 3/4, p. 87-91, 1945.
- DENNISTON, J. D. *The greek particles*. 2. Ed. Londres: Oxford University Press, 1954.
- DILTS, M. R.; KENNEDY, G. A. *Two greek rhetorical treatises from the Roman Empire*. Introduction, text & translation of the Arts of Rhetoric attributed to Anonymous Seguerianus & to Apsines of Gadara. Leiden, New York, Köln: Brill, 1997.
- DOVER, K. J. *Greek word order*. Cambridge University Press, 1960.
- DUARTE, Adriane da Silva. Por uma história da tradução dos clássicos no Brasil. *Revista Translatio*, Porto Alegre, n. 12 (dezembro), p. 43-62, 2016.
- FORTENBAUGH, William W. Aristotle's practical side. Leiden: Brill, 2006.
- FREITAS, Gustavo Araújo de. *Sobre o estilo de Demétrio: um olhar crítico sobre a Literatura Grega*. Belo Horizonte: UFMG, dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- GAGARIN, Michael. 'Introduction to Demosthenes', in DEMOSTHENES. *Speeches 1-17*. The Oratory of Classical Greece, vol. 14. Translation by Jeremy Trevett. Austin: University of Texas Press, 2011, p. 1-5.
- GOODSPEED, George S. *The Persian Empire from Darius to Artaxerxes*. The Biblical World, vol. 14, n. 4, p. 251-257, 1899.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich (1948). *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.
- HACK, Harold M. Thebes and the Spartan hegemony, 386-382 B.C. *The American Journal of Philology*, Vol. 99, n. 2, p. 210-227, 1978.
- HAMMOND, N. G. L. Political developments in Boeotia. *The Classical Quarterly*, vol. 50, n. 1, p. 80-93, 2000.
- HORNBLOWER, Simon. *The greek world, 479-323 BC*. 4th Ed. New York, Routledge, 2011.
- KENNEDY, George. *A New history of classical rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

_____. 'Introduction and notes', in ARISTOTLE. *Rhetoric*. Translated by George A. Kennedy. Oxford and New York: Oxford University Press, 2007.

_____. 'Introduction and notes', in HERMOGENES. *On Invention*. Edited by Hugo Rabe, with introduction, translation and notes by George A. Kennedy. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

_____. Some recent controversies in the study of later rhetoric. *The American Journal of Philology*, vol. 124, n. 2, p. 295-301, 2003.

_____. *The art of persuasion*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

KREMMYDAS, Christos. Demosthenes' Philippics and the art of characterisation for the Assembly. In: DERRON, Pascale (ed.). *La Rhétorique du Pouvoir: Une exploration de l'art oratoire délibératif grec*. Vandœuvres: Fondation Hardt, 2016.

MACDOWELL, Douglas M. *Demosthenes The orator*. New York: Oxford University Press, 2009.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NIETZSCHE, F. Curso de retórica. *Cadernos de Tradução*, São Paulo, n. 4, p. 29-69, 1999.

O'ROURKE, Sean Patrick. Apsines of Gadara. In: BALLIF, Michelle; MORAN, Michael G., (eds.) *Classical Rhetorics and Rhetoricians: Critical Studies and Sources*. Westport: Praeger, 2005.

OUSTINOFF, Michael (1956). *Tradução: história, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ROBERTS, W. Rhys. 'Introduction and notes', in DEMETRIUS. *On Style*. Introduction, translations, facsimiles, etc. by W. Rhys Roberts. Londres: Cambridge University Press, 1902.

RORTY, A. O. Structuring rhetoric. In: RORTY, A. O (ed.). *Essays on Aristotle's Rhetoric*. Berkley: University of California Press, 1996.

ROY, James. The urban layout of Megalopolis in its civic and confederate context. *British School at Athens Studies*, vol. 15, 2007, p. 289-295.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Tradução, ato desmedido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SEALEY, Raphael. *Demosthenes and his time: a study in defeat*. New York: Oxford University Press, 1993.

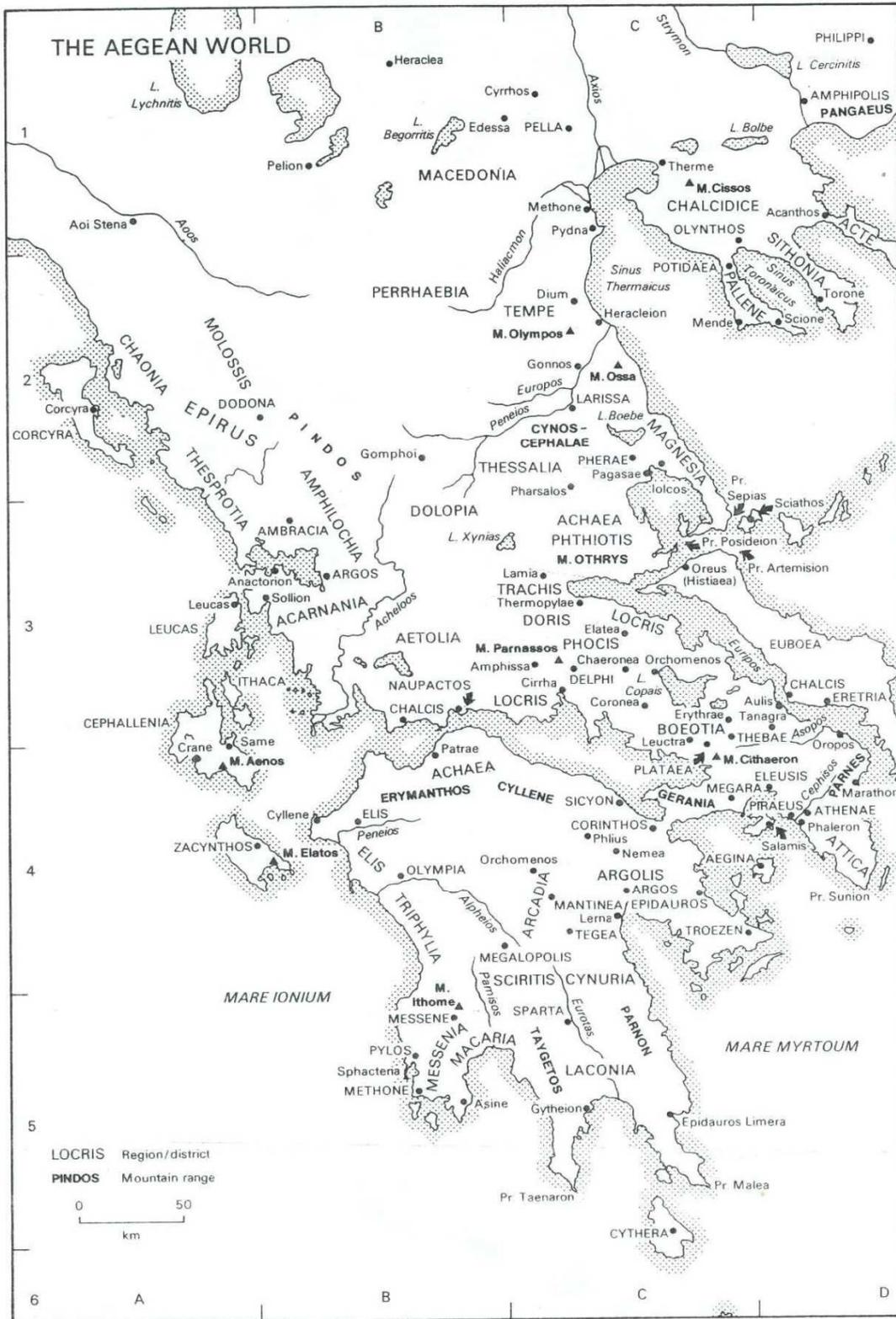
SOLMSEN, Friedrich. The aristotelian tradition in ancient rhetoric. *The American Journal of Philology*, vol. 62, n. 1, 1941, p.35-50.

TALBERT, Richard J. A. (ed.). *Atlas of classical history*. London: Routledge, 2003.

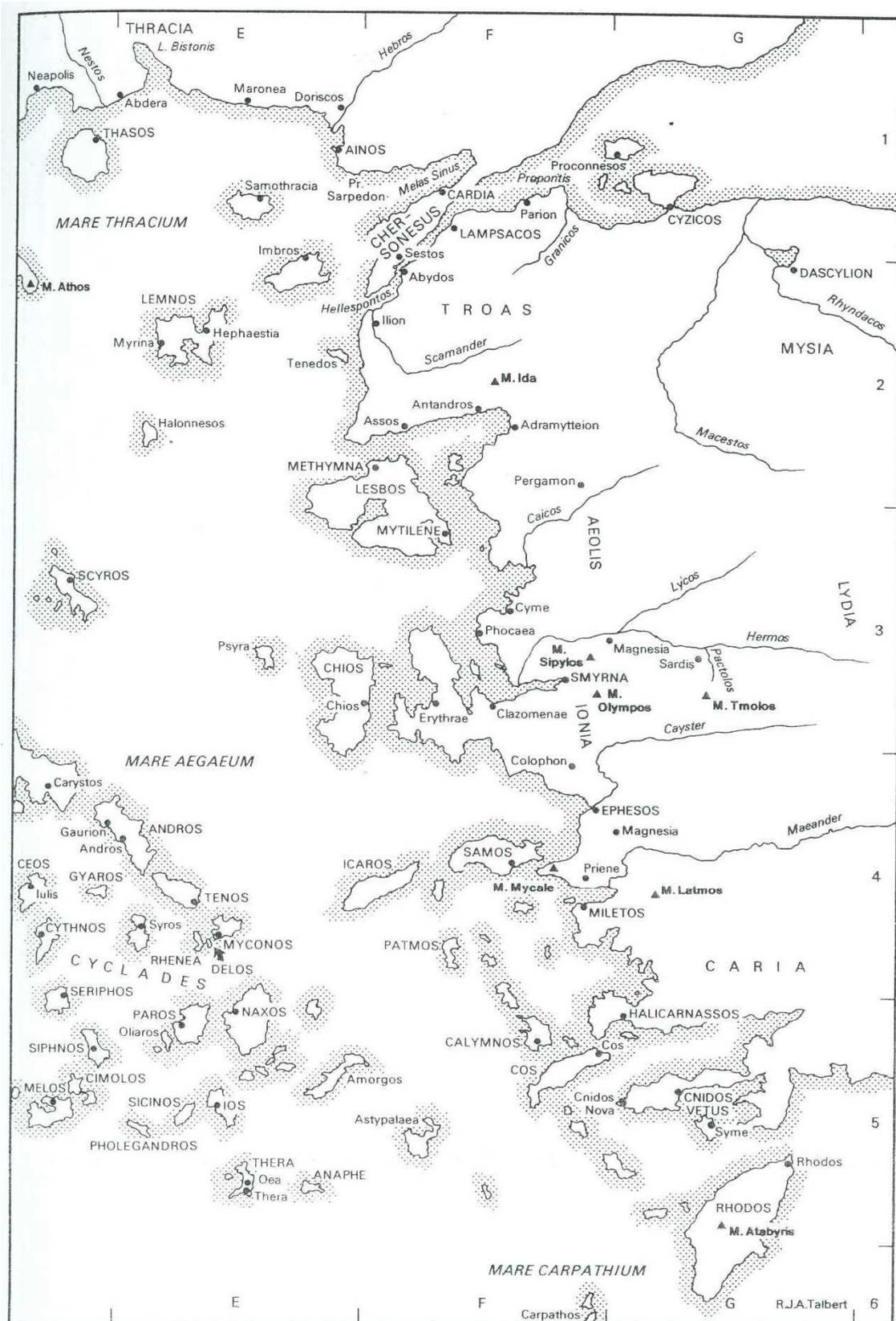
TREVETT, J. C. Aristotle's Knowledge of Athenian Oratory. *The Classical Quarterly*, Vol. 46, n. 2, 1996, p. 371-379.

WORTHINGTON, Ian (org.). *Demosthenes: statesman and orator*. London: Routledge, 2001.

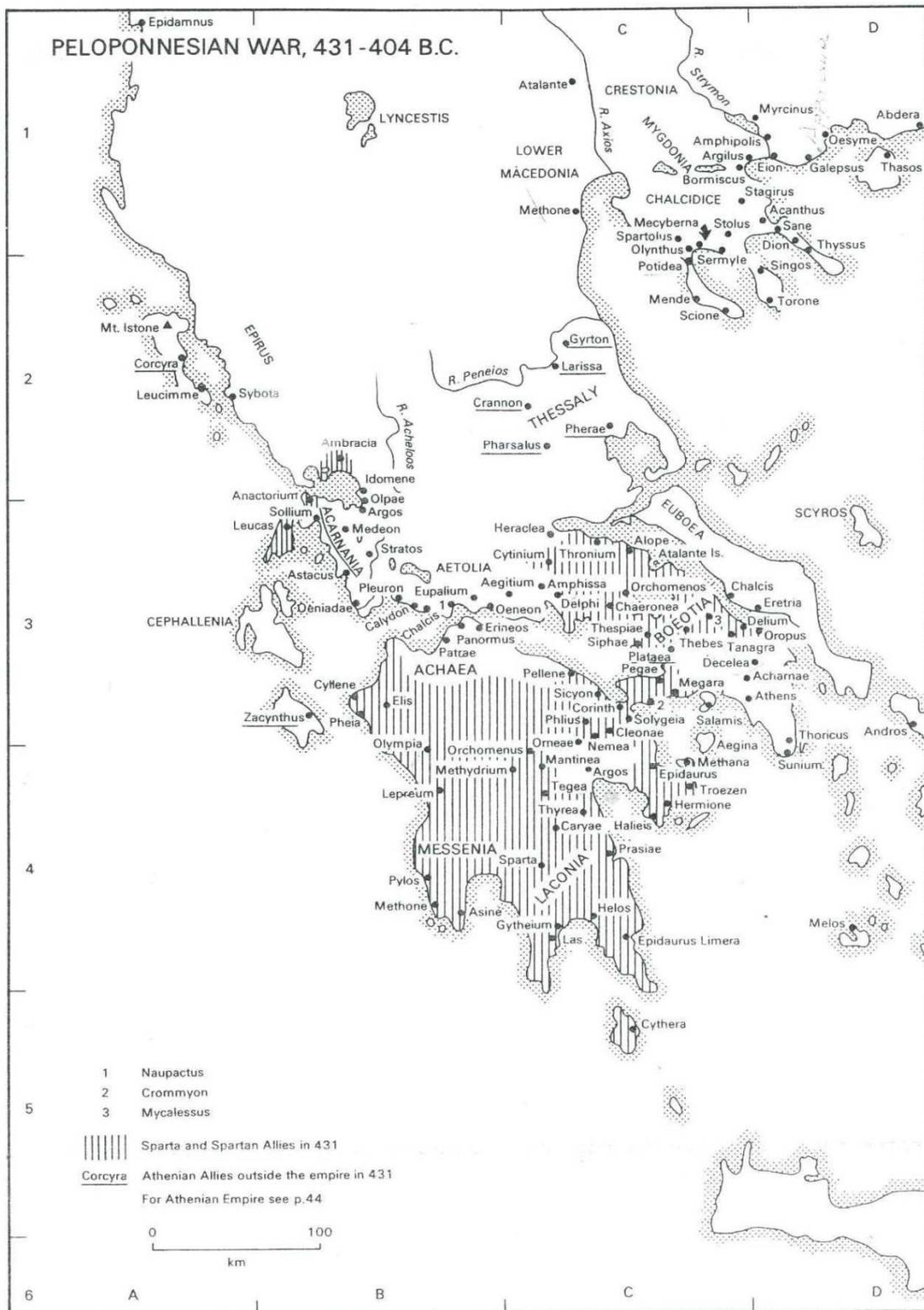
APÊNDICE A: Mapas



Mapa 1: Grécia, Mar Egeu (TALBERT, 2003, p. 30)



Mapa 2: Grécia, Mar Egeu e oeste da Ásia Menor (TALBERT, 2003, p. 31)



Mapa 3: Grécia, Guerra do Peloponeso (TALBERT, 2003, p. 46)



Mapa 4: Grécia, Segunda Liga Ateniense (TALBERT, 2003, p. 60)

APÊNDICE B: Links das traduções de oratória grega em português

1) Antifonte:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-26012016-133014/pt-br.php>

<http://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/3761>

2) Isócrates:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-22052014-103653/pt-br.php>

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-30052011-160323/pt-br.php>

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-27092012-091644/pt-br.php>

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-02122016-141549/en.php>

3) Lísias:

https://www.academia.edu/5544672/DISSECANDO_CONTRA_ERATÓSTENES_DE_LÍSIAS_À_LUZ_DO_MODELO_DE_CÓRAX_E_DO_LIVRO_I_DA_REPÚBLICA_DE_PLATÃO (referência à tradução)

4) Iseu:

<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/29851/7/Discursos%20VI.pdf>

5) Ésquines:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-20072016-190143/pt-br.php>

6) Licurgo:

https://pombalina.uc.pt/files/previews/56479_preview.pdf

7) Demóstenes:

https://digitalis.uc.pt/en/livro/contra_neera_dem%C3%B3stenes_59

<https://alpha.sib.uc.pt/?q=content/dem%C3%B3stenes-fil%C3%ADpicas-i-e-ii>

<https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=191020>

<http://www.emartinsfontes.com.br/tres-filipicas-as-oracao-sobre-as-questoes-da-quersoneso-p21855/>

<http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/69407>